

SIMONE MARIA HÜNING

Tese

**O SUJEITO BIOTECNOLÓGICO NA VIAGEM PELO
REINO DAS BATATAS TRANSGÊNICAS,
PORQUINHOS FOSFORESCENTES E ALMAS
CODIFICADAS**

PORTO ALEGRE

2008

SIMONE MARIA HÜNING

**O SUJEITO BIOTECNOLÓGICO NA VIAGEM PELO REINO DAS
BATATAS TRANSGÊNICAS, PORQUINHOS FOSFORESCENTES E
ALMAS CODIFICADAS**

Tese de Doutorado em Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Faculdade de Psicologia

Orientadora: Professora Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi

Porto Alegre

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H937s Hüning, Simone Maria

O sujeito biotecnológico na viagem pelo reino das batatas transgênicas, porquinhos fosforescentes e almas codificadas / Simone Maria Hüning. – Porto Alegre, 2008.

143 f.

Tese (Doutorado) – Fac. de Psicologia, PUCRS
Orientador: Profa. Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi

1. Subjetividade. 2. Biotecnologias. 3. Psicologia.
4. Biopolítica. I. Título.

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779

BANCA EXAMINADORA

Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi (PUCRS) – Orientadora

Dra. Heliana Barros de Conde Rodrigues (UERJ)

Dr. Arthur Arruda Leal Ferreira (UFRJ)

Dra. Rosane Azevedo Neves da Silva (UFRGS)

Dr. Marcos Villela Pereira (PUCRS)

Aos meus pais Luiz e Clarice.

O presente trabalho foi financiado pelo CNPq, uma entidade do Governo Brasileiro voltada ao desenvolvimento científico e tecnológico.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, agência de fomento à pesquisa, pela bolsa durante todo o período de doutorado no Brasil e pela bolsa de Doutorado Sanduíche no Exterior.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUCRS, através de sua coordenação e secretaria.

Ao Instituto de Psicologia Social da London School of Economics and Political Science – LSE, através de seus professores e funcionários.

À minha orientadora, Neuza Guareschi, por sua máxima pedagógica “Larga a velha e vai pra zona... mas volta”, por permitir e incentivar viagens exploratórias e gerenciar de forma brilhante as minhas crises intelectuais durante essas viagens. Por me fazer abandonar os lugares estáveis e explorar as possibilidades “porque há vãos mais altos do que os que saem do Salgado Filho”. Pelas ‘lições’ de resistência e a orientação de que, às vezes, “é preciso esquecer o doutorado”.

Ao professor Dr. Pedrinho Guareschi pela confiança e apoio para a obtenção da bolsa de doutorado sanduíche no exterior.

Ao professor Dr. Derek Hook, que me recebeu como co-orientador pelo período de um ano durante a realização do estágio-sanduíche, no Instituto de Psicologia Social da London School of Economics and Political Science LSE.

Aos membros de minha Banca de Qualificação: Profa. Dra. Heliana B. Conde Rodrigues (UERJ), Profa. Dra. Rosane A. Neves da Silva Neves (UFRGS) e Profa. Dra. Ruth Gauer (PUCRS).

Ao membros da Banca de Defesa: Prof. Dr. Arthur A. Leal Ferreira (UFRJ), Profa. Dra. Heliana B. Conde Rodrigues (UERJ), Prof. Dr. Marcos Villela Pereira (PUCRS), Profa. Dra. Rosane A. Neves da Silva (UFRGS).

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Modos de Subjetivação que participaram de minha caminhada, contribuindo para as reflexões aqui desenvolvidas. Especialmente à cúmplice no doutorado, Patrícia Flores, pelas contribuições teóricas e amizade compartilhada.

Aos bolsistas do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Modos de Subjetivação. Meu obrigada especial às amigas Carol Reis, Thaís Bennemann e Letícia Bertuzzi, pela paciência e pelos inúmeros assessoramentos.

Aos colegas e amigos da LSE, especialmente Eri Park, Dimitris Thomopoulos, Jacqueline Crane, Katarina Keresztesova, Mohammad Sartawi, Parisa Dashtipour e Stavroula Tsirogianni, pela acolhida calorosa, regada a 'pints' quentes, nas terras frias da Rainha.

Aos amigos especiais descobertos durante essa viagem que estiveram sempre disponíveis para me acompanhar, trazendo inspiração e a enchendo de vida: Bárbara Rocha, Bruno Greff, Gabriel Vallejo, Gisele Dhein, Júlio César Hoenisch, Lutiane Lara, Marta do Valle Faria e Ronie Da Silveira. Para vocês as palavras de Fernando Pessoa: "Absurdemos a vida, de leste a oeste."

Às 'amigas maduras' Inês Henningen e Denise Prehn.

À minha família, por compreender minhas ausências nesse período e por suas palavras de incentivo a não prolongar meu doutorado: "Ah, então você é estudante, ainda não trabalha"; "Então você tem tempo, já que só estuda"; "Mas você não trabalha?"; "Quando é que você vai ter um emprego?"... Ao meu irmão Gustavo Hüning, por 'tolerar' os livros espalhados pela casa e as invasões de amigos viajantes, especialmente nestes últimos meses de escrita.

À família Guareschi/Paiva, (Neuza, Glênio, Maria Rita e Pedro), um agradecimento muito especial pelo carinho, amizade, apoio e disponibilidade constantes.

A Fernando Pessoa, pela companhia nos momentos de desassossego.

Aos pioneiros das biotecnologias que inventaram a cerveja, que coloriu momentos de fundamental importância para a realização deste doutorado, compartilhados com estes e outros parceiros e amigos, que embora não estejam aqui nomeados, foram companheiros dessa viagem... "que também sem a cachaça, ninguém segura esse rojão!"

En resolución, él se enfrascó tanto en su lectura, que se le pasaban las noches leyendo de claro en claro, y los días de turbio en turbio; y así, del poco dormir y del mucho leer, se le secó el cerebro de manera que vino a perder el juicio. Llenósele la fantasía de todo aquello que leía en los libros, así de encantamientos como de pendencias, batallas, desafíos, heridas, requiebros, amores, tormentas y disparates imposibles; y asentósele de tal modo en la imaginación que era verdad toda aquella máquina de aquellas soñadas invenciones que leía, que para él no había otra historia más cierta en el mundo. (Cervantes, 2004, pp. 29-30)

Os classificadores de coisas, que são aqueles homens de ciência cuja ciência é só classificar, ignoram, em geral, que o classificável é infinito e portanto se não pode classificar. Mas o em que vai meu pasmo é que ignorem a existência de classificáveis incógnitos, coisas da alma e da consciência que estão nos interstícios do conhecimento.

Talvez porque eu pense de mais ou sonhe de mais, o certo é que não distingo entre a realidade que existe e o sonho, que é a realidade que não existe. E assim intercalo nas minhas meditações do céu e da terra coisas que não brilham de sol ou se pisam com pés – maravilhas fluidas da imaginação.

Douro-me de poentes supostos, mas o suposto é vivo na suposição. Alegro-me de brisas imaginárias, mas o imaginário vive quando se imagina. Tenho alma por hipóteses várias, mas essas hipóteses têm alma própria, e me dão portanto a que têm.

Não há problema senão o da realidade, e esse é insolúvel e vivo. Que sei eu da diferença entre uma árvore e um sonho? Posso tocar na árvore; sei que tenho o sonho. Que é isto, na sua verdade?

Que é isto? Sou eu que, sozinho no escritório deserto, posso viver imaginando sem desvantagem da inteligência. Não sofro interrupção de pensar das carteiras e da secção de remessas só com papel e cordéis em rolos. Estou, não no meu banco alto, mas recostado, por um promoção por fazer, na cadeira de braços redondos do Moreira. Talvez seja a influência do lugar que me unge distraído. Os dias de grande calor fazem sono; durmo sem dormir por falta de energia. E por isso penso assim. (Pessoa, 1999, p. 341)

RESUMO

Este estudo versa sobre a centralidade que as biotecnologias vêm assumindo na constituição e compreensão da subjetividade na contemporaneidade a partir de uma pesquisa que analisa a proliferação das biotecnologias e a intensificação de enunciados sobre as mesmas na vida cotidiana. Tomando as ferramentas conceituais oferecidas pelos trabalhos de Bruno Latour e Michel Foucault, inicia-se esta tese pela análise da constituição da mesma, que é permeada por questões políticas, éticas, institucionais e teóricas. Em seguida, aponta-se para transmutações que as biotecnologias vêm provocando nos modos de conceber o biológico, a vida, o corpo e o 'eu', sustenta-se que, na contemporaneidade, a biotecnologia tem se constituído em um novo dispositivo político, no sentido utilizado por Foucault. Compondo uma abordagem metodológica com base nos estudos científicos e na arqueogenealogia foucaultiana, explora-se a dispersão de enunciados sobre biotecnologias em comunicações científicas e midiáticas (retiradas de periódicos científicos, jornais, revistas, televisão e internet). Sugere-se a constituição de um modo de ser biotecnológico, ou seja, sujeitos híbridos de humanos e não-humanos compostos por substâncias orgânicas e não-orgânicas. A partir disso são analisadas as relações entre diferentes noções de subjetividade, que emergem historicamente vinculadas a campos de saber e poder, bem como racionalidades de governo. Por fim, discute-se como a psicologia participa dessa rede contemporânea em que as biotecnologias tornam-se cada vez mais importantes para a compreensão do mundo e daquilo que estamos nos tornando. Considerando as novas alianças do campo psi com as biotecnologias, são problematizadas algumas intervenções tradicionais e recentes da psicologia. Além disso, pontua-se nesta tese a contribuição de Bruno Latour e Michel Foucault para os modos de fazer pesquisa e produzir conhecimento na psicologia, frente às mudanças e desafios da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: biotecnologias, dispositivo, subjetividade, psicologia, biopolítica.

ABSTRACT

This thesis is about the central role biotechnology has played in the constitution and understanding of subjectivity in contemporary society. Initially, using conceptual ideas by Latour and Foucault, this study analyses political, ethical and institutional issues involved in the PhD research process. Then, looking at every day life elements, the research analyses the proliferation of biotechnology and the intensification of its discourses. Through combining methodologies from Science Studies and Foucauldian archaeology and genealogy, the range of discourses about biotechnology in scientific and media communications is explored. Scientific journals, newspapers, magazines, TV and internet resources were collected and analysed. Based on this research, we observe that biotechnologies are ‘transmuting’ the ways we conceive the realms of biology, life, body and “self”. Subsequently, it is argued that in contemporary society biotechnology has established itself as a new *dispositive*, in the Foucauldian sense. It is suggested that biotechnologies are making possible the constitution of a new kind of human being – a hybrid human non-human subject constituted by organic and non-organic matters and whose subjectivity will be presently called ‘biotechnological’. The relations between different notions of subjectivity are analysed pointing to the historical emergence of these concepts linked with fields of knowledge and power as well as rationalities of government. Finally, critical insights are provided regarding psychology’s participation in the contemporary network, where biotechnologies become more significant to the understanding of the world and what we are becoming. Some of the new and traditional psychological interventions are problematized based on the analysis of the alliances with biotechnologies. In all, this thesis concludes by considering the contribution of Bruno Latour and Michel Foucault towards policies of research and production of knowledge in psychology in relation to the changes of contemporary society.

Key-words: biotechnologies, dispositive, subjectivity, psychology, biopolitics.

SUMÁRIO

UMA CRÔNICA IMPERTINENTE	12
NOTAS PRELIMINARES	15
“CÉLULAS TRONCO: O QUE SÃO E PARA QUE SERVEM” SOBRE COMO REDUZIR (OU NÃO) A EXPERIÊNCIA DE UM DOUTORADO A UMA TESE	17
“ <i>Cientista usa o próprio corpo como cobaia</i> ”: relacionamentos e sobrevivência na academia	19
“ <i>Estudo ‘desvenda’ longevidade de organismo assexuado</i> ”: a psicologia no árido terreno da Ciência	31
“ <i>Pesquisadores discutem critérios e normas acreditadas para bioensaios</i> ”: condições, impossibilidades e crise da/na universidade	38
“ <i>‘Não é necessário matar uma vida para fazer outra’, diz pesquisadora</i> ”: a bifurcação como estratégia política	44
“ <i>Pimenta inspira anestésico que não paralisa</i> ”: para administrar o desconforto e manter-se em movimento	51
“MERCADO ESTÁ ABERTO A NOVOS EMPREENDIMENTOS BIOTECNOLÓGICOS”	58
“ <i>O homem que descozinhou o ovo</i> ”: o dispositivo da sexualidade e a produção do sujeito psicológico	63
“ <i>Patê traiçoeiro</i> ”: decodificando as bases da pesquisa	72
“ <i>Cientistas se unem para desmascarar falsa ciência em campanhas publicitárias</i> ”: bioinformação e implantação da biotecnologia na vida cotidiana ..	76
“LIGEIRAMENTE HUMANA”	84
“ <i>Marroquinos fazem pato nascer de ovo de galinha em laboratório</i> ”: que subjetividade?	84
“ <i>Você é orgânico ou transgênico?</i> ”: o sujeito biotecnológico	88
“NÃO É MAIS FICÇÃO”	104
“ <i>Estimulador de memória</i> ”: o que a psicologia tem a ver com governo?	108
“ <i>O equilíbrio do cérebro</i> ”: alianças ‘psico-biotecnológicas’	111
“CIENTISTAS IDENTIFICAM PARTE DO CÉREBRO QUE DECIDE O QUE VALE A PENA LEMBRAR”: REGISTROS DA VIAGEM	123
“ <i>Existe um segundo código?</i> ”: deslocamentos	125
APÊNDICES	133
Apêndice A – Ato normativo 1	134
Apêndice B – Ato normativo 2	136
REFERÊNCIAS	139

UMA CRÔNICA IMPERTINENTE

Esta crônica não é de minha autoria e aqui não desenvolvo nenhuma discussão teórica. Eu a inseri nesta tese como um fragmento destas coisas que ajudam a produzir, a pensar e a dizer coisas que às vezes tentamos dizer e não sabemos como... Uma leitura agradável que ofereço, que pode ser ignorada, tomada como ponto de partida, intervalo ou fechamento da leitura da tese... Os créditos são de Luis Fernando Veríssimo.

O Recital

Uma boa maneira de começar um conto é imaginar uma situação rigidamente formal — digamos, um recital de quarteto de cordas — e depois começar a desfiá-la, como um pulôver velho. Então vejamos. Um recital de quarteto de cordas.

O quarteto entra no palco sob educados aplausos da seleta platéia. São três homens e uma mulher. A mulher, que é jovem e bonita, toca viola. Veste um longo vestido preto. Os três homens estão de fraque. Tomam os seus lugares atrás das partituras. Da esquerda para a direita: um violino, outro violino, a viola e o violoncelo. Deixa ver se não esqueci nenhum detalhe. O violoncelista tem um grande bigode ruivo. Isto pode se revelar importante mais tarde, no conto. Ou não.

Os quatro afinam seus instrumentos. Depois, silêncio. Aquela expectativa nervosa que precede o início de qualquer concerto. As últimas tossidas da platéia. O primeiro violinista consulta seus pares com um olhar discreto. Estão todos prontos, o violinista coloca o instrumento sob o queixo e posiciona seu arco. Vai começar o recital. Nisso...

Nisso, o quê? Qual a coisa mais insólita que pode acontecer num recital de um quarteto de cordas? Passar uma manada de zebus pelo palco, por trás deles? Não. Uma manada de zebus passa, parte da platéia pula das suas poltronas e procura as saídas em pânico, outra parte fica paralisada e perplexa, mas depois tudo volta ao normal. O quarteto, que manteve-se firme em seu lugar até o último zebu — são profissionais e, mesmo, aquilo não pode estar acontecendo — começa a tocar. Nenhuma explicação é pedida ou oferecida. Segue o Mozart.

Não. É preciso instalar-se no acontecimento, como a semente da confusão, uma pequena incongruência. Algo que crie apenas um mal-estar, de início e chegue lentamente, em etapas sucessivas, ao caos. Um morcego que posa na cabeça do segundo violinista durante um pizzicato. Não. Melhor ainda. Entra no palco um homem carregando uma tuba.

Há um murmúrio na platéia. O que é aquilo? O homem entra, com sua tuba, dos bastidores. Posta-se ao lado do violoncelista. O primeiro violinista, retesado como um mergulhador que subitamente descobriu que não tem água na piscina, olha para a tuba entre fascinado e horrorizado. O que é aquilo? Depois de alguns instantes em que a tensão no ar é como a corda de um violino esticada ao máximo, o primeiro violinista fala:

— Por favor...

— O quê? — diz o homem da tuba, já na defensiva. — Vai dizer que eu não posso ficar aqui?

— O que o senhor quer?

— Quero tocar, ora. Podem começar que eu acompanho.

Alguns risos na platéia. Ruídos de impaciência. Ninguém nota que o violoncelista olhou para trás e quando deu com o tocador de tuba virou o rosto em seguida, como se quisesse se esconder. O primeiro violinista continua:

— Retire-se, por favor.

— Por quê? Quero tocar também.

O primeiro violinista olha nervosamente para a platéia. Nunca em toda a sua carreira como líder do quarteto teve que enfrentar algo parecido. Uma vez um mosquito entrou na sua narina durante uma passagem de Vivaldi. Mas nunca uma tuba.

— Por favor. Isto é um recital para quarteto de cordas. Vamos tocar Mozart. Não tem nenhuma parte para a tuba.

— Eu improviso alguma coisa. Vocês começam e eu faço o *um-pá-pá*.

Mais risos na platéia. Expressões de escândalo. De onde surgiu aquele homem com uma tuba? Ele nem está de fraque. Segundo algumas versões veste uma camisa do Vasco. Usa chinelos de dedo. A violista sente-se mal. O violinista ameaça chamar alguém dos bastidores para retirar o tocador de tuba a força. Mas ele aproxima o bocal do seu instrumento dos lábios e ameaça:

— Se alguém se aproximar de mim eu toco *pof!*

A perspectiva de se ouvir um *pof* naquele recinto paralisa a todos.

— Está bem — diz o primeiro violinista. — Vamos conversar. Você, obviamente, entrou no lugar errado. Isto é um recital de cordas. Estamos nos preparando para tocar Mozart. Mozart não tem *um-pá-pá*.

— Mozart não sabe o que está perdendo — diz o tocador de tuba, rindo para a platéia e tentando conquistar a sua simpatia.

Não consegue. O ambiente é hostil. O tocador de tuba muda de tom. Torna-se ameaçador:

— Está bem, seus elitistas. Acabou. Onde é que vocês pensam que estão, no século XVIII? Já houve 17 revoluções populares depois de Mozart. Vou confiscar estas partituras em nome do povo. Vocês todos serão interrogados. Um a um, pá-pá.

Torna-se suplicante:

— Por favor, só o que eu quero é tocar um pouco também. Eu sou humilde. Não pude estudar instrumento de cordas. Eu mesmo fiz esta tuba, de um Volkswagen velho. Deixa...

Num tom sedutor, para a violista:

— Eu represento os seus sonhos secretos. Sou um produto da sua imaginação lúbrica, confessa. Durante o Mozart, neste quarteto anti-séptico, é em mim que você pensa. Na minha barriga e na minha tuba fálica. Você quer ser violada por mim num *alegro assai*, confessa...

Finalmente, desafiador, para o violoncelista:

— Esse bigode ruivo. Estou reconhecendo. É o mesmo bigode que eu usava em 1968. Devolve!

O tocador de tuba e o violoncelista atacam-se. Os outros membros do quarteto entram na briga. A platéia agora grita e pula. É o caos! Simbolizando, talvez, a falência final de todo o sistema de valores que teve início com o iluminismo europeu ou o triunfo do instinto sobre a razão ou ainda, uma pane mental do autor. Sobre o palco, um dos resultados da briga é que agora quem está com o bigode ruivo é a violista. Vendo-a assim, o tocador de tuba pára de morder a perna do segundo violinista, abre os braços e grita: "Mamãe!"

Nisso, entra no palco uma manada de zebus.

Crônica extraída do livro "O Analista de Bagé", L&PM Editores Ltda - Porto Alegre, 1981, pág. 58.

NOTAS PRELIMINARES

A introdução

A introdução dessa tese apresenta uma particularidade, da qual o leitor deve ser advertido. Antes de introduzir a tese e a questão de estudo propriamente ditas, ela ocupa-se de um breve exame de sua caixa-preta. “A expressão caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai” (Latour, 2000b, p. 14). O objetivo de iniciar abordando o conteúdo da caixa-preta, orientada pelo trabalho de Bruno Latour, é, além de agregar autoria à ciência, evidenciar as relações políticas, econômicas e institucionais que compõem os ‘resultados’ da pesquisa, mesmo que estas sejam usualmente neutralizadas pela regulação da enunciação operada na academia. Essa opção, que é ao mesmo tempo teórica e política, implica em uma trajetória pouco convencional antes que sejam cumpridos os requisitos de apresentação daqueles aspectos que usualmente se espera encontrar em uma introdução.

A subjetividade e a psicologia como unidade pedagógica e institucional

A despeito da sempre problemática referência à psicologia no singular, dada sua não-unidade em termos de posicionamentos epistemológicos e sistemas teóricos, a psicologia assumiu, desde o século XIX, uma unidade pedagógica e institucional (Rose, 1991, 1996). É considerando essa unidade institucional, que também pode ser apreendida pelo objeto subjetividade que atravessa as diferentes abordagens da psicologia (ainda que também esta será definida e composta com especificidades a partir de cada um destes diferentes sistemas psicológicos), que trato neste trabalho da interface das biotecnologias com a psicologia (tratada no singular).

Neste sentido, a subjetividade é tomada inicialmente como um termo geral, sem qualquer rigor de uma definição teórica mais específica (na medida em que

cada abordagem estabelecerá sua própria definição), que conota tudo aquilo que se relaciona ou define tradicionalmente como concernente à esfera psicológica, ou ao reino da subjetividade, nas diferentes versões teóricas da psicologia. Esta concepção distingui-se da que utilizo como operador teórico a partir das contribuições de Foucault e Latour. As distinções entre estes conceitos serão desenvolvidas ao longo deste trabalho.

Traduções

A tradução de todas as citações feitas a partir de fonte não publicada em língua portuguesa são de minha responsabilidade.

“CÉLULAS-TRONCO: O QUE SÃO E PARA QUE SERVEM”¹
SOBRE COMO REDUZIR (OU NÃO) A EXPERIÊNCIA DE UM
DOUTORADO A UMA TESE

...nossa entrada no mundo da ciência e da tecnologia será pela porta de trás, a da ciência em construção, e não pela entrada mais grandiosa da ciência acabada (Latour, 2000b, p. 17).

É hora de concluir o doutorado e eis aqui o produto final, o objeto que congrega os elementos e processos que foram mobilizados durante o curso do doutorado: a tese. De acordo com Latour (2000b), é exatamente quando se chega a um fato ou artefato científico que reúne elementos em um “todo organizado” (p. 216), em uma “peça única” e coesa, “quando muitos elementos são levados a atuar como um só” (p. 217), que se tem uma caixa-preta na ciência. O obscurecimento da caixa-preta é proporcional ao ‘sucesso’ da ciência, mas seus conteúdos poderão ser facilmente acessados, se chegarmos antes que se transformem em algo acabado e seu exame fará com que desapareça a distinção entre “contexto e conteúdo” (p. 17). Por isso, apesar da tentação de ‘acabar a tese’ da forma mais rápida (e seguir objetivamente para os fatos ‘científicos’ seria certamente o trajeto mais curto e fácil), buscarei iniciá-la mostrando pelo menos um pouco do que contém sua caixa-preta, algumas trajetórias percorridas, processos, encontros, relações que se estabeleceram... Muitos diriam que isso seria apenas um preâmbulo, (se) necessário para ‘contextualizar’ o leitor no ‘trabalho científico’

¹ Portal Terra – Biotecnologia, 15 de fevereiro de 2005: “Elas são de diversos tipos e um verdadeiro tesouro, pois podem originar outros tipos de células e promover a cura de diversas doenças como o câncer, o Mal de Alzheimer e cardiopatias. Estamos falando das células-tronco, foco de discussões entre cientistas, leigos e políticos. (...) O fato é que a legislação brasileira sobre pesquisas com células-tronco de embriões humanos, já aprovada no Congresso Nacional, permite o uso dessas células para qualquer fim. Mas a lei de Biossegurança aguarda aprovação na Câmara dos Deputados. E muita polêmica ainda pode surgir, já que a Igreja e outros grupos são contra a utilização de células-tronco embrionárias. (...) ‘De forma bem simplificada, células-tronco são células primitivas, produzidas durante o desenvolvimento do organismo e que dão origem a outros tipos de células. (...) Uma das principais aplicações é produzir células e tecidos para terapias medicinais. (...) Célula-tronco embrionária (pluripotente) são células primitivas (indiferenciadas) de embrião que têm potencial para se tornarem uma variedade de tipos celulares especializados de qualquer órgão ou tecido do organismo. Já a célula-tronco adulta (multipotente) é uma célula indiferenciada encontrada em um tecido diferenciado, que pode renovar-se e (com certa limitação) diferenciar-se para produzir o tipo de célula especializada do tecido do qual se origina... ”. A matéria completa está disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI472268-EI1434,00.html>>.

que o seguirá. Preâmbulo, nessa perspectiva, absolutamente descartável quando os ‘resultados da pesquisa’ migrarem – se migrarem – para as instâncias oficiais da Ciência²: os congressos, os periódicos indexados... ops! A tese de doutorado também é um ‘documento oficial da Ciência’! O que isso faz aqui? Bem, talvez, de minha posição de aspirante a dizer algo neste universo acadêmico, deva pedir licença ao mesmo tempo em que presto um esclarecimento: não estou fazendo um *preâmbulo*. Não escrevo aqui uma apenas uma ‘*introdução*’ para ‘*situar*’ o leitor ou adiantar o que virá. Aqui começa a fabricação e escrita de minha tese. E começa pela inevitável conclusão de que para que eu *consiga* escrever minha tese, é necessário falar de minha experiência e ‘discutir a relação’, sem pretender com isso um apelo ao subjetivismo, ou qualquer tentativa de tornar mais ‘transparente’ minha escrita, à luz de minha ‘história pessoal’, ou mostrando ‘minha interferência’ em relação do ‘objeto’ estudado. Essa atitude fundamenta-se tanto na orientação de Latour (2000b) sobre a abertura da caixa-preta da pesquisa, quanto no que sugere Parker (2002), indicando que esse processo deve fazer parte da reflexão teórica que envolve a produção da psicologia.

A regra acadêmica que diz: “*não fale sobre você mesmo*” – evidenciada pelas detalhadas descrições dos aparatos, sujeitos e procedimentos utilizados nos relatórios de pesquisa, que em contrapartida negligenciam a posição do pesquisador em relação a mesma – precisa, desde o início, ser quebrada objetivando conectar biografia e história na pesquisa (Parker, 2002), o que inclui perguntar quem é o pesquisador, em que rede de relações ele se insere, qual sua posição moral e política, que valores e condições marcam os meios de produção do conhecimento. Isso implica não apenas falar sobre mim, mas deixar falar os outros elementos que compõe as condições de produção da pesquisa, analisar as condições culturais e políticas que constituem o que é possível pensarmos e por onde é possível nos mover, em contrapartida à ilusão de ‘livre escolha’ e da produção de relatos neutros e objetivos sobre o mundo.

E é exatamente em função da reflexão teórica que pretendo fazer, das ferramentas teóricas com as quais opero (e de acordo com estas), que para

² Adoto a distinção proposta por Latour (2001) para quem a Ciência com C maiúsculo refere-se àquela que se diz autônoma e distanciada do coletivo. Esta é colocada em oposição às ciências: “Opomos *a* Ciência, definida como a politização das ciências pela epistemologia (política), para tornar impotente a vida pública, fazendo pesar sobre ela a ameaça de uma salvação por natureza já unificada, e *as* ciências, no plural e em minúsculo, definidas como um dos cinco métodos essenciais do coletivo à procura de proposições, com as quais deve constituir o mundo comum, encarregado da manutenção da pluralidade das realidades externas” (Latour, 2004, p. 372).

conseguir escrever minha tese é *necessário* introduzir a minha experiência e as relações que estabeleci (com teorias, autores, com minha orientadora, com o programa de pós-graduação em psicologia, com as disciplinas cursadas, com colegas, com a academia, com a agência de fomento à pesquisa e assim por diante) não me engajando em uma estrutura confessional, mas apresentando este trabalho como algo que se articula com suas condições de produção. É necessário, para re-afirmar a psicologia como um saber que se inscreve num campo de embates e transformações, que envolvem outras forças para além das supostas fronteiras de pureza da Ciência e da idéia do saber pelo saber. É necessário introduzir a experiência para não reduzir o processo aos resultados, não reduzir os resultados ao rigor metodológico, não reduzir os saberes à Ciência...

“Cientista usa o próprio corpo como cobaia”³: relacionamentos e sobrevivência na academia

³Programa Fantástico de 12 de agosto de 2007: Eva Byte, a repórter virtual do programa pergunta: “*Quanto tempo falta para que o homem consiga comandar a casa num estalar de dedos?*” (...) Um apresentador, humano, responde: “*Não falta tanto tempo assim. Um cientista inglês, por exemplo, implantou chips no corpo para mostrar como o homem pode interagir com máquinas.*” Outra apresentadora segue: “*Ele anuncia que no futuro, crianças com chips implantados no cérebro vão aprender em segundos o que levariam anos estudando na escola.*” Das ruas, a opinião de adolescentes: “*Eu implantaria sim o chip, é melhor, mais rápido.*”; “*Assim não tem graça, é muito fácil*”. (...) O narrador: “*Que cientista seria capaz de mutilar o próprio corpo em nome de uma experiência científica? Eis o voluntário: Kevin Warwick, pai de dois filhos, pesquisador-chefe do Instituto de Robótica da Universidade de Reading, na Inglaterra. (...) O cientista enfrentou cirurgias para implantar chips no próprio corpo. Imagens documentam o momento em que os médicos completaram o implante no braço esquerdo do cientista. Com o chip dentro do corpo, ele poderia interagir com computadores e acionar máquinas. O chip é uma peça minúscula feita à base de silício. Funciona como uma espécie de órgão do corpo humano. Kevin Warwick declara-se o primeiro cyber-cientista da história. Ao enfrentar a experiência o cientista diz que quer antecipar um futuro fascinante: A terra – diz ele – será um planeta povoado por seres humanos que estarão fisicamente conectados a máquinas e computadores.*” (...) O cientista responde ao entrevistador: “*As vantagens do implante de chip no nosso corpo são tão grandes que não vejo como evitar. Quem não quiser ter chips implantados, vai ser considerado uma subespécie. (...) Depois do primeiro implante feito aqui no meu braço, passei a ser reconhecido pelo edifício: portas se abriam, luzes se acendiam quando eu passava. O implante que fiz no braço pode ser usado como identificação. Quem estiver com o chip implantado poderá ter o acesso liberado em prédios de segurança máxima. Há outro chip que pode ser implantado em criminosos, como pedófilos, por exemplo: toda vez que ele se aproximar de um local como um shopping center, as portas se fecharão. É um uso possível.(...).* Eis um exemplo de como homem e máquina podem se transformar em um corpo só. (...) Ter um implante no cérebro é o meu próximo passo. (...) As crianças aprenderão de outra maneira (...) vão ser educadas não nas escolas como hoje, mas através de chips que serão implantados no cérebro. A educação estará num software. A criança não precisará estudar matemática, fatos e números. Bastará apertar um botão: o estudante aprenderá tudo automaticamente. (...) Como as máquinas estão se tornando mais e mais inteligentes, um dia elas poderão governar o mundo, a não ser que nós humanos nos aperfeiçoemos e nos tornemos parte das máquinas. Ou seja, teremos de ligar nossos cérebros diretamente ao cérebro das máquinas...” O vídeo com a matéria completa está disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM713636-7823-CIENTISTA%20USA%20O%20PRÓPRIO%20CORPO%20COMO%20COBAIA,00.html>>.

A noção de uma ciência isolada do resto da sociedade se tornará tão absurda quanto a idéia de um sistema arterial desconectado do sistema nervoso (Latour, 2001, p. 97).

Desde que ingressei no programa de pós-graduação da PUCRS⁴, no ano de 2001, tenho vivido uma relação (mais ou menos) estável e aberta com Michel Foucault. Mais ou menos estável no sentido de que embora continue intensa, nunca permaneceu a mesma. Aberta, porque sempre houve espaço para entrada de outros nessa relação. Enfim, foi graças a essa abertura – e creio que também à intensidade do vínculo com Foucault – que conheci Bruno Latour. A relação com Latour começou mais tarde e de forma mais conflituosa, mas extremamente instigadora.

Foucault já havia produzido várias ebulições em meu pensar, instaurando uma constante indignação em relação a certa insistência de pensar como as coisas ‘são’ ou, ‘por que’ as coisas ‘são’ – não apenas nas instâncias dos saberes científicos, mas nas práticas cotidianas que transbordam em naturalizações e essencializações. Condensando os vapores resultantes destas ebulições, debruicei-me nos últimos anos sobre a problematização da psicologia, suas prescrições, normalizações, sua implicação em modos de produção de subjetividades e formas de governamentalidade. A sensação de incômodo – constantemente expressada em relação à psicologia-psicologista, aos estereótipos colados ao ser psicóloga, ao cientificismo acadêmico, ao estar eu mesma buscando construir uma trajetória acadêmica, à negligência da discussão política e à carência de reflexão ética na academia... – não se esvaiu, mas se intensificou. Talvez seja um misto de catarse e querer acreditar que é possível se fazer uma psicologia-política sem o apelo a psicologismos, ser psicóloga-não-psicologista, construir uma trajetória acadêmica não-academicista.

O incômodo que me acompanha por esses anos, foi insaciavelmente alimentado por encontros com outros seres indignados, que também inseridos no circuito acadêmico alfinetam uma psicologia que tenta sentar-se confortavelmente na almofada ‘fofa’ e ‘privilegiada’ da Ciência Moderna, que como analisa Bauman (1999),

⁴ Uma das questões que se relaciona às condições de produção desta tese, é o fato de que durante todo este período, trabalhei sob a orientação de Neuza Guareschi, o que marca uma possibilidade bastante singular nesta instituição.

...nasceu da esmagadora ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas. A louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas ‘aonde nenhum homem ousou ir ainda’ nunca foi isenta da estimulante visão de controle e administração, de fazer as coisas melhores do que são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosas de servir) (p. 48).

Essa Ciência ostentou um sonho de pureza e um esforço para a eliminação de ambivalências, conectados à racionalidade política Moderna (Bauman, 1998, 1999), que colocou no centro de tais atividades científicas as ações de classificação e separação, produzindo assimetrias tais como Natureza e Cultura, humanos e não-humanos (Latour, 1994).

Camargo (2007) analisa como essa concepção de Ciência, que ele define pelos adjetivos determinista, generalista, mecanicista e analítica, “... progressivamente ‘coloniza’ a cultura geral, tornando-se hegemônica nas sociedades ocidentais” (p. 20), produzindo um efeito de que “os adjetivos ‘científico’, ‘verdadeiro’, ‘real’ e ‘objetivo’ e seus cognatos são considerados na linguagem comum como parte de uma mesma família semântica, usados de forma intercambiável, senão mesmo como sinônimos” (p. 20). Ele prossegue pontuando que essa concepção pressupõe uma “ciência unificada... supostamente aplicável a qualquer objeto... passando pelos seres humanos em escala individual ou coletiva” (p. 28); e estabelece hierarquias de formas de saber a partir de um critério de racionalidade, que “neste caso implica na exclusão de qualquer atributo humano – agência, vontade, valor – de sua operação” (p. 21).

Essas considerações reverberam na proposta de Latour (1994, 2001) de transformar a Ciência, ou melhor, as ciências em ‘objeto de pesquisa’. Fazer das ciências objeto de pesquisa é voltar o olhar para o processo de produção investido nas práticas e textos científicos que é mascarado pelos discursos epistemológicos que revestem o conhecimento, formatando-o a um tipo de retórica específica que tenta torná-lo impessoal e frio. É por isso que Latour insiste que é necessário examinar a *caixa-preta* das ciências antes que ela seja fechada. Não deixar que a experiência e o processo sejam encobertos pela retórica das ‘conclusões’ que se apresentam como produto final objetivadas como fato, artefato, tese ou artigo científico. Examinar a caixa-preta é atentar para as controvérsias que ocorrem no

desenvolvimento da pesquisa, os acontecimentos muitas vezes sem prestígio acadêmico e as relações que estão incorporadas ao trabalho científico, embora frequentemente velados por uma armadura de objetividade. É por isso, diz Latour (2000b), que os “textos científicos parecem aborrecidos e sem vida, de um ponto de vista superficial. Se o leitor recompuser os desafios que estes textos enfrentam, eles passarão a ser tão emocionantes quanto um romance” (p. 90). E é também por isso que incluo na escrita da tese esse exercício de análise do processo de doutorado.

Mas a questão em pauta aqui não diz respeito ao mero acréscimo de emoção. É preciso dar visibilidade às condições que acompanharam a produção dos fatos científicos, à regulação da enunciação e os jogos de poder que constituem o que é a ciência. O exame da caixa-preta, proposto por Latour, potencializa no trabalho da pesquisa, a análise das relações de saber e poder – centrais no trabalho foucaultiano. Embora esse exame seja uma orientação que imprime fortes marcas no modo como inicio e desenvolvo este trabalho, ele não será tomado aqui com o rigor que se tomaria uma metodologia – na medida em que ele não é o objeto da tese.

Pensar a *experiência-doutorado* como um processo para além de um resultado-tese (ou artigos a serem publicados), tensiona a idéia de produção de ciência/conhecimentos e de produção de si. O olhar para o processo não se centra exclusivamente na apresentação de resultados inequívocos ou conclusivos, de hipóteses confirmadas ou refutadas, ou de uma grande ‘descoberta’ científica (requisitos centrais de abordagens científicas); mas na visibilização e reflexão sobre a própria maquinaria de produção da ciência, no circuito mobilizado nessa produção, da movimentação e articulações que tendo acompanhado a produção do fato, artefato ou tese científica, são usual e deliberadamente omitidos nas formas finais de comunicação da Ciência – importante estratégia para construir a ilusão de uma Ciência neutra e objetiva, livre de interesses (políticos, econômicos, éticos, morais...) – cujos fatos abordados parecem ter seguido uma lógica ‘natural’, ‘linear’ e ‘asséptica’.

Uma característica compartilhada por Foucault e Latour que potencializa a problematização da produção da psicologia na contemporaneidade, e marca minha opção por trabalhar com esses autores, é a “recusa ao entendimento dos saberes a partir de um modelo epistemológico” (Ferreira, 2006/2007, p. 02):

... o que Latour aponta é que a nossa subjetividade nada teria de universal; ela seria uma construção histórica, produto de uma série de articulações locais. Seria nestas articulações sócio-técnicas que nossos eus seriam forjados artificialmente. Nada mais próximo da genealogia foucaultiana (Ferreira, 2006/2007, p. 24).

Ao problematizar os modelos e conceitos que são considerados o motor do chamado progresso científico, tanto a proposta genealógica inspirada em Foucault, como a perspectiva dos estudos científicos de Latour, colocam em dúvida a naturalidade de noções centrais para a Ciência Moderna (expressos em dicotomias tais como razão X emoção, Natureza X Cultura, humano X não-humano), mostrando que “estas foram empregadas para legitimar e efetuar em termos práticos as distinções e justificar regimes de diversos tipos” (Sánchez-Criado, 2005, p. 04). Em ambos os casos, da genealogia e dos estudos das ciências, se trata de colocar em pauta a análise da rede de elementos implicada na sua produção. Recusa-se uma postura contemplativa ou essencialista, na medida em que a atividade científica produz “novas entidades que, por sua vez, dão forma a nós mesmos... portanto, trata com e dá espaço a *versões de mundo*” (p. 05). Sua análise conecta-se com a “genealogia das subjetividades”, em termos foucaultinos, ou seja, “a história das formas práticas e mutáveis de conectar e regular ou ordenar as noções sobre o eu, o mundo e os outros” (p. 06).

Porém, a ironia desta proposta e a perplexidade de quem aqui se aventura aparecem na medida em que, por mais que eu objetive tensionar as configurações hegemônicas da ciência e em especial da psicologia – para que as indignações possam ser compartilhadas e alguma diferença produzida –, fazer e, por fim, apresentar este tipo de questionamento dentro de um programa acadêmico de pós-graduação implica, inevitavelmente, em assujeitar-se – em maior ou menor grau, em diferentes momentos – a uma aliança com a maquinaria de fabricação dos discursos ou fatos científicos, com o lugar do especialista e dos especialismos no mundo acadêmico. Implica também fazer-se sujeito que toma parte nos jogos de produção de verdade buscando ativar nesta rede outros enunciados possíveis. Vejamos.

Um doutorado é o curso que prepara pessoas pra obtenção do título de doutor. Um doutor, diz-nos o ‘doutor’ Houaiss (2001), é “aquele que, numa

universidade, foi promovido ao mais alto grau depois de haver defendido tese em alguma disciplina literária, artística ou científica” (p. 1081). A psicologia é considerada hoje uma Ciência – a despeito das controvérsias em relação a essa classificação, que sem dúvida merecem ser discutidas e que retomarei mais adiante –, não é literatura ou arte. De modo que na psicologia se produz, ou pelo menos se deveria produzir, teses científicas. Uma tese em psicologia seria a síntese de um tipo de argumentação lógica e racional, que utiliza um tipo de linguagem específica, decorrente do que convencionamos chamar, muitas vezes indiscriminadamente, de pesquisa sobre uma ‘questão psicológica’. A legitimação do caráter científico é dada pela correspondência a uma série de regras discursivas e práticas definidas internamente pela própria comunidade científica (Foucault, 1999b; Latour, 2000b; Lyotard, 2002). Demarcar-se como científica é um exercício retomado pela psicologia a cada produção de novas teses psicológicas. Entre outras atividades é um processo que deve ser constantemente alimentado. Há um ‘como fazer’ que se deve aprender pela inserção e associação com as instituições científicas. O doutorado deve, portanto, nos ensinar a pensar em termos científicos, fazer ciência, produzir artefatos científicos e assim por diante. Infelizmente o que se entende por ciência e o que implica dizer-se científico são questionamentos pouco freqüentes em tais cursos! E é por isso, talvez, que me seja tão cara a relação com Foucault.

A ciência, diz Foucault (1999b), é o resultado do disciplinamento dos saberes através da organização das disciplinas em torno de critérios para distinguir o verdadeiro do falso, seleção e normalização de conteúdos, classificação hierárquica e centralização desses saberes num campo maior (a ciência) – que ele sintetiza pelas operações de seleção, normalização, hierarquização e centralização –, que “vai formular problemas específicos ao policiamento disciplinar dos saberes: problemas de classificação, problemas de hierarquização, problemas de vizinhança, etc.” (Foucault, 1999b, p. 218). Daí se pode compreender, prossegue ele, a Universidade como o “grande aparelho uniforme dos saberes” (p. 219), que seleciona saberes, os quantifica, qualifica, categoriza, homogeneiza e os centraliza através de suas comunidades científicas. Pode-se compreender também, continua Foucault, como esse disciplinamento dos saberes provocou uma nova forma de dogmatismo:

...um controle que não incide pois, sobre o conteúdo dos enunciados, sobre sua conformidade ou não com a verdade, mas sobre a regularidade das enunciações. O problema será saber quem falou e se era qualificado para falar, em que nível se situa esse enunciado, em que conjunto se pode colocá-lo, em que e em que medida ele é conforme a outras formas e a outras tipologias de saber (Foucault, 1999b, p. 220).

Essa “disciplina da enunciação” produziu o duplo efeito de permitir maior circulação de enunciados, tornando-os mais provisórios, ativando as controvérsias e a produção de novos enunciados – “desbloqueio epistemológico”; ao mesmo tempo em que o controle dos procedimentos de enunciação tornou-se extremamente mais rigoroso, estabelencendo novas relações entre saber e poder, onde “apareceu uma regra nova que já não é a regra da verdade, mas a regra da ciência (Foucault, 1999b). Pela regra da ciência, (quase) tudo poderá ser dito, uma vez que corresponda aos procedimentos de enunciação, que são usualmente esvaziados de seus conteúdos ético-políticos. Por sua vez, a provisoriedade dos enunciados garante o contínuo aquecimento da “disciplina da enunciação”: sempre se terá algo a dizer e o sistema circulatório da ciência continuará a funcionar. Por isso é necessário afinar os procedimentos de enunciação, qualificar os diferentes agentes em relação a estes procedimentos. Em outras palavras, fazer com que alguns conheçam as regras, fabricando aqueles que podem fazer/falar a ciência. “As universidades, as sociedades científicas, o ensino canônico, as escolas, os laboratórios, o jogo das especializações, o jogo das qualificações profissionais, tudo isso é uma maneira de organizar, a propósito de uma verdade, posta pela ciência como universal, a raridade dos que podem ter acesso a ela” (Foucault, 2006c, p. 317).

Nesse processo é inevitável pensar que, como Barão de Munchausen, talvez me encontre em plena areia movediça; afinal, eu também passei pelo ‘treinamento’ do doutorado, que nos ‘prepara para pensar em termos científicos’, e estou aqui participando dos procedimentos por busca de legitimidade acadêmica. Mas, quem sabe, remexer nessa areia seja a melhor forma de conseguir encontrar formas de sair dela, antes que se decreta que não há alternativa. Ou talvez, nem se trate de sair, mas de produzir movimentos na rede da qual sou parte, para que algo novo possa ser produzido. E neste sentido, a

primeira questão que penso que deva ser ‘remexida’ é: *o que se faz, afinal, em um curso de doutorado que nos prepara para ser doutores?*

Obviamente um doutorado não se faz apenas do escrever uma tese. E é difícil delimitar onde tem início um processo de doutoramento: ele pode ser uma intensificação de indignações, a formulação de questões novas, uma exigência posta por questões de mercado e, até mesmo, uma opção de ‘lazer’, possibilidades que trazem em si uma história. Mas nenhuma destas razões é ‘nobre’ o suficiente para garantir que se freqüente um curso de doutorado e qualquer uma delas só será frutífera se for conciliada com o sucesso nos rituais de seleção aos cursos de pós-graduação, dando o primeiro passo para a transformação do que Foucault (2006c) chamou de sujeito universal abstrato, em um sujeito qualificado concreto, que vai em busca da ‘verdade universal’, no disciplinamento do conhecimento Moderno:

Haverá portanto, é claro, um sujeito universal dessa verdade universal, mas será um sujeito abstrato pois, concretamente, o sujeito universal capaz de aprender essa verdade será raro, porque terá de ser um sujeito qualificado por certo número de procedimentos que serão precisamente os procedimentos da pedagogia e da seleção (p. 316).

A seleção institucional, pode incluir uma prova que requer a aproximação dos documentos científicos considerados importantes em cada instituição, atentando para as teorias e linguagens que são bem-vindas, e demonstrando domínio e compreensão desta linguagem (processo que pode ser facilitado quando há inserção prévia da mesma, dos grupos de pesquisa e pesquisadores, o que implica desde o início que os sujeitos ‘universais’ já partem de posições diferentes). Além da prova, normalmente é também avaliado o currículo do candidato, que deverá destacar aquilo que acredita que será bem avaliado e pontuado e, é claro, eliminar as informações que considerar inconvenientes. E, especialmente em cursos de psicologia que valorizam a ‘subjetividade’ e a história de vida, pode ser solicitado um memorial... que, paradoxalmente, pode nos afastar da ‘objetividade’ acadêmica⁵...

⁵ Também poderia dizer que para entrar em um doutorado (e sair dele como doutor), se poderia rezar e fazer promessas. Mas embora estude numa universidade católica, que possui crucifixos em suas salas de aula, correria o risco de ser considerado pouco conveniente, em uma tese, atribuir o ingresso no doutorado a qualquer tipo de crença.

Também costuma fazer parte deste *ticket* de acesso ao restrito mundo dos doutos, a apresentação de um projeto de pesquisa, que deve convencer que se possui uma temática relevante, hipóteses a investigar, uma metodologia adequada à resolução do problema proposto e a indicação de algumas teorias para ‘aplicadar’ no desenvolvimento da pesquisa. E assim como a seleção, parte do conteúdo da caixa-preta de uma tese concerne a este processo que desde o princípio começa a configurar as condições de possibilidade, marcando estratégias, forças, linguagens, que acompanham a fabricação de um fato ou artefato no mundo científico.

Para alguns, ou para muitos, o ritual de ingresso não estará encerrado aqui. Há que se ‘confiar’ na objetividade dos instrumentos de avaliação, os quais criteriosamente permitirão que alguns desses sujeitos que começam a se concretizar por essas políticas institucionais sejam contemplados com bolsas concedidas pelas agências de pesquisa, para cursar o doutorado dedicando-se exclusivamente, ou parcialmente ao mesmo, ou apenas eventualmente, já que nem todos serão contemplados. De um ponto de vista mais formal, este momento, que coincidirá com o início das disciplinas para cumprir os créditos obrigatórios – um dos raros momentos do curso, onde os doutorandos dos diversos grupos de pesquisa são reunidos – pode ser considerado o início oficial do doutorado.

A partir daqui minha narrativa terá que assumir um tom mais singular, relativo à experiência nas duas instituições por onde transitei como doutoranda⁶. Apesar de serem instituições que se distanciam em inúmeros aspectos para além da questão geográfica, uma ‘unidade’ programática as aproxima. Essa unidade é dada pela ênfase, no programa das disciplinas oferecidas, a questões de doutrinação de como fazer um projeto e como escrever um ensaio temático, seguindo os moldes acadêmicos; e, fundamentalmente, estudos sobre metodologia de pesquisa que enfatizam a importância de sabermos optar por um estudo quantitativo ou qualitativo, embora muitos insistissem que uma fotografia mais exata da realidade seria obtida pela combinação das duas! O ‘conteúdo transversal’ consistiu em aprender a identificar amigos e inimigos na fogueira das vaidades da produção acadêmica e o conjunto dessas aprendizagens sintetiza-se em “adquirir as formas de pensamento e as técnicas que permitem precisamente ter acesso a essa verdade de toda parte, mas sempre profunda, sempre escondida,

⁶ Três anos na Pontifícia Universidade Católica do RS e um ano na London School of Economics and Political Science.

sempre de difícil acesso” (Foucault, 2006c, p. 316). Outro conteúdo importante neste processo foi ‘como escrever artigos com mais chances de ser aceito em periódicos científicos’; como escolher os periódicos para onde vale a pena enviar um artigo; como ‘multiplicar os pães’, fazer a ‘salamização’ da pesquisa, ou seja, a publicação de fatias de uma pesquisa em diversos artigos. E finalmente, tentaram ensinar-me como escrever uma tese, objeto submetido à análise neste momento derradeiro que vai selar o sucesso ou fracasso do processo de doutorado.⁷

Uma particularidade na composição dos créditos obrigatórios da instituição onde cursei meu doutorado é que estes não se obtêm apenas pelas disciplinas. Alguns destes créditos dependem de publicações obrigatórias durante o curso, afinal, se a pessoa pretende obter um título de doutor é importante que ela aprenda desde cedo que precisa produzir; e produzir de acordo com as normas vigentes. Os artigos publicados, portanto já avaliados por pares ou comissões editoriais, eram submetidos a um membro do corpo docente para que este reavaliasse o documento, atribuindo-lhe uma nota e um número de créditos que este poderia somar, de acordo com o tipo de publicação. É sempre importante a co-autoria com orientador, porque esta resultará em mais créditos⁸. Não é possível defender a tese de doutorado sem as publicações. Não é ‘ético’ publicar nada relativo ao doutorado sem o nome do orientador. E não há dúvidas de que o processo de pensar e produzir uma tese seja um processo coletivo, que envolve não apenas o orientador, bem como demais colegas do grupo de pesquisa. É, aliás, essa uma das razões pelas quais me detenho a explorar essa caixa-preta. No entanto, para além de um reconhecimento de um processo de produção coletiva, esse tipo de ‘orientação’ transforma a possibilidade de co-produção em ferramenta disciplinar, às vezes coercitiva, evidenciando a acentuada assimetria de forças dos diferentes

⁷ E neste momento, em minha defesa, gostaria de dizer de antemão, que este conteúdo programático (como escrever uma tese) ficou para mim um pouco confuso. Em diferentes momentos do doutorado se impunham diferentes modelos a seguir. No início, uma tese era uma ‘tese’ (nos formatos tradicionais). Depois ela não deveria mais ser uma ‘tese’, porque estas são muito extensas, quase ninguém lê e acabam esquecidas nas prateleiras das bibliotecas. Também porque estas não acrescentam tanto de acordo com os critérios de produtividade científica e demandam muito trabalho ‘extra’ para serem adaptadas a publicações. Assim, ao invés da ‘tese’, o produto de doutorado deveria ser a produção de pelo menos 3 artigos científicos já adequados a revistas científicas específicas, sendo (pelo menos) um teórico e dois empíricos. Mas, graças à flexibilidade acadêmica, nos meses finais de meu doutorado, um novo “Ato Normativo” (Apêndice 1) apresenta nova regulamentação, descrevendo minuciosamente como deve ser uma tese, acrescido do adjetivo “optativo” para quem ingressou no doutorado antes de 2007.

⁸ No final de 2007 houve alterações quanto às regras de avaliação destas publicações, que eliminou o sistema de notas e o substituiu por pontos, conforme Apêndice 2.

elementos da rede institucional que, como assinala Pinho (2005), nos faz perceber que, ontologicamente, pesquisadores mais experientes e coordenadores de grupos de pesquisa não se distinguem de qualquer tipo de chefe. Em síntese, o programa de pós-graduação, assim como os orientadores, são avaliados, entre outras coisas, pela produção científica e como doutorandos candidatos ao ingresso no mundo acadêmico é preciso aprender a funcionar em sincronia com essa indústria.

Simultaneamente, no grupo de pesquisa onde me inseri, pude aprender que não existe psicologia desvinculada de posicionamentos políticos e éticos e que se pode resistir a tudo o que foi ensinado nas disciplinas obrigatórias. Que às vezes, precisamos falar a mesma linguagem pra dizer algo diferente... e quem sabe um dia possamos também usar formas diferentes de expressão, sem que isso seja usado para desqualificar o que se diz. Com o grupo de pesquisa foi possível pensar que nem tudo o que se faz na academia precisa seguir modelos academicistas e que a própria academia pode ser, ainda que lentamente, transformada por práticas dispersas e pequenas revoltas que minam os grandes regramentos da produção científica, os quais tentam também regrar e doutrinar o próprio pensar – há que se admitir, com grande sucesso.

Fazer o doutorado, portanto, não implica apenas em desenvolver aprofundamento teórico ou habilidades intelectuais, ou treinamento para pesquisa. É tomar parte em um processo de doutrinação e resistência em relação às rotinas acadêmicas e políticas institucionais que são tão ou mais importantes para a sobrevivência no meio acadêmico do que o brilhantismo intelectual; determinando o que se produz e o que ganha visibilidade neste espaço. Trajetória que inclui também a passagem pela banca examinadora, momento crucial do processo da produção de conhecimento, que poderá marcar ou não a classificação do presente texto como um trabalho de pesquisa adequado (ou não) ao doutoramento, envolvendo mais uma gama de questões, tais como, quem escolherá a banca, quem comporá a banca, de onde vêm essas pessoas, de onde falam, por que estes e não outros examinadores e assim por diante.

O que todas essas questões indicam é que ‘minha tese’ (que não é ‘tão’ minha quanto pode parecer) não interessa só a mim: envolve todo um investimento financeiro (de recursos públicos e particulares), político, pessoal (não apenas meu, mas de pessoas que trabalharam comigo) e institucional. E embora no curso de doutorado tenha sido assinalado em vários momentos por

alguns dos agentes responsáveis por minha ‘educação científica’, que “não se faz um doutorado para defender uma tese que mude o mundo, mas para obter o título de doutor” (um objetivo bastante ‘ego-centrado’), estes mesmos agentes não esqueceram também de me advertir que tal processo não pode se dar por encerrado com a defesa da tese, pois temos um compromisso com a reputação do programa no qual nos inserimos. Uma tese, pra ter valor, tem que ser publicável e publicada⁹. O programa de pós-graduação deve ser referido e isso tudo mantém azeitada a maquinaria de produção acadêmica – de acordo com os critérios de produtividade correntes – sobre a qual podemos encontrar uma interessante análise no trabalho feito por Alvarez (2004).

Fazer um doutorado, tornar-se ‘cientista’, envolve ainda inúmeras outras atividades, tais como encontros científicos, participação em congressos, conferências, jornadas: os que escolhemos e os que são impostos (porque é preciso dar visibilidade à produção do programa de pós-graduação). Precisamos ‘capitalizar’ a produção, trabalhar com metas, aprender a ser operários. Ler, para escrever, para publicar, para computar, para somar pontos nas avaliações institucionais e nos próprios currículos... quem sabe para pensar e se recusar. E envolve, para que se possa concluir, que se fabrique uma tese capaz de passar pelo controle de qualidade, que possa figurar entre os fatos científicos, inscritos nos espaços oficiais de registros da ciência, compartilhado por pares da comunidade científica. É preciso construir a cientificidade do que se produz: conhecer as regras, buscar aliados, referir documentos, tomar parte na produção e eliminação de controvérsias, indicar (dentro de certo limite ‘publicável’) os caminhos pelos quais se transitou para a construção do fato. É preciso transformar o processo coletivo de produção de conhecimento em fato científico, o que em perspectivas conservadoras significa todo um esforço para apresentar o fato já higienizado de tudo o que não cabe na descrição metodológica da ciência e deslocada de sua implicação política (Latour, 2000b, 2001).

Essa rápida espiada na caixa-preta já indica que as questões até aqui apontadas me renderiam material e ‘motivação’ suficientes para escrever uma tese sobre as mesmas. Mas, como já indicado elas não constituem o objeto dessa tese e há ainda outras questões pelas quais é necessário passar para que se possa

⁹ De preferência com a maior agilidade e o menor investimento possíveis, de modo que a tese deveria se apresentar em um formato próximo aos exigidos pelos periódicos científicos, em outras palavras, ser escrita com vistas à publicação.

entender o porquê não sigo essa ‘motivação’ e então apresente sobre o que vai falar minha tese.

“Estudo 'desvenda' longevidade de organismo assexuado”¹⁰: a psicologia no árido terreno da Ciência

Entendemos, com isso, uma ciência que se quer objetiva, situando-se entre as outras ciências objetivas com sua pretensão de instruí-las sobre as funções intelectuais que permitem que elas sejam as ciências que são. Contra essa pretensão de dar conta do todo sendo somente parte dele, a filosofia não pode deixar de erguer-se. Assim, ela deve deixar a psicologia continuar a propor, ela própria, suas aquisições teóricas para serem possivelmente exploradas pela pedagogia, pela economia e, finalmente, pela política. Quanto à filosofia, sua tarefa não é a de aumentar o rendimento do pensamento, mas de lembrar-lhe o sentido de seu poder (Canguilhem, 1990, s/p).

Uma das coisas que falta ser dita, já que estou aqui a discorrer sobre os bastidores do mundo científico a que tive acesso durante o meu doutorado, é que a psicologia ocupa uma posição bastante delicada no território da Ciência, especialmente quando esta é definida em termos da epistemologia Moderna. É em função deste estatuto epistemológico mal definido, que Canguilhem (1973) refere-se à esta disciplina como um “empirismo composto” destinado à transmissão (estratégia de investimento em si mesma), que nem bem se define como técnica, nem bem como ciência (na medida em que nem seu objeto nem seus métodos

¹⁰ O Estado de São Paulo Digital, 12 de outubro de 2007: “Peculiaridade genética de invertebrado garante sobrevivência, diz pesquisa. Uma equipe de cientistas da Universidade de Cambridge, na Grã-Bretanha, descobriu como um animal microscópico consegue sobreviver há 80 milhões de anos sem sexo. Segundo a pesquisa britânica, o pequeno invertebrado conhecido como bdeloídeo rotífero tem uma peculiaridade genética que oferece um tipo de recompensa pelo celibato prolongado. (...) A pesquisa foi publicada nesta sexta-feira na revista especializada Science. Esta foi a primeira vez que um truque genético como este foi demonstrado em um organismo assexuado. Os bdeloídeos geralmente vivem em água doce. Mas, se forem privados de água, eles entram em um estado de desidratação em que podem permanecer por muitos anos, sobrevivendo à quase total ausência de água. Então, voltam à vida, sem nenhum problema, quando retornam à água. A nova pesquisa mostra como a *Adineta ricciae*, uma espécie de bdeloídeo rotífero, evoluiu sem sexo para conseguir sobreviver em condições mais secas. (...) O líder da pesquisa, Alan Tunnacliffe, do Instituto de Biotecnologia da Universidade de Cambridge, disse que sua equipe conseguiu mostrar pela primeira vez que cópias genéticas em organismos assexuados podem ter funções diferentes. “É particularmente animador que tenhamos descoberto funções diferentes, mas complementares em genes que ajudam os bdeloídeos rotíferos a sobreviver à dessecação”, disse. “A evolução da função do gene desta maneira não pode acontecer em organismos sexuados, o que significa que deve existir algum benefício nos milhões de anos sem sexo”, acrescentou”. A matéria completa está disponível em: <http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid64190,0.htm>.

podem ser claramente definidos¹¹), e cujos trabalhos denotam um misto de “filosofia sem rigor”, “ética sem exigências” e “medicina sem controle”.

Também Foucault (1999a) problematiza essa questão, afirmando que o fato da psicologia, ou as demais ciências humanas, terem nascido do solo epistemológico Moderno, não é suficiente para defini-las como ciências.

Inútil, pois, dizer que as “ciências humanas” são falsas ciências; simplesmente não são ciências; a configuração que define sua positividade e as enraíza na *epistémê* moderna coloca-as, ao mesmo tempo, fora da situação de serem ciências; e se se perguntar então por que assumiram esse título, bastará lembrar que pertence à definição arqueológica de seu enraizamento o fato de que elas requerem e acolhem a transferência de modelos tomados de empréstimo a ciências (Foucault, 1999a, p. 507).

Essa posição “peculiar”, “não é a presença de um obstáculo, não é alguma deficiência interna” (Foucault, 1999a, p. 506), mas coloca as ciências humanas – “ao lado das ciências” – como constituintes de “*outras* configurações do saber” (p. 506). Para Foucault (1999a) a questão que afasta as ciências humanas das ciências propriamente ditas, conferindo-as um diferente *status* epistemológico, diz respeito à simultânea exclusão-inclusão das ciências humanas do triedo epistemológico que as fundamenta, quais sejam, as ciências dedutivas, ciências empíricas (ciências da vida – biologia; da produção – economia; e da linguagem – filologia) e reflexão filosófica; e a constituição da representação como sendo ao mesmo tempo o seu campo empírico e objeto. Desse modo, a constituição do objeto que define as ciências humanas – a reduplicação do homem na esfera da representação (ser que vive, produz e se comunica; que ao mesmo tempo se oferece aos saberes e busca conhecer) – é simultaneamente sua condição de possibilidade e causa de sua imprecisão. Isso é o que determina, para Foucault, que esse homem forjado pelas ciências humanas possa ser *objeto de um domínio de saber*, mas *não objeto da ciência*.

¹¹ Poder-se-ia, é claro, argumentar que algumas das abordagens da psicologia possuem estas questões bem delimitadas. No entanto, mais uma vez cabe lembrar que venho trabalhando com a psicologia como uma unidade institucional, e que estas perspectivas a partir dessas delimitações não se tornaram independentes e são constituintes dessa grande disciplina que se define como ‘Psicologia’. Além disso, tais especificidades teóricas normalmente só fazem sentido nas disputas ‘internas’ à ciência e produzem pouco ou nenhum efeito quando pensamos na disseminação dos discursos psi nas redes sociotécnicas.

Mais ressalvas em relação à produção de conhecimento em psicologia, virão da análise crítica que Latour faz sobre as ciências sociais (cuja denominação, em sua opinião, já é problemática), porém seus argumentos seguem por linhas distintas. A análise foucaultiana da posição epistemológica da psicologia apresentada em “As palavras e as coisas”, constrói-se com bases na ‘natureza’ do objeto – não sendo esta, porém, a principal crítica de Foucault à disciplina, na medida em que ele também vai interrogá-la do ponto de vista ético e político, no que diz respeito às suas práticas de governo. Por sua vez, Latour (2000a) vai argumentar exatamente contra os binarismos, e busca combater as grandes divisões que constituem o Ocidente, tal como a divisão entre Natureza X Cultura, e por decorrência o dualismo dos modos de investigação tributários das ciências duras e sociais, que sustentam uma divisão entre ‘objetos’ humanos e não-humanos.

Para Latour (2000a), o ponto nevrálgico está nesta divisão e na tentativa das ciências sociais imitarem as ciências naturais, a qual, ele afirma, tem sido uma “comédia de erros” (p. 114), evidente quando, por exemplo, cientistas sociais acreditam que a superioridade dos cientistas naturais esteja relacionada ao controle destes sobre seus objetos; ou quando se tenta reproduzir uma postura em que “cientistas desinteressados” voltam-se para “entidades objetivas” que poderiam ser controladas e explicadas em termos causais. Outra forma de reprodução seria insistir “que questões sociais requerem *outro* tipo de cientificidade” (p. 114).

Sua crítica formula-se então, em termos de mostrar que nem os laboratórios são reinos de imparcialidade, controle e desinteresses, nem os cientistas naturais são parciais, tendenciosos, egoístas, interessados e assim por diante, embora isso tudo possa fazer parte das pesquisas. A questão central é que eles lidam com um tipo de objetividade diferente: a capacidade destes objetos de *objetar* sobre o que se diz deles. É disso que se trata a atividade científica em laboratórios, que é paradoxalmente, o que os cientistas sociais tentam evitar quando assumem a postura de um cientista desinteressado buscando produzir conhecimentos sobre sujeitos considerados “menos propensos quanto possível a influenciar o resultado” (Latour, 2000a, p. 115) – o que aparentemente simularia as condições ideais para a produção de uma ciência tão dura quanto às naturais. No entanto, segue Latour (2000a), “embora tenha gosto e cheire como ciência dura” isso não passa de “uma

imitação falsa e barata”, pelo fato de que a objetividade é exatamente “o que permite a uma entidade objetar sobre o que se diz sobre ela” (p. 115), portanto, a influência do objeto, sua resistência, sua recalcitrância, é o que determina a possibilidade de objetividade. O problema com humanos estaria na sua baixa capacidade em objetar, na medida em que facilmente desempenham o papel de ‘objetos passivos’, “tão logo um jaleco branco lhes pede para sacrificar sua recalcitrância em nome de objetivos científicos mais altos” (p. 116), e sugere:

Se cientistas sociais quiserem se tornar objetivos, eles terão que encontrar a situação rara, custosa, local, miraculosa onde eles possam fazer seus sujeitos de estudo, tanto quanto possível, capazes de objetar o que é dito sobre eles, ser tão desobedientes quanto possível ao protocolo e ser tão capazes de levantar suas próprias questões em seus próprios termos e *não* naqueles dos cientistas cujos interesses eles não têm que compartilhar! Então, humanos começarão a se comportar nas mãos dos cientistas sociais tão *interessantemente* como objetos naturais nas mãos dos cientistas naturais (Latour, 2000a, p. 116).

Isso não significa, adverte Latour, o investimento em mais trabalho interpretativo ou qualitativo, mas a busca das situações raras onde a ‘humanidade’ não se defina pela intencionalidade, consciência ou reflexividade.

Canguilhem, Foucault e Latour, formulam diferentes questões à Psicologia, porém todas concernentes à impossibilidade de inscrever este modo de saber nas matrizes de um modelo tomado de empréstimo das ciências naturais, seja em função das indefinições relativas ao seu projeto, objeto ou método, ou ainda, interrogando sobre a dimensão ética e política destes saberes. Nestes termos, pode-se dizer que a insistência em agregar esse referencial de cientificidade Moderno à psicologia não passa de um engodo, ao mesmo tempo produtivo e grotesco. Extremamente produtivo, eu diria, se pensarmos em tudo que mobiliza e faz funcionar em torno da sustentação deste modelo, da centralidade que o mesmo adquiriu nos programas de formação de profissionais e pesquisadores em psicologia, nas políticas de financiamento de pesquisa e no valor que se pode agregar aos discursos na contemporaneidade quando estes são adjetivados como

científicos. Grotesco¹², porque se sustenta em uma impossibilidade (decorrente da relação que se estabelece entre seu objeto, método e projeto) que, no entanto, não faz ponderar seu poder (especialmente no que concerne ao seu poder de normalização e moralização) e não evita que a psicologia seja freqüentemente ridicularizada e desqualificada pelo confronto com o modo absurdo como, muitas vezes, constrói e sustenta suas formulações; apesar de que isso não a desmereça em termos de sua eficácia política. Isso é possível porque o que se põe em análise são os *efeitos* de verdade e as formas de poder que exercem por esses discursos, cujo valor de verdade – para além das instâncias de produção científica e validação epistemológica – não é dado *a priori* pela condição de *ser científico*, mas pela sua habilidade em tornar-se ‘um modo de vida’. A ‘incorporação’ da psicologia à vida cotidiana, que será melhor discutida adiante, não depende de suas credenciais epistemológicas. Quem, além dos próprios pesquisadores, pergunta sobre como uma pesquisa foi feita, como se obtiveram os resultados, como uma teoria ou conceito foi construído, e assim por diante?

Logo, essa posição intersticial da psicologia no organograma da ciência, ao lado de uma inegável eficácia discursiva, pode ser tomada como condição privilegiada, como fenda por onde possam brotar outras formas de saber resistentes aos universalismos da Ciência, que tantas vezes ergue-se para fazer acusações e alertas em relação à ‘periculosidade’ de saberes não-científicos, mas também, com freqüência, se isenta de uma reflexão sobre seus efeitos e responsabilidades, ao mesmo tempo em que se fecha ao controle externo, o que a torna extremamente perigosa (Souza, 2004). Entrincheirada pela própria condição de ‘ser científico’, se auto-atribui uma posição ‘intocável’ e ‘privilegiada’ na medida em que deduz que o científico justifica-se a si mesmo¹³. Então, só nos resta acabar com a psicologia e fechar a porta das universidades e programas acadêmicos de pesquisa? Não. Pelo menos não, necessariamente.

A questão que se coloca não é uma disputa sobre qual modelo permitirá a produção de uma verdade mais verdadeira, mas conquistar espaços onde se possa fazer falar aquilo que escapa (ou é calado) pela epistemologia clássica; não a hierarquização dos saberes dentro de um sistema epistemológico científico, mas o

¹² Tomo o termo grotesco emprestado de Foucault (2001), quando define por “ ‘grotesco’ o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los” (p. 15).

¹³ Essa questão é trabalhada por Latour (2000b, 2002) ao problematizar o tratamento assimétrico dado ao que é dito pelos cientistas (idéias racionais) e por não-cientistas (idéias irracionais).

reconhecimento da existência de saberes constituídos por diferentes relações de poder. Não significa tampouco, o abandono de toda forma de rigor teórico, mas de uma ênfase necessária na dimensão ética e política daquilo que se produz – e do que se quer com o que se produz.

Para ser mais precisa, o que se delimita aqui não é apenas a importância de pensar em termos de *conhecimentos de outra ordem*, como refere Foucault; mas que se assumir como tal, questionando o que se define como científico, seja, talvez, a condição mais digna para os saberes psi. Isso não implica em qualquer forma de ‘des-qualificação’ da psicologia, mas de ‘re-qualificação’, pela redefinição e reposicionamento da mesma no domínio dos saberes. Neste sentido, acredito que Foucault e Latour juntos fornecem elementos, para pensar a possibilidade – certamente não a única – da pesquisa em psicologia nas instituições acadêmicas, sem necessidades de apelos à Ciência. Agregando ingredientes diferentes numa mistura não homogeneizada, mas tampouco incompatível – embora talvez explosiva ou corrosiva – busco ferramentas no pensamento destes autores que ao mesmo tempo em que minam o campo do conhecimento instituído, abrem brechas para pensar a importância da produção de saberes de outra ordem, ao fazer ou deixar falar aquilo que normalmente é silenciado no território da Ciência. Contudo, não há prescrição metodológica de como isso possa ser feito e não há pretensão de estabelecimento do que deva ser feito. O que se pode encontrar nestes autores são pistas relativas a um caminho possível de problematização e questionamento daquilo que está sendo feito e da organização de certos modos de fazer. Foucault (2006c) busca mostrar, com sua arqueologia do saber,

...que a demonstração científica no fundo nada mais é que um ritual, mostrar que o sujeito supostamente universal do conhecimento na realidade nada mais é que um indivíduo historicamente qualificado de acordo com certo número de modalidades, mostrar que a descoberta da verdade é na realidade certa modalidade de produção da verdade, trazer assim o que se dá como verdade de constatação ou como verdade de demonstração para o embasamento das qualificações do indivíduo cognoscente, para o sistema da verdade-acontecimento... (Foucault, 2006c, p. 306).

Latour (2004) ao propor uma epistemologia política¹⁴, propõe que se faça a “análise explícita dos poderes entre ciências e políticas” (p. 376), fazendo visíveis seus entrelaçamentos:

Quanto às disciplinas científicas, uma vez tornadas visíveis, presentes, ativas, agitadas, cessando de ser ameaçadoras, vão poder desprender este formidável potencial de pluriverso, que elas não tiveram jamais, até aqui, ocasião de desenvolver... libertadas de sua função de epistemologia (política), multiplicar os recintos, as arenas, as instituições, os fóruns, as experiências, as provas, os laboratórios pelos quais se associam os humanos e os não-humanos, todos novamente libertados. A Ciência está morta, viva a pesquisa e vivam as ciências (Latour, 2004, p. 95).

Trabalhando com estes autores, diante dos paradoxos apresentados e desta posição incômoda em que me encontro, a escrita dessa tese – redução (ou não) da experiência-doutorado a um documento científico – se apresenta para mim como um dilema entre a ‘obediência’ ou a ‘aposta’. Por um lado, a escolha por obedecer e cumprir os ordenamentos claramente definidos pelos tribunais epistemológicos tradicionais, predominantes na psicologia e fortes nesta instituição, que poderiam ser atendidos meramente com o que Latour (2000b) chama de uma decisão ‘esperta’ no momento da escrita. Omitindo o processo, bastaria atender às prescrições, seguir a regra, e fazer um pouco mais do mesmo:

Como um bom jogador de bilhar, um autor esperto pode calcular tacadas com três, quatro ou cinco repiques. Seja qual for a tática, é fácil perceber a estratégia geral: faça tudo o que for necessário com a literatura anterior para torná-la o mais útil possível à tese que você vai defender. As regras são bastante simples: enfraqueça os inimigos, paralise os que não puder enfraquecer...; ajude os aliados se eles forem atacados; garanta informações seguras com aqueles que o abastecem com dados inquestionáveis...; obrigue os inimigos a brigarem uns com os outros...; se você não tiver certeza que vai ganhar faça declarações atenuadas. De fato, são regras simples: são as regras dos velhos políticos (Latour, 2000b, p. 66).

¹⁴ A epistemologia política opõe-se aos termos epistemologia enquanto o estudo das ciências; e epistemologia (política), ou epistemologia policial, que seria a utilização do conhecimento científico para fins políticos, “fazer política ao abrigo de toda política” (Latour, 2004, p. 376).

Por outro lado, tomar o risco da aposta de que as regras de ‘controle de qualidade’, produção de conhecimentos e da própria definição das ciências, não estejam absolutamente universalizadas e fechadas. É a aposta de que o exame da caixa-preta possa dimensionar a experiência para além das páginas da tese, evidenciando o modo como coletivamente se produzem os doutores-jogadores-de-bilhar (ou não), os projetos de pesquisa e as teses que materializam um ‘novo fato científico’ (que com maior ou menor fidelidade e competência usarão as regras dos velhos políticos), em sua indissociabilidade de uma instância política, usualmente ocultada e não-oficializada da ciência. É também uma aposta de que vale a pena tentar fazer parte da não-universalidade acadêmica, de um “pluriverso”¹⁵ onde se possa produzir resistências e enfrentamentos, basicamente por entender que aqui também é lugar de se fazer política!

“Pesquisadores discutem critérios e normas acreditadas para bioensaios”¹⁶: condições, impossibilidades e crise da/na universidade

Por um lado, temos um modelo que ainda aplica o velho lema: quanto menos vinculada uma ciência, melhor; por outro, existem diversas disciplinas de status incerto, que tentam aplicar sem sucesso o modelo antigo e não se acham ainda preparadas para apregoar algo parecido com o que vimos dizendo: “acalmem-se, descontraíam-se, quanto mais vinculada uma ciência, melhor...” (Latour, 2001, p. 33).

A abertura do que Latour chama de caixa-preta, permite que se transite pela produção disso que se apresenta como o resultado de um processo de

¹⁵ Com esta palavra Latour expressa oposição ao termo *uni-verso*, à universalização, e defende a expressão de proposições que não operem no sentido de unificação ou essencialização do mundo compartilhado por humanos e não-humanos.

¹⁶ Portal do Agronegócio, 01 de agosto de 2007: “A necessidade de desenvolver e validar estratégias de bioindicação levou um grupo europeu a criar uma metodologia nos estudos de solos que consolidou-se em normas ISO. (...) Uma das principais dificuldades para criação de normas para bioensaios é mantê-las flexíveis o suficiente para distinguir o que é variabilidade aceitável e o que é erro. Em ensaios de base química e física os dados são exatos, mas na biologia não. A preocupação se amplifica quando se trata de OGMs. Apesar da atuação rigorosa dos órgãos regulamentadores, como a CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança), há margens para questionamentos na liberação de plantios e comercialização destes produtos. (...) O primeiro passo, e o mais complexo, definiu os critérios: relevância ecológica; métodos padronizados, validados e sensíveis às alterações; boa relação custo/benefício; boa cobertura geográfica; facilidade de amostragem e de comunicação a não especialistas. A etapa seguinte levou à construção de estratégias que depois de testadas e validadas em campo por parceiros em diferentes países deram a base para o estabelecimento de normas ISO que, por sua vez, são revistas a cada cinco anos...”. A matéria completa está disponível em: <<http://www.portaldoagronegocio.com.br/index.php?p=noticia&&idN=17341>>.

‘investigação científica’, que convertida em pesquisa nos dá visibilidade dos procedimentos, rituais e técnicas de produção de verdade aos quais o fato ou artefato foi submetido. E aqui, mais uma vez, vê-se potencializar o encontro entre Foucault e Latour quando se coloca em análise o científico e suas relações políticas.

Latour (2001) contrapõe a noção de Ciência, definida como possuidora de “certeza, frieza, distanciamento, objetividade, isenção e necessidade” (p. 33), à noção de Pesquisa: “ela é incerta, aberta, às voltas com problemas insignificantes como dinheiro, instrumentos e *know-how*, incapaz de distinguir até agora o quente do frio, o subjetivo do objetivo, o humano do não-humano” (pp. 33-4). Além da disputa entre a Ciência e a pesquisa, o autor afirma que outra oposição se manifesta nas ciências humanas pelos chamados modelos “pós-moderno” e “não-moderno”¹⁷. “Tudo aquilo que o primeiro invoca como justificação para uma ausência, mais desmascaramento, mais negação e mais desconstrução, o segundo acolhe como prova de presença, desenvolvimento, afirmação e construção” (p. 35). Essa diferenciação e oposição fundamentam-se para Latour no fato de que “a modernidade jamais constituiu a ordem do dia” (p. 35). A transição da Ciência para a Pesquisa acenaria com a possibilidade de “*libertar as ciências da política* – a política da razão... libertar os não-humanos da política da objetividade e os humanos, da política de subjetificação” (p. 36). Fazer Pesquisa, ao invés de participar das ‘guerras das ciências’, permite evidenciarmos os acontecimentos ‘invisíveis’ obscurecidos pela ‘etiqueta’¹⁸ científica recusando a separação entre contexto e conteúdo, que justificam os caminhos escolhidos para a escrita desta tese. O foco de Latour está na processualidade da ciência, desafiando uma visão que postula a ciência como aquilo que *é* (como expressão de fatos objetivos não mediados), a partir da compreensão daquilo que *se torna*. O trabalho científico visto desta perspectiva, deve ser analisado com referências às instituições – na materialidade de organizações (substantivo) – que promovem formas de organização (verbo), ordenações e classificações do mundo. Estes duas formas de

¹⁷ “‘Modernismo’ é um acordo responsável pela criação de uma política em que boa parte da atividade política justifica-se por referência à natureza. Assim, é modernista toda concepção de um futuro em que a ciência ou a razão desempenharão papel importante na ordem política. O ‘pós-modernismo’ é a continuação do modernismo, exceto pelo fato de a confiança na amplitude da razão ter arrefecido. O ‘não-moderno’, em contrapartida, recusa-se a atalhar o devido processo político, recorrendo à noção de natureza, e substitui a linha divisória entre natureza e sociedade pela noção de coletivo [associação de humanos e não humanos]” (Latour, 2001, p. 352).

¹⁸ Entendida como as ‘boas maneiras’ e como ‘rótulo’ de certificação.

organização não podem ser dissociadas, porque a atividade de organizar necessita de organizações (substantivo) que a sustente, e não há como se compreender as organizações (substantivo) sem referência aos seus atos de organização (verbo) (Harris, 2005).

Mostrar os rituais que produzem acontecimentos, deslocando a questão da descoberta para a produção e evidenciando as relações de poder aí implicadas, é também o que Foucault pretende ao situar historicamente a produção de conhecimentos na sociedade ocidental. Trata-se de estratégias diferentes – por um lado o estudo da *ciência em ação*; por outro o estudo da *arqueogenealogia dos saberes* – que convergem para um objetivo em comum de problematização do universalismo e imperialismo dos discursos que tentam des-politizar as ciências (seja por apelos à hierarquia epistemológica da Ciência, ou pelo recurso à epistemologia (política) de que fala Latour).

As práticas de investigação delineadas pela Ciência e predominantes da psicologia, privilegiam abordagens que supõem a possibilidade de se atingir a verdade, que como analisa Foucault (2006a, 2006c), embora se considere estar em toda parte e em todo o tempo, “cabe a nós encontrar a boa perspectiva, o ângulo conveniente, os instrumentos necessários” (2006a, p. 309). Ela depende, pois, de momentos e de procedimentos pelos quais ela não apenas se desvela, mas *se produz*, pela qualificação de quem a enuncia, pelo domínio “dos instrumentos necessários para descobri-la, as categorias necessárias para pensá-la e a linguagem adequada para formulá-la em proposições” (2006c, p. 302), ou seja, depende de toda uma “tecnologia da construção”, “tecnologia da demonstração” da verdade correspondente à prática científica como descoberta, que encobriu os acontecimentos e colonizou “os gestos, o corpo, o pensamento dos indivíduos”, os “territórios” e “superfícies” (pp. 315-6) e constitui-se como uma norma universal, na sociedade ocidental.

O que esta tecnologia demonstrativa produtora de uma “verdade-céu” (2006c, p. 304) recobre, segundo Foucault, é uma forma de verdade anterior em nossa história, uma verdade dispersa, não universal, local, “que não é da ordem do que é, mas que é da ordem do que acontece... uma verdade que não é constatada mas que é suscitada, perseguida... que não se dá pela mediação de instrumentos, mas que se provoca por rituais” (2006c, p. 304), onde o que importa não é o método, mas a estratégia. A arqueologia busca mostrar como o ocidente passou a

privilegiar a forma “verdade-descoberta” – “que é por ora um poder dominante e tirânico” (p. 306) – em detrimento da “verdade-acontecimento”, “verdade-estratégia”, “verdade-raio”, que em oposição à primeira (focada na relação de conhecimento) é uma relação de poder. A demonstração científica deriva das transformações nos procedimentos de produção de verdade sobre o saber empírico no ocidente (a generalização da técnica jurídico-política do inquérito, sua aplicação ao inquérito da natureza, a rarefação dos que podem descobrir a verdade, a produção de fenômenos através da experimentação controlada em laboratórios), evidenciando toda uma rede de poder político e econômico que a ela se vincula, na passagem da Idade Média para a sociedade industrial: “emergência de um poder político que tem a forma do Estado; extensão das relações mercantis em escala global; colocação das grandes técnicas de produção” (Foucault, 2006a, p. 314).

Estas considerações enfatizam o paradoxo que me é imposto pelo referencial teórico que tomo como ferramenta e minha posição e objetivos ao operar com estas ferramentas: inserida num programa acadêmico, construir um artefato que seja reconhecido como uma tese, que ao mesmo tempo ‘corresponde’ e conflitua com a normatização científica que busco criticar. Paradoxo entre a apresentação de uma tese-demonstrativa conformada aos modelos instituídos pela Ciência Moderna ou uma tese-acontecimento, conciliada com seus rituais, com sua localidade e provisoriedade, que desde uma perspectiva não-moderna busca evidenciar a construção dos saberes e sua estreita vinculação histórico-política (seus rituais, tecnologias, procedimentos, validações...). Paradoxo que produz uma crise!

E é inevitável fazer aqui um paralelo entre o que Foucault (2006c) discute sobre a tecnologia da crise na prática médica e o manejo da crise na instituição acadêmica. A noção de ‘crise’ que esteve no centro da tecnologia de produção de verdade-prova (em oposição à verdade demonstração) na medicina até o século XVIII (anterior à anatomia patológica) significava o momento crucial de batalha, de combate, de decisão entre vida ou morte; momento de apreensão e *produção* de sua própria verdade. Era na crise que o médico deveria intervir, não para eliminá-la, mas para tentar buscar um equilíbrio, para que ela ao mesmo tempo se manifestasse, sem ser violenta demais. A crise era condição de possibilidade de identificação da doença, de produção de uma verdade-acontecimento e o médico

seria o “gerente da crise”, ele não curava, ele previa a crise, avaliava as forças e as saídas possíveis.

Ao final do século XVIII a noção de crise deu lugar à tecnologia do inquérito aplicada à saúde, um “quadriculamento inquisitorial” (Foucault, 2006c, p. 317), matriz das tecnologias de verdade-demonstração. E assim se deu o processo de exclusão da crise – que se torna uma prova dispensável frente ao inquérito – dos hospitais psiquiátricos: a) como sistema disciplinar, a ordem hospitalar não comporta a crise. “O espaço disciplinar do asilo não pode ceder lugar à crise da loucura” (p. 319); b) a verdade da loucura pode ser buscada na anatomia, dispensando a crise do ponto de vista epistemológico e; c) a crise, devido à associação da loucura à criminalidade, pode ser perigosa para a sociedade. Em síntese, a crise torna-se ao mesmo tempo dispensável e indesejável.

O paralelo que quero fazer, transpondo essa análise para o universo acadêmico, diz respeito ao modo como seus agentes também se esforçam no sentido de eliminar a crise, não a crise da loucura, mas aquela que se produz frente à dúvida e o questionamento da Ciência e dos sistemas teóricos das disciplinas. Chamarei de ‘crise acadêmica’, essa crise que se produz *na e em relação à* universidade, o incômodo, o desconforto, a indignação, a dúvida, que eu, como muitos outros que se aventuram por um doutorado, vivenciam durante seu processo de tornar-se doutor, ou em suas atividades acadêmicas em geral quando já são parte do quadro profissional nestas instituições.

A crise também aqui poderia significar o momento crucial de batalha na pesquisa, de combate, de decisão entre produção ou reprodução de saberes, momento de apreensão e *produção* de sua própria verdade. Na crise, os agentes institucionais acadêmicos (primordialmente orientadores e professores) poderiam intervir, não para eliminá-la, mas para tentar buscar um equilíbrio, para que ela ao mesmo tempo se manifestasse, sem ser violenta demais, destrutiva. A crise seria assim, condição de possibilidade de identificação de problematizações, de produção de uma verdade-acontecimento, e os agentes institucionais, talvez mais especificamente o orientador, seria o “gerente da crise”, ele não curaria, ele preveria a crise, avaliaria as suas forças e as saídas possíveis. No entanto, a instauração da verdade-demonstração como correspondente único do modelo científico autorizado nos espaços acadêmicos, produz efeito semelhante nas universidades, àquele da medicina, onde a crise se tornou algo indesejável.

Quando se define a produção de saberes pelo acesso à verdade-conhecimento, que primam por um desenrolar disciplinado de métodos de investigação, demasiadas indignações, problematizações ou crises, em relação a certo conjunto de conhecimentos ou disciplina científica, são sistematicamente excluídas ou silenciadas. Quando a Ciência se define com relação à certeza, à objetividade, à uniformização dos saberes; a crise, que poderia ser o motor do pensamento, torna-se inconveniente. E do mesmo modo que nos hospitais psiquiátricos, se dá nas universidades um processo de exclusão da crise – que se torna dispensável frente à ênfase na “disciplina da enunciação” (Foucault, 1999b): a) como sistema disciplinar, a universidade não comporta a crise; b) a verdade da ciência pode ser buscada pela racionalidade traduzida pelo método, dispensando a crise do ponto de vista epistemológico e; c) a crise, devido a perturbações que introduz no processo de pensamento, pode ser perigosa para a produção acadêmica. A crise torna-se ao mesmo tempo dispensável e indesejável.

O desafio que se impõe é pensar como seguir diante deste paradoxo. Como, estando em plena crise e na universidade, posso fazer frente à exclusão da crise da academia?

A primeira brecha que encontro é dada justamente pela fragilidade do posicionamento da psicologia no cenário epistemológico Moderno, a partir das considerações já feitas, que abrem possibilidade para uma produção de diferença. Abertura que se dá pela crise nos procedimentos de saber tão evidente na psicologia, que não apenas coloca em jogo os limites do campo de conhecimento, mas “interroga as relações entre as estruturas econômicas e políticas de nossa sociedade e o conhecimento (não em seus conteúdos falsos e verdadeiros, mas em suas funções de poder-saber)” (Foucault, 2006a, p. 314). Exatamente porque não há unanimidade, onde essa não se sustenta, se pode reivindicar a legitimidade da produção da diferença. E como decorrência desta assunção inicial, mesmo inserida neste espaço institucional e tendo que responder aos disciplinamentos que este impõe, cria-se a possibilidade de uma elaboração crítica que busque combater os efeitos totalizantes produzidos pela institucionalização destes discursos. Frente a isso, sustento com um dos objetivos desse trabalho tomado da genealogia foucaultiana, que ele possa também operar como uma ‘tática de intervenção’ *sobre os discursos da ciência*, “contra os efeitos centralizadores de poder que são

vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa” (Foucault, 1999b, p. 14).

Assim, tento fazer em minha experiência-doutorado o que Latour define como Pesquisa e, ao mesmo tempo, fazer desta pesquisa uma ferramenta política de questionamento da maquinaria de produção Ciência Psicológica. Por isso, o esforço em não calar a crise – que faz parte desta caixa-preta – em não silenciá-la ou excluí-la, pelo enquadramento da tese nos moldes acadêmicos convencionais (no que diz respeito às polícias-políticas de forma e conteúdo, que em tais perspectivas são metodologicamente separadas umas das outras). Em virtude das exigências de cumprimento dos critérios acadêmicos e na minha falta de vocação para ‘doutoranda-kamikaze’, a alternativa viável para fazer da tese esta ferramenta política dentro de um espaço de resistência possível, foi tentar fazer com que em alguma medida a problematização pudesse também voltar-se sobre o próprio processo de doutorado, que a pesquisa pudesse dobrar-se sobre si mesma, sem com isso negligenciar o precioso ‘objeto de estudo empírico’. Disso decorre a ‘necessidade’ dessa longa ‘introdução’, que até aqui, tal como uma célula-tronco embrionária, manteve o potencial de se transformar em ‘qualquer coisa’, para a qual me encaminho agora.

“Não é necessário matar uma vida para fazer outra”, diz pesquisadora¹⁹:

a bifurcação como estratégia política

¹⁹ Folha Online, 18 de abril de 2004: “A extração de células-tronco de embriões para uso terapêutico geralmente enfrenta protestos de grupos religiosos. Desta vez, uma pesquisadora da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) traz argumentos científicos para engrossar o coro daqueles que são contrários a estes estudos. “Nós afirmamos isso porque já temos um modelo experimental. Não é necessário matar uma vida para fazer outra”, diz Lilian Piñero Eça, 48, professora de biomedicina e pesquisadora de células-tronco adultas obtidas da medula óssea. Seu trabalho envolve descobrir os caminhos pelos quais essas células passam para se transformar nos diferentes tecidos do corpo. Esse conhecimento é fundamental para o desenvolvimento de novas terapias de reposição de tecidos lesados. Em entrevista à Folha Online, Eça fala sobre seu livro “Biologia Molecular - Guia Prático e Didático” e sobre sua posição contrária à pesquisa com embriões. (...) “... a gente já tem substâncias que, quando colocadas nas placas de células-tronco adultas, demonstraram bons resultados. (...) Quando você usa a célula-tronco do embrião, o DNA é diferente. Então o paciente corre o risco de sofrer rejeição. Por isso nossa pesquisa é com células-tronco do próprio paciente, extraídas da medula óssea da região da bacia. (...) As pessoas não sabem do rápido crescimento que teve essa área. Então, quando eu começo a falar sobre as aplicações, mesmo em sala de aula, parece que a gente faz as coisas de uma forma milagrosa e não por ciência. A gente sente que as pessoas pensam que nós somos de outro mundo. Então, meu objetivo era que todo o público tivesse acesso a essas informações porque, assim, poderia nos ajudar a aplicar isso [as terapias celulares] mais rápido no país. (...) Nós não somos religiosos, nós somos cientistas. Estamos seguros de que não é necessário mexer com embriões, nem aumentar o mercado negro da venda de embriões. A polêmica é necessária porque só com polêmica se chega a uma ciência correta”. A matéria completa está disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u11575.shtml>>.

O pensamento sem a invenção não conta, pois apenas copia e repete (Serres, 2003, p. 43).

O que se constitui a partir dessas considerações é uma *bifurcação estratégica da pesquisa*. De um lado me dedico a uma problematização da ‘cientificação’ da psicologia pela análise das práticas institucionais, dos processos e burocracias envolvidos na fabricação da ciência psi: mescla entre uma ‘arque-genealogia’ e uma ‘antropologia’ do próprio doutorado que, ainda que de forma muito breve, venho tentando fazer. De outro lado, porém não em oposição, mas como derivação das normatizações impostas por essas práticas que a análise anterior tenta evidenciar, me volto ao objeto de estudo propriamente dito, que será apresentado mais adiante. Acredito que esta bifurcação não implica em dicotomias, posto que sua emergência é em si, possibilitada pelo referencial teórico com que opero. De fato, a crise que produz esta bifurcação poderia mesmo ter sido omitida pela simples exclusão da primeira parte deste trabalho e concentração no ‘objeto’, simplesmente excluindo-se tudo o que foi dito até aqui, num processo de purificação realizada na maior parte dos relatórios científicos que omitem as controvérsias enfrentadas no processo de produção do conhecimento. Ou, quem sabe, de forma mais ousada, poderia ter optado pelo foco exclusivo na problematização destas questões como sendo o próprio objeto da tese, cujos riscos não achei prudente assumir, diante das limitações apresentadas pela instituição acadêmica. Assim, é importante enfatizar que a decisão de operar com essa bifurcação e manter a questão da crise de forma explícita na tese, mesmo acreditando que disso decorrerão alguns custos, não diz respeito a uma casualidade narrativa dos caminhos do pensamento, à busca de uma solução mais fácil ou apelo a um estilo subjetivista, mas de uma compreensão de que sua relevância está na *estratégia política* desta decisão, no contexto²⁰ da produção da psicologia acadêmica. Essa bifurcação permite que eu possa evidenciar os jogos de legitimação científica, sem que eu seja, de antemão, desqualificada ou descartada por não corresponder aos critérios mínimos de elaboração de uma tese (como por exemplo, a presença de um estudo empírico). Permite, ainda, que eu aponte para um importante elemento constitutivo da

²⁰ O contexto não como o que está por trás, como pano de fundo; mas como aquilo que compõe, que diz respeito à “inter-relação de circunstâncias que acompanham um fato ou uma situação (...) o que constitui o texto no seu todo” (Houaiss, 2001, p. 817).

produção das ciências, dos processos de consolidação das pesquisas e dos pesquisadores, destacado por Pinho (2005), qual seja, o que acontece na informalidade das relações, que usualmente só pode ser expresso nos bastidores, nos corredores, nos cafés, nos encontros onde não estamos submetidos aos sistemas de avaliação e onde, portanto, se pode pensar mais ou menos ‘livremente’.

Desde esta perspectiva, embora ainda estejamos na ‘introdução’, algumas das camadas de constituição desta pesquisa já foram percorridas, mas é preciso que se fale ainda sobre outras condições de produção deste trabalho, de como diferentes interesses²¹ foram delimitando e alterando trajetórias, e definindo a própria bifurcação em cuja direção estamos caminhando; ou seja, aquilo que conecta as inquietações iniciais que deram forma às primeiras propostas de investigação deste doutorado e os deslocamentos, distorções e desvios que se impuseram no decorrer do processo acarretando nesta ramificação que logo delimitará o ‘objeto e o objetivo da pesquisa’, propriamente ditos.

De volta ao começo, é preciso associar a trajetória percorrida com as leituras instigantes – além dos já mencionados Foucault e Latour – de Zygmunt Bauman, Ian Hacking e Nikolas Rose, que junto com os primeiros funcionaram como aditivos à vontade de problematizar a fabricação da psicologia e do ‘eu psicológico’ das perspectivas psicológicas. Neste sentido, também os espaços por onde eu circulava, como a própria universidade, Conselho Regional de Psicologia e os congressos da área, se configuravam pra mim como evidências gritantes da necessidade de uma atitude crítica²² em relação à própria disciplina. Tratava-se desde o início, portanto, não do estudo de problemas já constituídos para a

²¹ “Como indica a expressão latina *‘inter-esse’*, ‘interesse’ é aquilo que *está entre* os atores e seus objetivos, criando assim uma tensão que fará os atores selecionarem apenas aquilo que, em sua opinião, os ajude a alcançar esses objetivos entre muitas possibilidades existentes” (Latour, 2000b, p. 179).

²² Tomo a noção de crítica proposta por Foucault, que a define como uma atitude de resistência aos modos de governo como aquilo que amarra o sujeito aos modos de produção de verdade. Não se trata, no entanto, de uma contestação ou crítica do caráter científico dos conteúdos pelos quais se exerce o governo, mas de uma análise em termos de suas relações de poder-saber: “...crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade; pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela da indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade” (Foucault, 1990a, s/p). É uma ferramenta política de desestabilização das certezas instituídas, de produção de desconfortos e constrangimentos: “A crítica não deve ser a premissa de um raciocínio que se concluiria por: eis aqui, portanto, o que lhes resta fazer. Ela deve ser um instrumento para aqueles que lutam, resistem e não querem mais as coisas como estão. Ela deve ser utilizada nos processos de conflitos, de enfrentamentos, de tentativas de recusa. Ela não tem de impor a lei à lei. Ela não é uma etapa em uma programação. Ela é um desafio em relação ao que é” (Foucault, 2006b, p. 349).

psicologia, mas de focar na constituição dos problemas psicológicos pela própria disciplina científica, de pesquisar e problematizar a própria psicologia em sua constituição como disciplina científica e como instauradora de regimes de verdade e modos de vida, bem como certo distanciamento de suas produções de questões emergentes na vida contemporânea.

Assim, um dos meus maiores problemas neste doutorado, era como conciliar um objetivo ‘megalomaniaco’ de problematização da psicologia como disciplina científica, com as possibilidades de realização de um estudo compatível com o período e exigências do curso de doutorado. Além disso, agravavam a situação o enfrentamento das ‘incompreensões’, advindas deste mesmo campo psi homogêneo e fortemente corporativo²³, que não entende o porquê problematizar a psicologia, ou o como se produzir uma tese um tanto ‘anti-psicológica’ – embora pudesse ser melhor definida como anti-psicologista – de dentro da própria instituição psi. E é neste ponto que a bifurcação se fez necessária como estratégia para lidar ao mesmo tempo com as condições e as impossibilidades que se configuraram durante esse processo de pesquisa.

Para conseguir problematizar o processo de fabricação da psicologia, e acessar o conteúdo da caixa-preta, cuja relevância para minha proposta já foi discutida, foi preciso que eu constituísse um projeto de pesquisa que apontasse para um ‘objeto outro’, um objeto que ‘pertencesse’ à psicologia. Foi preciso desencaminhar meu pensar e tomar um desvio, que possibilita que agora eu faça este exercício de tentar dobrar a pesquisa sobre si (tentar explorar a caixa-preta deste processo trazendo, na medida do possível, algumas reflexões sobre suas condições de possibilidade), que não é de modo algum uma tentativa de retornar ao inacessível ponto inicial ou de constituir um ‘auto-estudo de caso’. Um breve exercício pode ajudar a entender o que me empurra para esse desvio.

Imagine que impulsionada pelas questões acima eu apresentasse um projeto de doutorado ao comitê científico deste programa de pós-graduação em que propusesse que ao longo de três ou quatro anos eu ‘seguisse’ alguns pesquisadores em psicologia na realização de seus trabalhos de pesquisa, nesta ou em outra universidade, tentando dar conta de pelo menos parte da diversidade que esta área contém. Eu apresentaria os objetivos da pesquisa, esclarecendo minha inspiração

²³ Situação vivenciada de perto não apenas junto aos colegas do programa de pós-graduação, mas também ao fazer parte do Conselho Regional de Psicologia e da Comissão de Ética desse Conselho e acompanhar as demandas que aí se produziam e dirigiam.

no trabalho de Latour e Foucault, enfatizando meu interesse pela dimensão política da produção científica, ou em outras palavras, no como se dá a construção do fato científico no campo da psicologia e como isso se relaciona ao mesmo tempo à produção de modos de subjetivação. Primeiras barreiras apontadas pelos modelos hegemônicos: qual a teoria psicológica que fundamenta esse projeto? Qual a tese psicológica a ser defendida? Quais são os autores da psicologia onde me sustento? Esse não é um estudo que deveria ser feito pela filosofia da ciência?

Mas supomos que essas barreiras sejam fruto de minha imaginação preconceituosa²⁴ e meu projeto fosse aprovado nessa primeira etapa. Em seguida, apresentaria meu projeto ao comitê de ética em pesquisa e, supondo que eu mais uma vez conseguisse a aprovação do mesmo, passaria à etapa de alistamento dos ‘colaboradores’ (critérios de seleção de participantes, termos de consentimento livre e esclarecido e assim por diante). Ironicamente eu (buscando fazer pesquisa) estaria me lançando no campo de batalhas das ‘Guerras das Ciências’ – sempre aquecido no campo psi, graças a sua grande ‘biodiversidade’ – tentando problematizar meu ‘objeto’ (a Ciência Psicológica). Neste caso, ainda que eu acreditasse na possibilidade de ocupar uma posição ‘privilegiada’ em termos de relações institucionais ‘favoráveis’ e na boa vontade de outros pesquisadores em me dar acesso à caixa-preta de suas pesquisas, o mais provável é que, dada a constituição dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia aos quais eu poderia ter acesso, provavelmente desde o início eu vestiria o uniforme de inimiga a ser combatida por pelo menos grande parte dos envolvidos. De qualquer forma, neste caso ainda seria questionável tal disposição a inclinar-me sobre as caixas-pretas alheias, preservando intacta a minha própria (Pinho, 2005). O exercício poderia seguir, eventualmente, por desdobramentos diferentes. No entanto, a idéia de propor uma tese sobre a fabricação da psicologia (ou de pelo menos de alguns fatos por ela produzidos) a partir do acompanhamento de seus atores num espaço institucional dominado por parâmetros da Ciência, apesar de ser-me muito cara, foi várias vezes empurrada para o campo da impossibilidade.

Outras questões políticas também contribuíram para que apenas por um desvio essa problematização pudesse ser feita. Entre eles, a orientação explícita, no grupo de pesquisa do qual participo, de que ‘não trabalhar com seres humanos’, como resistência ao modo como as normatizações éticas relativas à

²⁴ Em relação ao que eu contra-argumentaria e sustentaria a resistência institucional a este tipo de proposta.

pesquisa com seres humanos freqüentemente operam em sintonia com a Ciência e com perspectivas psicologistas dominantes. Estas defendem uma supremacia do indivíduo e limitam a possibilidade da pesquisa em psicologia ao desvelar do ‘conteúdo interno do sujeito’, postulando como imperativo da pesquisa em psicologia conhecer o que os indivíduos têm a dizer e assumem que esse ‘dito’ fundamenta-se numa produção intra-psíquica individual (por oposição a um social). Era necessário ao mesmo tempo criar uma estratégia de pesquisa em que o interesse de problematização da própria psicologia se fizesse reconhecer como ‘produção de conhecimento em psicologia’ sem ter que recorrer às metodologias, objetos e estratégias tradicionalmente aplicadas neste campo; e enfrentar a (ou me conformar à) tradição empiricista em psicologia constatada por mim nos primeiros ensaios de realização desta pesquisa e documentada e discutida por Parker (2002), pela análise das publicações de estudos empíricos quando comparadas a trabalhos que objetivam críticas teóricas nos periódicos da psicologia. Para além disso, o interesse em ter aprovada uma bolsa de doutorado sanduíche no exterior por avaliadores (‘cegos’) do CNPq, também ditava algumas precauções e ajustes às normas ‘científicas’ de apresentação da proposta de pesquisa.

A primeira versão oficial de meu projeto de doutorado “*A Fabricação da Psicologia Científica nos Periódicos Brasileiros*”, submetida à banca de qualificação e ao CNPq é uma tentativa de conciliação destes interesses: problematizar a psicologia sem trabalhar com humanos e traduzir esta problematização em uma retórica (mais ou menos) científica, como forma de garantir sua viabilização (financiamento e aval acadêmico). Uma tentativa provisória e evidentemente deficitária (talvez exatamente em função dos interesses que tenta conciliar), embora bem sucedida pelo menos em termos de possibilitar uma continuação do processo, que acredito também tenha se dado mais em termos de uma aposta naquilo que estava em aberto e não no que estava definido (continuação que é descontinuidade; permanência no processo que só é possível pela mudança do mesmo). Essa primeira proposta, de pensar a fabricação da psicologia a partir da análise de artigos publicados em periódicos da área, foi definida como um projeto “DIFÍCIL em termos de metodologia, *já que tudo se imbrica com tudo*”, que “precisa ganhar consistência, embora deva manter o ritmo de ensaio auto-reflexivo”, como foi assinalado por Heliana Conde no processo de qualificação. Um projeto em que “às vezes *o problema se confunde com certo*

'*campo empírico*'. É preciso cuidar para não cair em uma categorização do discurso da Psicologia Científica que vai mostrar aquilo que já se sabe e, ao mesmo tempo, *reproduzir um procedimento investigativo que se quer problematizar*' segundo Rosane Neves (os destaques em itálico são meus).

Em síntese, do modo como estava delineada a proposta, nem eu conseguiria fazer a problematização que pretendia com a mínima objetividade requerida, nem conseguiria permitir que os periódicos (como campo empírico escorregadio) falassem do que estava incorporado àqueles discursos psicológicos (a serem problematizados) que figuravam nos artigos submetidos à análise. Neste ponto, parece que se fecha um círculo de problemas que ironicamente se compõe também em função da discrepância entre o estatuto epistemológico da psicologia e seus procedimentos de produção de conhecimento, que até aqui tentei discutir.

Com alguns caminhos interrompidos por estes desmoronamentos, foi preciso criar um desvio. Disso seguiram-se várias tentativas de tomada de um caminho que fosse mais 'estável' e 'palpável': a pressão de fazer um estudo 'empírico'; o querer manter os periódicos como campo empírico; a necessidade de definir melhor o 'foco' em termos de algum constructo com o qual opera a psicologia (saúde, saúde mental...), como sugeriu a banca de qualificação... poderia ser, mas a orientadora não gostou e não aprovou; uma intuição de que era necessário ampliar o campo empírico pra outros aparatos onde os discursos psi se inscrevem (revistas, programas de televisão, internet...); objetivar sem reduzir; focar sem tornar a rede capenga; definir uma questão de pesquisa; problematizar a fabricação da psicologia (muito amplo, é preciso focar); pensar com Latour; pensar com Foucault; buscar um objeto 'psicológico', um objeto (qualquer?) que falasse de sua constituição como tal, que falasse da rede em que se torna possível, que falasse de como constitui modos de ser, que falasse que é ao mesmo tempo um objeto psicológico e político... e que produzisse algum pensar... A partir daqui, sigo em direção ao segundo braço da bifurcação dessa tese, tentando resolver os problemas apontados na primeira versão do projeto e finalmente definindo um estudo empírico que atendesse simultaneamente às exigências institucionais e aos meus interesses de pesquisa.

“Pimenta inspira anestésico que não paralisa”²⁵: para administrar o desconforto e manter-se em movimento

... o balizamento de uma descontinuidade nunca é senão a constatação de um problema a resolver (Foucault, 2006b, p. 338).

‘E se alguém perguntar: Sobre o que é a sua tese?’. Esta foi uma das questões que marcou a necessidade de ter um ‘objeto’ que não a própria psicologia. Porque para fazer uma tese (qualquer) era necessário ‘tomar um objeto’ para ser analisado à ‘luz das teorias psicológicas’... E lá fui eu, *criar* um objeto que me permitisse, com bases num estudo ‘empírico’ (!) atender às exigências acadêmicas e ao meu desejo de uma análise crítica daquilo que se produz hoje no campo da psicologia, de suas alianças, de seus efeitos políticos e éticos, de problematização; enfim, das questões que tenho discutido até aqui. Eis que chega a hora de apresentá-lo. No desfazer e refazer de minhas várias tentativas de adequação aos parâmetros de investigação de doutorado, o contato com o último trabalho de Nikolas Rose (2007) apontou para uma possibilidade *interessante*: uma nova interface da psicologia com o campo da biomedicina, neurociências e com as biotecnologias. Aliás, pista que já havia sido indicada por Heliana Conde no momento da banca de qualificação, ao falar da reflexão sobre minha proposta de problematização dos *passos-psi*: “...principalmente no contemporâneo, quando estamos assistindo a uma intensa BIOLOGIZAÇÃO de

²⁵ G1, Portal de notícias da Globo, 04 de outubro de 2007: “Junção de princípio ativo do alimento com molécula pode revolucionar tratamentos. Dupla afeta apenas neurônios que sentem dor, deixando os demais em atividade. Ficar o tempo todo consciente e com capacidade de movimento durante uma cirurgia complicada? Fácil: é só colocar um pouquinho de pimenta no anestésico. Parece um absurdo, mas é o que uma equipe de pesquisadores americanos parece ter conseguido em experimentos com ratos. Ao combinar uma molécula hoje usada apenas para experimentos com neurônios e o "princípio ativo" da pimenta vermelha, que produz a sensação de ardor do condimento, eles podem ter criado uma nova geração de anestésicos, que bloqueiam apenas a dor, sem afetar o resto do sistema nervoso. (...)O que acontece é que a capsaicina, a substância do condimento que induz a sensação de dor e "queimadura", afeta de forma seletiva os canais moleculares formados por uma proteína, a TRPV1. Esse tipo de canal só existe na membrana dos neurônios sensíveis à dor e funciona como um condutor de mensagens, indicando às células a presença do estímulo doloroso. A capsaicina da pimenta-vermelha força esses canais a se abrirem. Os pesquisadores injetaram nos ratinhos de laboratório uma mistura de capsaicina e de um tipo de anestésico o qual, normalmente, só funciona quando é injetado diretamente dentro dos neurônios. Acontece que, dessa vez, a capsaicina enfiou o pé na porta e deixou a passagem livre para esse anestésico, por assim dizer -- ele entrou com facilidade nos neurônios. Mas só nos neurônios sensíveis à dor: tanto que os roedores continuavam respondendo ao toque e andando normalmente, embora não sentissem mais os estímulos dolorosos...”. A matéria completa está disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL144496-5603,00-PIMENTA+INSPIRA+ANESTESICO+QUE+NAO+PARALISA.html>>.

questões antes PSICOLOGIZADAS, sem, é claro, que o poder dos especialistas se veja abalado (ele é mesmo...reforçado com isso).”

Esta nova trama de ‘interesses’ permite a formulação de novas ‘questões de pesquisa’, mas não descarta um questionamento central que me acompanha desde o início: o modo como os discursos científicos produzem modos de ser, constroem verdades e governam a vida. Altera-se o objeto, as conexões a serem examinadas e a própria centralidade da psicologia como ‘objeto’ privilegiado da crítica – sem que, no entanto, se perca a perspectiva de produção de uma análise que possa ser problematizadora das práticas psi.

O disparador dessa proposta é o fato de que o ‘eu’²⁶, até então primordialmente constituído como um objeto psicológico, é hoje enredado por outros discursos de verdade, que embora não abandonem referências já legitimadas pelo campo psi, passam a constituir novas epistemologias e ontologias para o sujeito, sua compreensão e dinâmica. Termos psicológicos como emoção, personalidade, memória, sofrimento psíquico entre tantos outros, têm gradualmente migrado para outros domínios do conhecimento, insinuando-se uma passagem de uma era psicologista para a primazia do biologismo. E se isso de fato ocorre, teria a psicologia ainda algo a dizer sobre a subjetividade? Seria o biologismo a ‘vitória’ sobre as formas combatidas de psicologismo? Seria o eu neuro-químico ou bio-químico um problema para a psicologia? Que questões essas perspectivas biológicas da subjetividade formulam à psicologia? Que novas alianças se constroem em meio a estes jogos de verdade? Como essas transformações configuram novas estratégias biopolíticas na contemporaneidade? E como esses discursos conquistam sua eficiência em termos biopolíticos? Seria o cientificismo acadêmico a ‘cruz de salvação’ da psicologia na busca de uma consistência epistemológica? Seria uma solidez epistemológica a condição de existência da psicologia no cenário científico contemporâneo?

Ao selecionar algumas destas questões e iniciar as primeiras análises, buscando materiais que falassem dessa interface da psicologia com o campo biológico, percebi que havia algo extrapolando essa exacerbação do biológico bem como esse ‘biologismo’ ligado a procedimentos mais ‘óbvios’ como mapeamento cerebral e manipulação genética. Nos materiais de análise com que vinha tomando contato, intencional ou casualmente, começa a ser percebida uma

²⁶ Utilizarei os termos ‘eu’ e ‘self’ como sinônimos.

especificidade deste biológico, bem como a necessidade de dispersão da minha atenção para além do foco nas intervenções que tinham como alvo direto o humano e a 'subjetividade', atentando para a capilarização e importância das *novas biotecnologias* em geral nas estratégias de produção de verdades e modos de vida na atualidade. Num sentido amplo, biotecnologias incluem procedimentos que já possuem longa existência, como a fermentação de alimentos, produção de vacinas, hibridização de plantas e animais. No entanto, o que me interessa especificamente neste trabalho são as chamadas *novas biotecnologias* que se vinculam à *biologia molecular* e à *nanotecnologia*, tais como a manipulação genética de sementes, reparação e manipulação de genes, produção de drogas e outros produtos decorrentes destes processos; que como será discutido adiante, almejam não apenas questões terapêuticas, mas o melhoramento de capacidades biológicas de humanos e não-humanos. A partir disso, criei meu objeto de pesquisa: a biotecnologia como dispositivo que fala de uma rede de produção de saberes, poderes e subjetividade na contemporaneidade (Foucault, 1988).

Aspectos do estreitamento das relações entre o campo biológico e a subjetividade têm sido discutidos por vários autores, dos quais destaco Novas e Rose (2000), Pimentel (2006), Pimentel e Bruno (2006a, 2006b), Rose (2007), que contribuem na composição de minha problematização, ainda que marcando algumas diferenças. Ao me aproximar dessa discussão, compartilho com esses autores um entendimento sobre a emergência de uma nova compreensão dos modos de constituição do 'eu' ligada ao desenvolvimento das neurociências e biotecnologias que afeta as práticas psi e, partindo desse ponto, apresento minhas questões de pesquisa. A primeira delas problematiza exatamente isso que tomo como objeto e interroga: *se pode falar da biotecnologia como um dispositivo político na contemporaneidade?* Do que decorrem as demais questões: *como a biotecnologia participa da produção de modos de ser e legitima uma compreensão da subjetividade encarnada num corpo **biotecnológico e molecular**, que não apenas produz um novo conceito e compreensão do 'eu' mas se vincula a novas estratégias biopolíticas na contemporaneidade?* E por fim: *como a psicologia se relaciona com o desenvolvimento das biotecnologias e que efeitos isso produz no campo psi?*

Essa problematização não é anterior, mas formulada ao longo do processo de pesquisa, que tomo como uma viagem exploratória pelo 'reino biotecnológico',

perseguindo os enunciados sobre biotecnologias dispersos na vida cotidiana na atualidade. Para responder à primeira questão estarei apontando os elementos que falam de uma presença constante das biotecnologias em suas diversas aplicações e a ênfase que esta recebe em diversos meios de comunicação, indicando para uma posição central das mesmas na constituição e compreensão da vida e dos modos de ser e viver na sociedade contemporânea. O ‘material empírico’ que inspira e sustenta essa discussão constitui-se de enunciados sobre biotecnologias e foi reunido principalmente a partir de produtos midiáticos veiculados no Brasil (televisão, revistas, jornais, *websites*, cujo agrupamento foi extremamente facilitado pelo uso da *internet*), incluindo comerciais, notícias e comunicações científicas. Olhar para como a ciência é comunicada (tanto nas instâncias acadêmicas, quanto nas não-acadêmicas; tanto nas enunciações que se apresentam explicitamente como científicas, quanto naquelas que aparentemente não carregam esta pretensão – como comerciais de televisão sobre medicamentos e laboratórios), permite percorrer pelo menos parte das tramas que constituem a rede discursiva entre a ciência, a política, a ficção, a economia e a subjetividade.

Decorre disso, a opção por operar com certa diversidade de fontes de materiais, lançando mão de uma espécie de ‘atenção flutuante’ para os diferentes discursos e enunciados que forjam um novo dispositivo e fazem circular uma concepção de subjetividade que se produz no século XXI. Foi utilizada a ferramenta de pesquisa *Google*, para buscar conteúdos de *sites* não-acadêmicos; artigos de jornais; artigos de revistas de circulação nacional; propagandas e programas veiculados pela televisão. Os demais materiais ‘vieram ao meu encontro’: foram retirados de programas e comerciais de televisão que casualmente assisti (e que pude posteriormente acessar na *internet*), ou notícias e outros textos conectados ao tema em estudo que eventualmente encontrei em revistas, nas ruas, ou recebi por email.

A segunda questão também é respondida a partir deste material, porém nela destaco referências às biotecnologias cuja aplicação tem como alvo direto os humanos (diferenciando-se daquelas que tomam como alvo animais ou plantas, por exemplo), em especial aquelas conectadas às neurociências, desenvolvimento de psicofármacos, medicações e produtos cuja ação é vinculada a instâncias tradicionalmente tidas como psicológicas (identidade, afetos, emoções, memória,

humores, etc...), ‘codificando almas’²⁷. Para responder à terceira pergunta, agrego a estes materiais artigos retirados de periódicos científicos de psicologia disponíveis na *Biblioteca Eletrônica Scielo* e de um *website* produzido e mantido por grupo de pesquisa sobre psicologia e neurociência.

Como a principal forma de acesso a estes materiais foi a ferramenta de busca do *Google*, é pertinente assinalar que os resultados de pesquisa aí obtidos, especialmente sua ordenação, não são aleatórios, no entanto, sua popularidade entre os usuários da *internet* justifica sua utilização como forma de ‘seleção’ do material de análise. Inicialmente as buscas foram feitas pela combinação de palavras-chave²⁸ e em função do grande número de referências encontradas, nem todos os textos localizados foram usados na análise. Estes foram inicialmente selecionados buscando dar visibilidade à capilarização da biotecnologia no cotidiano, nas mais diversas práticas e atividades. Em seguida selecionei os materiais que faziam conexões mais explícitas entre as biotecnologias e a subjetividade, excluindo-se aqueles que não traziam elementos novos para esta discussão, em relação aos materiais já escolhidos (característica especialmente presente nos artigos acadêmicos encontrados).

Como já indicado, retiro as ferramentas conceituais que utilizo para a ‘manipulação’ destas questões principalmente dos trabalhos de Foucault e Latour, que me oferecem condições de conectar o circuito da produção científica, suas regras e códigos de fabricação, com a produção e governo da subjetividade, cujos pontos de aproximação centrais para este trabalho serão aprofundados. Neste sentido, não submeti o ‘material empírico’ a análises de conteúdo ou

²⁷ Codificação aqui carrega um duplo sentido, por um lado vinculado ao processo de codificação da alma em termos biológicos; por outra, a implicação que este processo tem com a relação de consumo que transversalizam o desenvolvimento das biotecnologias. Colocadas como produtos que podem agir sobre tais fenômenos (identidades, humores, memórias...), as biotecnologias colocam um ‘valor comercial’ (códigos de barra) na experiência subjetiva: quanto custam as ‘almas biotecnológicas’? Quanto você está disposto a pagar pela sua felicidade, memória, tranquilidade...? Quem pode pagar o preço das ‘almas’ felizes na contemporaneidade?

²⁸ As palavras-chave utilizadas foram se definindo pela cadeia de associações disparada pelos próprios materiais pesquisados. As buscas iniciais foram feitas a partir dos termos biomedicina, neurociência e biotecnologias, depois submetidas a sucessivos refinamentos de busca e recombinações, como por exemplo com a palavra *psicologia* (e suas variações: psicológico, psiquismo, psicológicas, psíquico, etc) + *biologia, mente, cérebro, bioética, subjetividade, nanotecnologias, cotidiano, neuropsicologia, etc.*, também contemplando possíveis variações destes termos. Cada nova entrada e recombinação da pesquisa foi feita a partir de uma referência encontrada em outro material que se vinculava ao tema de estudo. No decorrer da pesquisa, e como efeito das análises precedentes, deixei de privilegiar essa ligação explícita entre as biotecnologias e temas da psicologia e passei a interessar-me por qualquer material que, ou mencionasse a utilização de qualquer biotecnologia na vida cotidiana, ou estivesse noticiado em mídia de grande circulação.

hermenêuticas, ou a qualquer tipo de interpretação do que possa estar ‘por trás’ dos mesmos. Tomo-os naquilo que está na superfície e busco incorporá-los ao meu texto com o intuito de dar visibilidade e sustentação às reflexões que faço. Uma das estratégias adotadas, com o intuito de destacar a dispersão e força dos discursos sobre biotecnologias, foi utilizar, para cada título e subtítulo da tese, manchetes de notícias sobre biotecnologias publicadas na mídia nacional, apresentando pelo menos parte do texto publicado como nota de rodapé. Embora estas notícias tenham sido escolhidas entre aquelas cuja manchete pudesse servir com uma espécie de metáfora para o tópico a ser discutido, e foram muitas vezes retiradas de mídias com acesso mais restrito; elas, em sua grande maioria, foram publicadas simultaneamente em diversos veículos de comunicação, cujo conteúdo se apresentava de forma muito semelhante. A segunda forma como insiro esses conteúdos é no corpo do texto propriamente dito. Esse procedimento de distribuição do material em notas de rodapé e no texto coincide com três intenções principais: a primeira delas é trazer para o conjunto da tese o maior número de enunciados possível, buscando compartilhar com o leitor a perplexidade vivenciada no processo de pesquisa ao explorar toda a diversidade de textos sobre biotecnologias que estão dispersos na mídia. A segunda intenção é mostrar diferentes formas como estes enunciados nos interpelam: alguns deles são explicitamente colocados como o ‘centro’ da atenção, como o conteúdo sobre o qual versa a comunicação ou aquilo que vamos deliberadamente buscar (quando lemos uma revista científica, assitimos a um documentário ou uma notícia sobre biotecnologia, por exemplo); enquanto outros nos interpelam ‘pelas bordas’, nos surpreendem quando não estamos buscando por esse tipo de informação (como a biotecnologia inserida em novelas, filmes e comerciais de televisão). A terceira, concerne a uma intenção estética produzida a partir da possibilidade, dada pelas biotecnologias, de utilização de um novo vocabulário que pode ser ‘transposto’, ‘emprestado’ para falar de diferentes situações da vida (como feito a partir da ‘clonagem’ das manchetes utilizadas).

A partir dos caminhos percorridos nesta viagem, aponto para as principais transmutações que as biotecnologias vêm provocando na compreensão do biológico, da vida, do corpo e do ‘eu’, sustentado que na contemporaneidade a biotecnologia tem se constituído como um novo dispositivo político que envolve modos de saber, poder, subjetivação e governo. Mapeando estratégias,

ferramentas e espaços de dispersão e propagação dos discursos sobre biotecnologias na vida cotidiana, sugiro a constituição de um modo de ser biotecnológico, que forja de forma inédita, dada a particularidade oferecida pelos processos biotecnológicos, sujeitos híbridos de humanos e não-humanos, substâncias orgânicas e não-orgânicas²⁹. São ainda analisadas as relações entre diferentes noções de subjetividade, que emergem historicamente vinculadas a campos de saber e poder, com estratégias de governo, problematizando as transformações impulsionadas pelas biotecnologias. Por fim, discuto como a psicologia participa dessa rede contemporânea em que as biotecnologias tornam-se cada vez mais importantes para a compreensão do mundo e daquilo em que estamos nos tornando.

²⁹ Com isso não sugiro a existência de formas 'puras' anteriores, mas busco destacar as novidades produzidas com estes processos específicos, que resultam em novas combinações e novas formas híbridas.

“MERCADO ESTÁ ABERTO A NOVOS EMPREENDIMENTOS BIOTECNOLÓGICOS”³⁰

Pela primeira vez na História e, sem dúvida, na auto-evolução, a autoformação do homem não possui mais os estatutos da metáfora. As ciências e as técnicas acabam de assumir literalmente o humanismo; você quer construir o homem? Aqui estão os meios (Serres, 2003, p. 57).

A indicação de que a biotecnologia esteja se constituindo em um novo dispositivo na contemporaneidade emerge da questão: *como as biotecnologias passam a ser cada vez mais importantes na constituição e compreensão do que estamos nos tornando, produzindo deslocamentos naquilo que somos (e não seremos mais)?* Ao formular esta questão sobre a centralidade da biotecnologia na vida contemporânea, tomo como inspiração o modo de problematização empreendido por Foucault em sua pesquisa sobre o dispositivo da sexualidade, e ao tentar respondê-la, buscarei aproximar os trabalhos de Foucault e Latour.

A relevância das biotecnologias nos modos de subjetivação contemporâneos já foi apontada por Pimentel (2006) e Pimental e Bruno (2006a, 2006b), que tomam o conceito de individualidade somática proposto por Novas e Rose (2000) para falar do impacto das biotecnologias na tópica da interioridade psicológica. Eles sugerem um deslocamento da subjetividade compreendida como produção de sentidos – ligada a um trabalho interpretativo polissêmico –, para sua delimitação como transparência dada por um código informacional objetivo que é possibilitado pelas biociências e biotecnologias. Assim, segundo os autores, as biotecnologias são tecnologias centrais nas estratégias de poder contemporâneo, que funcionam no quadro de “dispositivos de visibilidade e manipulação dos

³⁰ G1, Portal de notícias da Globo, 17 de outubro de 2006: “Uma das tendências do mercado de trabalho da biotecnologia é o espaço para novos empreendedores. Como há poucas empresas na área no Brasil, para o setor crescer é necessário o surgimento de novas iniciativas, afirmam especialistas na área. (...) De acordo com o presidente da Associação Brasileira de Empresas de Biotecnologia (Abrabi), Eduardo Emrich Soares, cada vez mais surgem recursos públicos e privados para investir em empreendimentos. Segundo ele, grande parte das empresas são pequenas e foram criadas por pesquisadores. (...) Uma das unidades que deve sair do ninho nos próximos dias é a Katal Biotecnológica, que atua na produção de kits de diagnóstico para hormônio de tireóide, teste de gravidez, câncer de próstata, entre outros. Na incubadora desde 1998, a empresa registrou cem mil no caixa em 1999. Com o passar dos anos, cresceu e teve um faturamento de R\$ 6 milhões no ano passado. Atualmente, a instituição produz dez mil kits por mês e conta com 34 funcionários...”. A matéria completa está disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,AA1312995-5604,00.html>>.

corpos” (2006b, p. 46), produzindo novas estratégias de governo, especialmente vinculadas ao controle dos riscos. Tecnologia é aqui definida como um “agente produtor de interfaces” (Pimentel & Bruno, 2006b, p. 40), ou seja, aquilo que “se estende aos meios através dos quais certas regiões ou processos invisíveis, mudos, inacessíveis seja aos sentidos, à ação ou à compreensão, passam a se oferecer à visibilidade, à experimentação ou à significação” (p. 40). Ao utilizar a noção de interface, os autores ressaltam esse processo de *fazer visível* alavancado pela tecnologia, indicando o modo como esta “permite que uma certa parte do corpo, uma certa possibilidade de ação ou de sensibilidade, antes pouco presentes no campo de experiência do sujeito, tornem-se objeto de cuidado, exploração, transformação, controle, desejo ou temor” (p. 40).

Uma questão central aqui é compreender que tecnologia implica mais do que mera aplicação de técnicas ou ferramentas desenvolvidas a partir de conhecimentos científicos. Neste sentido, uma tecnologia pode ser definida de acordo com Rose (1996), como “qualquer agrupamento estruturado por uma racionalidade prática governada por um objetivo mais ou menos consciente... agrupamentos híbridos de conhecimentos, instrumentos, pessoas, sistemas de julgamento, construções e espaços, sustentados no nível programático por certas pressuposições e assunções sobre os seres humanos.” (p. 26) Como tal, tecnologias agregam diferentes formas de pensamento, práticas e relações sociais, financeiras, institucionais, políticas... que pensadas em relação às biotecnologias as constituem como mais do que simples tecnologias médicas ou de saúde, mas como “tecnologias de vida” (Rose, 2007, p. 17).

Respeitadas as diferenças entre as abordagens acima, há algo que as aproxima e que dispara a questão que pretendo abordar: *tomar as novas biotecnologias como algo que engendra e possibilita novas formas de experiência e, portanto, novas formas de governo*. Partindo destas considerações e integrando a elas a análise não apenas da centralidade das novas biotecnologias no campo científico, mas da *intensificação e propagação dos enunciados biotecnológicos na vida cotidiana* da atualidade, sugiro que a biotecnologia hoje, mais do que uma tecnologia que opera junto aos dispositivos de visibilidade e manipulação da vida, mais do que um agente produtor de interfaces, *constitui-se ela mesma como um novo dispositivo*, no sentido proposto por Foucault (1990b).

Para dar início a esta reflexão e indicar como sustento essa hipótese, parto da definição de biotecnologia postulada pela Convenção Sobre Diversidade Biológica da ONU, durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento – (Rio 92), que a define como “*qualquer aplicação tecnológica que use sistemas biológicos, organismos vivos ou derivados destes, para fazer ou modificar produtos ou processos para usos específicos.*”³¹ No entanto, não é difícil encontrarmos referências à biotecnologia como uma nova disciplina ou ciência. Um destes exemplos é encontrado na “conclusão” do artigo “Biotecnologia e Qualidade de Vida”, publicado no *site* da Sociedade Brasileira de Biotecnologia, que a caracteriza como uma “*ciência jovem*” e “*a mais promissora estratégia para elevar a produção mundial de alimentos e melhorar a qualidade de vida do homem*”³² (itálico meu).

Meu argumento é que na medida em que as biotecnologias têm migrado para uma posição central em diferentes jogos de saber-poder contemporâneos e alterado os modos como vivemos, nos comportamos e compreendemos a vida, elas extrapolam a dimensão de tecnologia e se constituem como um novo dispositivo. Dispositivo entendido como uma emergência histórica, que tem, segundo Foucault (1990b), uma “função estratégica” que se vincula a modos de controle sobre a vida:

...um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não-dito são os elementos do dispositivo. **O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos** (p. 244) (negrito meu).

A hipótese de que a biotecnologia³³ está se constituindo como um novo dispositivo, também se relaciona a outra característica apontada por Foucault ao definir este conceito, afirmando que cada um dos seus efeitos “estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem

³¹ Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/doc_cdb.php>.

³² Disponível em: <<http://www.sbbiotech.org.br/>>.

³³ Utilizarei o termo biotecnologia (no singular) para fazer referência ao dispositivo e biotecnologias (no plural) ao me referir a processos tecnológicos baseados em sistemas biológicos.

dispersamente” (p. 245). Desde essa perspectiva, o dispositivo da biotecnologia define certas condições de possibilidade que provocam movimentos nos vários elementos da rede – da qual as ‘*biotecnologias*’ são parte.

A noção da tecnologia como agente produtor de interfaces proposta por Pimental e Bruno (2006b), não é aqui descartada. Na verdade, ela converge para o que Deleuze (1990) destaca como uma das primeiras dimensões do dispositivo foucaultiano, a curva de visibilidade, que faz “nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela” (p. 155). Ao lado dela estão as linhas de enunciação, pelas quais se organizam seus diferentes elementos. “Não são nem sujeitos nem objetos, mas regimes que é necessário definir em função do visível e do enunciável, com suas derivações, suas transformações, suas mutações” (p. 156). O visível (e invisível) e o que pode (ou não) ser enunciado, relacionam-se com jogos de forças, envolvem relações de poder e saber, bem como modos de objetivação e subjetivação. Esse movimento, produzido a partir da biotecnologia, leva ao que Deleuze (1990) chama de uma das principais conseqüências da filosofia dos dispositivos, a apreensão do novo. Aqui reside um dos pontos centrais de minha argumentação ao tomar a biotecnologia como um dispositivo, qual seja, apontar para “a novidade do próprio regime de enunciação” (Deleuze, 1990, p. 159). A novidade manifesta-se pelos novos modos pelos quais passamos a falar da vida e de nós mesmos, portanto novos modos de experienciarmos, vivermos e governarmos, que só podem existir a partir dessa transformação da biotecnologia num grande ‘referente’ político, epistemológico, ontológico e ético. A partir disso, passamos a pensar nossa existência em relação a esse conjunto de elementos que se oferece como chave de inteligibilidade e tradução do mundo e da experiência, nos fornecendo novos vocabulários, objetos e sentidos:

A novidade de um dispositivo em relação aos anteriores é o que chamamos sua atualidade, nossa atualidade. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo em que vamos nos tornando, o que chegamos a ser, quer dizer, o outro, nossa diferente evolução. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: *a parte da história e a parte do atual*. A história é o arquivo, é a configuração do que somos e deixamos de ser, enquanto o atual é o esboço daquilo em que vamos nos tornando (Deleuze, 1990, s/p).

Uma ferramenta conceitual e metodológica que pode contribuir para a análise do dispositivo da biotecnologia como essa rede de poderes de que fala Foucault, é o modelo circulatório da ciência proposto por Latour (2001). Essa proposição aponta para cinco circuitos de atividades por onde os fatos científicos circulam simultaneamente e sua compreensão possibilitaria a superação do distanciamento entre ciência e sociedade. Tais circuitos também se oferecem para que possamos ‘seguir’ as biotecnologias pela sociedade, permitindo visualizarmos sua produção como dispositivo biopolítico.

Ao primeiro desses circuitos, o autor chama de “*mobilização do mundo*”, com o que designa os *instrumentos, ferramentas, levantamentos, questionários e equipamentos* utilizados pelos cientistas para tornar o mundo dizível, os modos de mediação pelos quais “os cientistas fazem os objetos girar em torno deles” (p. 119). Trata-se dos modos como se mobiliza o mundo para traduzi-lo em argumentos. O segundo circuito, Latour (2001) chama de “*autonomização* porque diz respeito ao modo pelo qual uma disciplina, uma profissão, uma facção ou uma ‘congregação invisível’ se torna independente e engendra seus próprios critérios de avaliação ou relevância” (p. 120). Neste circuito, estabelecem-se as competências, as disputas por credibilidade, a composição de grupos de pares. Ao terceiro circuito, o autor dá o nome de “*alianças*” e este se relaciona a inserção das disciplinas científicas em um contexto que lhes garanta existência e continuidade. Trata-se das relações com outras disciplinas e com o mundo social, permitindo o fluxo e a pulsação da produção científica. A “*representação pública*” constitui o quarto circuito proposto pelo autor e concerne à socialização maciça da produção científica. Por fim, o último circuito proposto é chamado de “*vínculos e nós*”, o núcleo conceitual da disciplina científica, o nó que amarra os outros circuitos. Os elementos desses circuitos serão percorridos ao longo desse trabalho, na medida em que vou inserindo o material analisado e embora não sejam retomados individualmente, a análise realizada é permeada pela consideração dos mesmos.

A partir destas questões indica-se a constituição, nesta rede de enunciados biotecnológicos, de uma nova racionalidade de governo, um “novo poder pastoral”, que não mais “dirige as almas de ovelhas confusas e indecisas” (Rose, 2007, p. 29), mas produz um novo conjunto de relações dinâmicas entre os que

“aconselham” e os que são “aconselhados” e convocados a assumir a responsabilidade pelas suas condições de vida e saúde. Envolve também a emergência de novos especialistas e novas especialidades (como a bioética), bem como alterações nas especialidades já estabelecidas. Esta nova forma de governo, além de voltar-se para o gerenciamento dos riscos, se ocupa dele e persegue o melhoramento e o aperfeiçoamento dos modos de vida. Coloca a biotecnologia como algo cuja ação está para além da finalidade de cura ou terapia – criando-se novos objetivos vinculados ao uso do poder biotecnológico – e, mais do que isso, para além da possibilidade de “distinção entre terapia e melhoramento” (President’s Council on Bioethics & Kass, 2003, p. 13). Há ainda, uma transformação no modo de operar essa nova racionalidade biopolítica, que já não se exerce em nível dos corpos dos seres, de pessoas que compõe a população, mas é anterior a isso, exercendo-se sobre a vida em suas unidades biomoleculares, a vida em si (Rose, 2007) e suas potencialidades.

Para dar consistência a esta argumentação, neste trecho da viagem, visito um ‘marco histórico’ pelo qual é necessário passar para dar continuidade à pesquisa: o trabalho de Foucault sobre o dispositivo da sexualidade. Em seguida, consulto mais uma vez os ‘instrumentos de orientação’ utilizados nessa viagem delimitando pontos de referência que me guiam durante a mesma. Por fim, teço algumas considerações sobre os lugares por onde a biotecnologia tem circulado e por onde a tenho seguido neste trabalho.

“O homem que descozinhou o ovo”³⁴: o dispositivo da sexualidade e a produção do ‘sujeito da psicologia’

³⁴ Agência FAPESP, “Divulgando a Cultura Científica”, 12 de dezembro de 2007: “Hervé This é francês, mora nos arredores de Paris e sabe de coisas que muitos chefes de cozinha estrelados nem desconfiam. Entre suas descobertas está uma forma de “descozinhar” um ovo (uma pitada do agente redutor boroidreto de sódio, NaBH₄, e três horas de espera dão conta da excêntrica tarefa) e a determinação da temperatura ideal para aquecer um ovo a fim de que a clara fique com a máxima maciez possível sem endurecer a gema (uma série de testes lhe mostraram que 65°C é a melhor alternativa). (...) This é visto com o fundador da gastronomia molecular... (...) This e seus seguidores explicam que seu trabalho não consiste em investigar de forma isolada os componentes de uma fruta, vegetal ou carne, como fazem os cientistas dos alimentos. Dedicam-se a escrutinar, com a metodologia científica, os fenômenos que ocorrem durante a execução de uma receita e tentam entender o papel de cada ingrediente – e dos constituintes desse ingrediente – e decifrar a relevância (ou não) dos procedimentos envolvidos na preparação de um prato”. A matéria completa está disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/boletim_dentro.php?data%5Bid_materia_boletim%5D=8157>.

A mais vil de todas as necessidades – a da confidência, a da confissão. É a necessidade da alma de ser exterior. Confessa, sim; mas confessa o que não sentes. Livra a tua alma, sim, do peso dos seus segredos, dizendo-os; mas ainda bem que os segredos que digas, nunca os tenhas tido. Mente a ti próprio antes de dizeres essa verdade. Expressar é errar. Sê consciente: exprimir seja, para ti, mentir (Pessoa, 1999, p. 321).

Foucault (1988) abordou a íntima conexão entre a produção do dispositivo da sexualidade, as tecnologias disciplinares, o desenvolvimento de técnicas de si e as condições de produção de certa psicologia, correlata a um sujeito psicológico, implicados com determinadas práticas e formas de governo. É claro que não apenas o dispositivo da sexualidade, mas muitos outros também contribuíram para a constituição da psicologia tal qual a conhecemos no século XX (como por exemplo, a infância, a adolescência, a maternidade, o próprio dispositivo da aliança de que nos fala Foucault neste mesmo trabalho). No entanto, a análise detalhada que Foucault empreende do dispositivo político da sexualidade, nos mostra exatamente como este vem configurar uma matriz de produção de saberes sobre o sujeito, atividade da qual se ocuparão os saberes psi. Foucault (1988) refere que a história do dispositivo da sexualidade equivale a uma arqueologia da psicanálise e, embora sejam inúmeras as diferenças em se falar em psicanálise e psicologia, não se pode negar diversos pontos de interlocução na história destes saberes, especialmente na constituição do sujeito psicológico.

A partir do seu trabalho podemos situar o dispositivo da sexualidade no centro da constituição da psicologia moderna que, por sua vez, contribuiu para a consolidação da mesma no cerne nas práticas de produção de saber sobre si, pela colocação do sexo no discurso. Vê-se entre a disciplina da psicologia e o dispositivo da sexualidade uma série de nós que amarram o corpo com a alma, o desejo, o comportamento; as técnicas de confissão, repressão, produção de identidades, controle e governo de si. Nestes pontos de contato, construiu-se com a participação ativa de um saber psi emergente, o que Foucault chamou de ética de subjetivação, colocando a sexualidade como dispositivo central dos modos pelos quais nos constituímos como sujeitos.

A centralidade da sexualidade para a psicologia pode ser notada por suas várias referências: seja como marcador do desenvolvimento normal ou anormal, causa de sofrimentos, neuroses, transtornos, etc; seja como comportamento disfuncional ou patológico; seja como sintoma de outros problemas tais como

estresse e assim por diante. A sexualidade constituiu-se de forma crescente como tema que atravessa todos os momentos da vida do indivíduo, no nascimento à morte: há que se atentar para uma sexualidade infantil, para uma funcionalidade da sexualidade adulta, para a sexualidade na ‘terceira idade’... Em todos estes momentos evidencia-se a vinculação do falar de si e reconhecer a si mesmo a partir do dispositivo da sexualidade, a regulação do discurso sobre o sexo e sobre o sujeito por especialistas, dentre os quais os especialistas psi e sua arte de fazer falar, desvendar, interpretar o ‘invisível’ e o ‘indizível’, com vistas à administração da vida a partir da sexualidade. É assim que esta é definida por Foucault (1988) como *dispositivo político*, por amarrar a um só tempo aquilo que liga o indivíduo (seu corpo e alma – desejo) ao interesse público de governo da vida da população (saúde e reprodução), sua relação com o futuro e com o presente.

A sexualidade situa-se assim, não como o único, mas como um importante dispositivo na constituição da subjetividade – que se tornou o objeto a ser governado pela psicologia – de como nos relacionamos com nós mesmos como sujeitos éticos. Mas quando Foucault aponta para a historicidade deste modo de experienciar e governar a subjetividade, nos permite afirmar que esta não teria que ser necessariamente objeto da psicologia e que o fato de ela ter sido encampada por esta disciplina tem a ver com condições históricas e políticas específicas que acabaram por definir a subjetividade em termos psicológicos. Essa é uma das questões que deve ser considerada quando se começa a pensar em rupturas que indicam para a emergência de outros dispositivos que engendram outras compreensões da subjetividade e implicam, portanto, em deslocamentos no campo das especialidades que dela se ocupam.

As produções no campo da ciência na atualidade vem oferecendo novos referentes para a constituição do ‘eu’. Cardoso (2005), refletindo sobre o dispositivo da sexualidade, afirma que ele “não vale mais para a subjetivação contemporânea ou ele passa por uma crise tal que seus mecanismos estão definitivamente desfigurados e não funcionam como dantes” (p. 348). Se a constituição de um dispositivo, segundo Foucault, se dá exatamente como produção histórica, estes “podem se desfazer, transformando-se, à medida que novas práticas de subjetivação se engendram” (p. 348). E ainda que essas novas práticas não eliminem necessariamente outros mecanismos e estratégias

vinculadas ao dispositivo da sexualidade, ainda que não haja uma unanimidade em relação a estas transformações, já se pode perceber o descentramento do dispositivo da sexualidade (Pimentel & Bruno, 2006a), ou pelo menos, sua coexistência com diferentes dispositivos emergentes. “Sendo assim, temos de pensar, para fazer jus e estender a lição foucaultiana, se não haveria em formação um novo dispositivo intermediando a relação da subjetividade com os processos de subjetivação, vale dizer, com o tempo e com o corpo” (Cardoso, 2005, p. 348).

Uma provocação que emerge destas considerações: assim como historicamente a subjetividade produzida a partir do dispositivo da sexualidade foi construída como objeto da psicologia, ela o poderia ter sido em relação a outra disciplina do conhecimento³⁵. Não há nada que defina *a priori* essa exclusividade ou privatização da subjetividade no campo psi. E se na contemporaneidade os dispositivos de produção de subjetividade se alteram, se estes passam a ser definidos em outros termos e ancorados em diferentes aparatos, não surpreende a possibilidade de que a subjetividade, em meio a outra configuração histórica dos saberes, migre de uma dimensão psicológica para uma biotecnológica, assim como poderia retornar ao campo filosófico, por exemplo. Trata-se pois, de atentar para o que, na atualidade, nos dá esta referência de ‘eu’, onde se situam estas práticas que engendram os modos contemporâneos de relação consigo e com os outros, de reconhecimento daquilo que nos torna sujeitos.

A hipótese que desencadeia esta reflexão é de que um novo dispositivo conectado às ciências biológicas, mas mais especificamente ao desenvolvimento das novas biotecnologias, tem se expandido e corresponde hoje ao que foi a sexualidade no século XVIII em termos de produção de subjetividade. Seria da emergência deste novo dispositivo, que decorre a possibilidade de cada vez mais pensarmos não apenas a biologização do que até então foi psicologizado, a “‘somatização’ da personalidade”, produção de uma “individualidade somática” como definem Novas e Rose (2000), mas uma subjetividade, eu diria, que para além dessa individualidade somática, concerne a sujeitos biotecnológicos, híbridos de humanos e não-humanos, de seres orgânicos e não-orgânicos. Novas relações entre saberes, governamentalidade e subjetividade passam a constituir uma nova forma de experienciar a subjetividade, que já não se dá primordialmente

³⁵ Na verdade, o próprio Foucault (1999a) comenta que o questionamento sobre o modo de ser do homem, do qual a psicologia se ocupa, é tomado pelas ciências humanas, do campo da reflexão filosófica.

sobre a noção de um sujeito sexual, mas vai remeter à singularidade da vida (não apenas do corpo) vista desde uma ‘ótica molecular’³⁶, combinada com recursos que o desenvolvimento tecnológico tem colocado à disposição de especialistas e consumidores das novas biotecnologias.

Contudo, sugerir a emergência de um novo dispositivo biotecnológico que amarra estas novas relações de poder e saber produtoras de subjetividade não implica necessariamente descartar de antemão a psicologia como ‘ciência da subjetividade’ e sua implicação com modos de subjetivação e governo contemporâneos – tampouco exclui esta possibilidade. Parece que seria precipitado, no entanto, fazer qualquer anúncio neste sentido, embora possam ser observados alguns movimentos. Enquanto a subjetividade é definida em termos de sua conexão com a alma, o psiquismo, com essa dimensão imaterial e simbólica da vida humana, há, sem dúvidas, muito a ser dito pelos especialistas psi sobre a subjetividade, ou seja, se constrói uma relação de reciprocidade entre a ontologia do objeto e as condições epistemológicas de acessá-lo, que confere à psicologia a legitimidade do saber sobre a subjetividade (ainda que no campo psi, a consistência dessa relação possa ser questionada independentemente de qualquer transformação produzida pelas novas biotecnologias). Mas uma vez que seu estatuto ontológico é posto em questão a partir deste deslocamento de um domínio da ‘alma’ para o biológico, mais especificamente para esse corpo biotecnológico e biomolecular, na medida em que a subjetividade passa a ser entendida como manifestação exterior de descargas elétricas no cérebro, ou de neurotransmissores, ou de expressão de combinações genéticas, ocorre também um abalo sobre o campo das especialidades que vão falar e intervir sobre ela. Transmutação simultânea da vida, do biológico, do corpo, da subjetividade e dos saberes...

É importante notar que tanto no dispositivo da sexualidade quanto nas novas formas emergentes de subjetivação, o corpo ocupa um lugar central, ainda que diferenciado. Nas palavras de Foucault (1988) o dispositivo da sexualidade teve como razão de ser “...penetrar nos corpos de maneira mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (p. 101), a “intensificação do corpo, sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relações de poder”

³⁶ Novas e Rose (2000) chamam de molecularização da vida o modo como hoje se imagina, investiga, explica e intervem sobre a vida a nível molecular, “em termos da estrutura molecular dos componentes do corpo, os processos moleculares das funções vitais e as propriedades moleculares dos produtos farmacêuticos” (p. 487).

(Foucault, 1988, p. 102) o colocou como suporte para a individualização. Mas seus procedimentos extrapolavam o mero acesso ao corpo: faziam referência à alma, aos desejos, às sensações, aos prazeres, ou seja, às técnicas de si amarravam aí corpo e alma. As formas de governo, portanto, não se centravam exclusivamente no corpo e toda uma pedagogia da alma foi desenvolvida para simultaneamente governar corpo e alma. A verdade era produzida pelo acesso à alma, pela adoção de procedimentos para fazer falar a verdade do sexo, acessando assim a verdade sobre si.

Na contemporaneidade, a questão do corpo é posta de modo diferente, já que essa ‘subjetividade biotecnológica’, por vezes, parece prescindir da alma e do próprio corpo enquanto unidade, que se tornam supérfluos quando se sugere que tudo pode ser localizado no nível biomolecular. À medida que este se complexifica, que novas tecnologias permitem um acesso inusitado a instâncias até então não exploradas, explicações abstratas e hipotéticas (como o psicológico) se tornam, muitas vezes, dispensáveis e, até mesmo, indesejáveis.

E qual tem sido o principal alvo de grande parte das produções da psicologia? Exatamente essa dimensão abstrata, aquilo que não se explica em termos biológicos ou ‘empíricos’, o simbólico, os fenômenos psicológicos (conscientes ou inconscientes), dimensão que não pode ser de fato acessada, embora (contraditoriamente) tenha sido exaustivamente traduzida e até mesmo ‘mensurada’. Não são raras as situações em que após vários especialistas da área médica se debruçarem sobre um caso em busca de um diagnóstico que por fim não se consegue precisar, a conclusão recaia sobre o fundo psicológico, ou emocional. Mas mais significativa do que essa atribuição causal (a uma ‘causa desconhecida’), são as formas de expressão desta conclusão, usualmente adotadas: “*Não é nada.*” Ou “*Não tem nada – é só psicológico*”. E para tratar o ‘nada’ prescreve-se a psicologia fazendo falar e produzindo no lugar do nada algo que pudesse construir um saber sobre esse inconveniente não-saber. Trata-se de uma relação um tanto irônica entre os profissionais que têm algo a dizer sobre o que pode ser examinado e verificado e os especialistas de um ‘nada’ que pode ser ‘qualquer coisa’ a partir da sua codificação em determinadas formas discursivas.

Porém, hoje se tolera cada vez menos esse não saber. Paradoxalmente, em tempos em que tanto se fala em complexidade, a mera suposição de um ‘pode ser’ não satisfaz. Num contexto onde imperam as formas de conhecer sustentadas pela

verificação e a evidência, exigem-se respostas precisas. O conhecimento precisa ser demonstrado em sua objetividade, todo saber, toda ‘verdade’ precisa ancorar-se algum suporte verificável que a legitime e lhe confira *status* de certeza. Frente às possibilidades prometidas pelas técnicas de diagnóstico, investigação, exploração e manipulação do corpo, desenvolvidas pelas novas biotecnologias, não surpreende que o corpo (um novo corpo produzido pelo aparato biotecnológico), se ofereça para dar materialidade ao comportamento, às emoções, aos desejos, à subjetividade, a tudo aquilo enfim que até então habitava o espaço do ‘nada’. Da mesma maneira como não surpreende a facilidade com que esse modo de conceber o sujeito seja aceito e disseminado com tanta rapidez e relativa facilidade.

Novos modos de subjetivação que apontam para o deslocamento do dispositivo da sexualidade para um dispositivo emergente do campo biotecnológico podem ser percebidos em exemplos cotidianos e banais. Um destes exemplos são as ‘brincadeiras’ ou ‘comentários’ que deslocam as relações entre um estado de mau-humor do campo ao qual usualmente referiam (a sexualidade ‘mal-resolvida’, insatisfeita ou frustrada; as ‘mulheres mal-amadas’; a TPM; a menopausa – evidenciando fortes atravessamentos de gêneros, pois ligavam-se ao um biológico não apenas sexuado, mas constituído como uma unidade) para conectá-las com o biomolecular. Referências a causas como insatisfação/frustração sexual (as mal-amadas) dão, cada vez mais, lugar a comentários tais como ‘*você tomou sua medicação hoje?*’, que embora não necessariamente abandonem as questões de gênero e sexualidade, as tornam menos significativas. No nível biomolecular, o sujeito sexual ou sexuado não é a referência mais importante na compreensão das expressões da subjetividade.

Algumas das condições para essa transformação são a disseminação dos discursos científicos que promovem modos específicos de compreender a subjetividade e a intensificação das campanhas publicitárias – que anteriormente eram direcionadas principalmente a médicos e farmacêuticos e um tanto invisíveis para os ‘consumidores’ de medicações – aos ‘consumidores’. Estes são estimulados a ‘perguntar ao seu médico’ sobre as drogas anunciadas na mídia³⁷.

³⁷ A eficácia deste tipo de estratégia, segundo dados apresentados pelo documentário *Big Bucks, Big Pharma marketing disease and pushing drugs* (produzido por *Media Education Foundation* e disponível online <<http://www.mediaed.org/about>>), pode ser percebida pela quantidade de dinheiro investida em propaganda direta ao consumidor pelas grandes indústrias farmacêuticas: entre os anos de 1996 e 2004, houve um aumento de 500% no investimento em campanhas

Além disso, há a inserção de várias outras referências às promessas da biomedicina e biotecnologias em geral na vida cotidiana, que fortalecem uma nova ordem de saberes vinculados a este novo dispositivo.

O que isso nos indica é que a sexualidade não é descartada do universo contemporâneo, mas é também redefinida. Questões relativas à sexualidade e drogas voltadas ao tratamento de disfunções sexuais, representaram grande parte deste investimento direcionado direto ao consumidor³⁸. Em março de 2007 foi lançado no Brasil – em canais aberto e pago; cinema, revistas, internet e mídia exterior (relógios de rua, abrigo de ônibus, monitores nas salas de embarque dos aeroportos e mídia em elevador) – uma campanha publicitária ‘institucional’ do laboratório Pfizer protagonizada por um jovem e bonito casal que caminha em um jardim³⁹. Numa espécie de ‘paraíso’, uma releitura moderna de ‘Adão e Eva’ é apresentada ao som de uma romântica música francesa. A mulher caminha à frente do homem o seduzindo. O homem como que hipnotizado a segue sempre alguns passos atrás. A câmera desloca-se do casal para uma flor que desabrocha e em seguida retorna para os dois, que param, trocam olhares e sorriem diante do que vêem: num gramado, uma árvore cujos frutos *azuis* estão espalhados pelo chão. A ‘Eva’ recolhe um dos frutos e entrega à ‘Adão’, se coloca de costas para ele que a envolve pela cintura. A câmera se afasta para um plano maior, permitindo ver o casal ao lado da árvore e os vários frutos no chão, enquanto se ouve a frase: “*Seja feliz. E conte com a gente.*”, seguido da ‘revelação’ do anunciante com o logotipo da Pfizer e o slogan “*Powered by Pfizer*”.

Também em 2007, o laboratório Eli Lilly, lançou campanha ‘institucional’ na televisão e mídia impressa. O comercial para a televisão⁴⁰ mostra diversos casais de diferentes idades. Na cena inicial a frase, “*Sua vida pode ser assim...*” é

publicitárias de laboratórios e medicamentos dirigidas diretamente aos consumidores, variando de 791 milhões de dólares em 1996, para mais de 4 bilhões de dólares em 2004.

³⁸ No Brasil, desde 2003, resoluções da ANVISA (Resoluções RE nº 1156; RE nº 1157 e RE nº 1158, de 17 de julho de 2003; (<http://www.anvisa.gov.br/propaganda/suspensas_2003.htm>)) determinaram a suspensão, em todo território nacional de publicidade e/ou propaganda institucional, de produtos que façam menção ao desempenho sexual, incluindo “comerciais de TV em que pessoas aparecem falando de seu desempenho sexual ou em situações românticas e que trazem o logotipo do fabricante do remédio, mesmo que o nome do produto não seja mencionado”. O objetivo desta suspensão seria evitar o estímulo ao “consumo de medicamentos, a automedicação e a banalização do uso de remédios para combater dificuldades de ereção” (<<http://sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=48296>>). Estas resoluções, como veremos, não impediram a veiculação de campanhas deste tipo.

³⁹ A propaganda veiculada na televisão está acessível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ltjyyM-8flc>>. Outros materiais da campanha estão disponíveis em: <<http://www.ccsf.com.br/novo/?&p=587>>.

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4kzntiudDrA&feature=related>> .

simultânea à imagem de um casal ‘maduro’ deitado na cama, vestindo pijamas que cobrem praticamente todo o corpo. Enquanto o homem assiste televisão a mulher lê uma revista, ambos denotando tédio ou aborrecimento em suas expressões. A cena termina com a imagem da televisão em um canal ‘fora-do-ar’. A segunda cena apresenta a alternativa para a primeira situação, com a continuidade da frase iniciada na cena anterior: “... *ou assim:*” e mostra o mesmo casal, a mulher deitada na cama, vestindo uma camisola preta, curta e decotada, e o homem, vestido com um pijama curto, ‘pula’ sobre a cama. A cena termina com a mulher sorrindo enquanto o homem lhe abraça e beija. Nova cena, com um segundo casal, mais jovem, os dois no banheiro, afastados, sérios, aborrecidos e olhando para diferentes direções (ela, veste um roupão branco e está praticamente às costas dele, que veste uma camiseta cinza), enquanto escovam os dentes. Ao fundo a frase: “*Sua vida pode ser fria...*”. A cena muda para o mesmo casal se beijando embaixo do chuveiro, e a frase segue: “...*ou sua vida pode ser quente!*”. Em seguida um terceiro casal, ambos vestidos com pijamas longos, sentados em uma mesa de café da manhã, um ao lado do outro, porém afastados. Ela está falando ao telefone e ele lê um jornal. A câmera foca o rosto do homem que suspira entediado e a cena termina com a frase: “*Sua vida pode ser sem graça...*”. Nova cena, o mesmo casal numa mesa de jantar à meia luz, com taças de vinho, ele acariciando a mão dela e ela roçando seu pé na perna dele: “... *ou sua vida pode ser apaixonada*”. No quadro a seguir, mais um casal, em uma cozinha, o homem abraça e beija a mulher, ambos felizes “*Sua vida pode ser igual como era antes. Lembra?*”. Seguem outros *flashes* de casais felizes em cenas românticas e sensuais, e a indicação: “*Consulte seu médico e volte a ser você*”. O comercial termina com o nome do anunciante, até então desconhecido, e um *slogan*: “*Lilly, respostas que fazem a diferença*”, seguido de um endereço eletrônico e um número de telefone **0800-XXXXXX**.

A questão a destacar aqui é o entendimento, fortemente promovido pela indústria farmacêutica, de que a sexualidade, como tantos outros aspectos do nosso ‘eu’, pode ser ‘domesticada’ (ou ‘laboratorizada’) pela medicação – ou outras intervenções desenvolvidas a partir das novas biotecnologias – para aumentar ou diminuir a libido, possibilitar ou potencializar o desempenho sexual, controlar hormônios e impulsos... Antes de tomar o lugar e tornar obsoletos outros dispositivos como o da sexualidade, o dispositivo político contemporâneo da

biotecnologia, ‘engole’ alguns destes e os conecta com outros mecanismos, saberes, estratégias: a sexualidade se desloca para os laboratórios, para os consultórios dos geneticistas, para as clínicas de reprodução assistida, conecta-se às cirurgias de aumento de pênis ou troca de sexo, às drogas que garantem virilidade e desejo sexual em qualquer idade, etc. Se por um lado ainda há referência à centralidade da sexualidade na constituição do sujeito e sua felicidade, por outro esta se submete à manipulação pelas drogas e a intervenções biomédicas. Não há o que temer, não há limites ou obstáculos para ‘*ser feliz*’, na medida em que *se pode contar com a Pfizer*, ou se pode ter uma vida ‘*quente e apaixonada*’, *com a ajuda da Eli Lilly*⁴¹. O ‘eu insatisfatório’ de hoje pode dar lugar ao ‘eu perdido’ – “*volte a ser você*”. O caminho para esse ‘resgate’, passa pelo laboratório farmacêutico, que reafirma sua credibilidade e legitimidade pelo desenvolvimento de pesquisas biotecnológicas. Este orienta: consulte seu médico ou pergunte ao seu médico. Mas também afirma possuir, ele mesmo, as respostas e abre os canais para que o consumidor entre em contato. Estreita-se a ligação entre a produção do ‘eu’ e as biotecnologias e se produz uma nova concepção de ‘eu’, bem como novas práticas e especialistas ‘cuidadores do eu’: novas formas de saber, poder e subjetivação.

“Patê traiçoeiro”⁴²: decodificando as bases da pesquisa

⁴¹ Ambas as campanhas foram suspensas por determinação do Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária (CONAR) em decisão de setembro de 2007 com entendimento de que não se tratavam propriamente de campanhas institucionais, mas de medicação para tratamento de disfunções sexuais (<http://www.conar.org.br/html/decisoes_e_casos/2007_setembro.htm>).

⁴² Agência FAPESP, “Divulgando a Cultura Científica”, 19 de junho de 2007: “Quando se acumula ao redor dos vasos sanguíneos e em diversos tecidos, o amilóide, proteína que normalmente não está presente no corpo humano, causa a amiloidose. A doença, rara e incurável, pode ser potencializada pelo consumo de *foie gras* – uma típica iguaria francesa feita a partir do fígado de gansos ou patos superalimentados. A conclusão é de uma pesquisa realizada por cientistas norte-americanos e suecos, que será publicada esta semana no site e em breve na edição impressa da revista *Proceedings of the National Academy of Sciences (Pnas)*. (...) O grupo fez uma análise histoquímica de várias amostras de *foie gras* de pato ou ganso comercializado nos Estados Unidos e na França e constatou a presença de amilóide. Aplicando porções da proteína extraída do alimento em camundongos geneticamente modificados e suscetíveis à amiloidose, a equipe constatou que o soro presente na iguaria age como um potente FPA. (...) A amiloidose é uma doença rara, que afeta oito em cada 1 milhão de pessoas. Progressiva e geralmente incurável, a patologia se apresenta em diversas formas. (...) O acúmulo de grandes quantidades de amilóide pode comprometer o funcionamento normal de muitos órgãos. Os sintomas da amiloidose dependem do local onde amilóide se acumula. Muitos indivíduos apresentam poucos sintomas, enquanto outros apresentam uma doença grave e potencialmente letal.” A matéria completa está disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/boletim_dentro.php?id=7308>.

Foucault e Latour são como duas peças de um quebra-cabeça esperando para serem postas juntas (Kendall & Michael, 2001, s/p).

Por que aproximar Foucault e Latour? Além das questões já apontadas no início deste trabalho relativas à problematização das ciências, esta aproximação permite maior riqueza na análise do caráter híbrido da subjetividade e dos movimentos que ocorrem na rede sociotécnica, envolvendo aí as relações entre saberes, poderes e governamentalidade. Somam-se a essas considerações a observação feita por Landecker (2005) especificamente em relação à temática da biotecnologia, assinalando uma das dificuldades a ser enfrentada por estudos que buscam analisar desenvolvimentos biotecnológicos em termos de biopolítica. Essa dificuldade diz respeito à concepção de vida com que Foucault operou em seus trabalhos, que era aquele emergente das ciências do século XIX.

A análise da contemporaneidade não pode ignorar, exemplifica Landecker a partir da contribuição dos estudos da ciência, as pesquisas sobre a manipulação celular – experimentos que possibilitaram a mudança da temporalidade e plasticidade das células, como a criobiologia e a manipulação de seus ciclos de divisão – normalmente obscurecidos pelas narrativas sobre genes e moléculas. A centralidade que os processos de intervenção celular têm assumido hoje faz com que se produza um conhecimento sobre genes e moléculas de um modo ‘desencorporado’ e atemporal. Desencorporado porque cada vez mais se prescinde da unidade do corpo ou do organismo para se estudar ‘a vida’. Atemporal, porque a manipulação celular e genética (congelamento, bancos genéticos...) subverte uma ordenação temporal linear e constante: pode-se, por exemplo, ‘parar’ o envelhecimento das células e produzir crias de matrizes mortas. Ao voltar o olhar para este tipo de prática de pesquisa, que antecede as narrativas de ‘revolução científica’ colados a pesquisas mais recentes, a autora pretende mostrar o quanto as técnicas e tecnologias têm papel determinante na definição do que é feito “para e com a matéria biológica humana” (Landecker, 2005, s/p), que vai, por fim, trazer implicações na questão da biopolítica contemporânea.

As biotecnologias impulsionam hoje uma reconfiguração das relações com a “matéria viva”, que Landecker (2005) chama de “*toque biotecnológico*”⁴³: o

⁴³ A autora propõe essa expressão evocando o ‘toque de Midas’, personagem da mitologia grega que transformava tudo o que tocava em ouro, mas sugerindo que o que está em questão agora é mais que ouro, mas o poder de transmutação do toque em si.

“...*toque em si, que transmuta algo em uma outra condição* – ... formas de vida virtualmente intocadas em moléculas, proteínas, enzimas, proteínas fosforescentes, peptídios e toxinas, e os reconstitui em produtos, ferramentas, máquinas, terapias, sujeitos e objetos de pesquisa, conhecimento e lucro” (s/p – *itálico meu*). Isso quer dizer, que as novas biotecnologias trazem *mudanças não apenas naquilo que se concebe como o humano, mas primordialmente no que é o biológico*, que é, para Landecker (2005), a “chave para compreender a especificidade da ‘vida’ após a biotecnologia” (s/p).

As transformações nos modos de conceber o biológico e o humano têm simultaneamente transformado os modos de compreendermos a subjetividade. Do mesmo modo como as tecnologias possibilitam novos modos de exploração da ‘matéria viva’, toda a gama de recursos biotecnológicos que aí se produz, nos fornece novos conceitos para falarmos de nós mesmos, não apenas em termos de ‘matéria viva’, mas de nossos modos de vida. Compõe-se um novo vocabulário a partir do qual nos definimos e relacionamos com os outros componentes das redes nas quais nos inserimos, sejam eles humanos ou não-humanos.

Aliás, é importante enfatizar que não apenas as biotecnologias ‘aplicadas diretamente aos humanos’ (tais como as terapêuticas e cosméticas) implicam em mudanças nos modos de ser, mas toda a gama de aplicações biotecnológicas em expansão que mobilizam mais e mais elementos. Não é necessário mais do que algumas das manchetes sobre biotecnologias selecionadas de apenas dois *web sites* (Biotecnologia, Ciência e Desenvolvimento: <http://www.biotecnologia.com.br/>; Conselho de Informações Sobre Biotecnologia: <http://www.cib.org.br/cibque.php>), que reúnem notícias de outros veículos nacionais e internacionais, para nos dar a dimensão de sua incorporação nos mais diversos espaços e envolvimento com diferentes aspectos da vida: agricultura, produção de alimentos, alimentos funcionais, bioinseticidas, vacinas, terapias gênicas, medicina, agronegócios, meio ambiente, novas drogas, produtos bioquímicos, biossegurança, manipulação de rebanhos, direitos humanos, política, economia, religião, trabalho, emprego, relações internacionais, legislação, moral, pesquisa, os chamados ‘problemas sociais’, violência, fome, pobreza, etc.:

- 18/10/2002 – “Prêmio Nobel diz que biotecnologia é a ‘era de ouro’”
- 28/11/2002 – “Tecnologia GM é item de acordo entre Paquistão e EUA”
- 24/04/2003 – “Sem biotecnologia, Brasil perde a competição agrícola”
- 06/06/2003 – “Rússia quer maior colaboração com os EUA na questão dos transgênicos”

- 18/06/2003 – “Renomado cientista britânico diz que Europa ignora ‘imperativo moral’ de adotar alimentos GMs”
- 04/07/2003 – “Cientistas brasileiros assinam carta em favor da biotecnologia”
- 30/07/2003 – “Cientistas acreditam que biotecnologia pode ajudar a diminuir efeito estufa”
- 14/07/2003 – “Ernst & Young relata que biotecnologia nos EUA emprega 195 mil pessoas”
- 06/08/2003 – “Vaticano afirma que alimentos GMs são a chave para acabar com a fome e a malnutrição no mundo”
- 30/09/2003 – “Óleo de milho GM contribui para a redução do colesterol sanguíneo”
- 01/03/2004 – “Bactéria contra a dengue”
- 24/05/2006 – “Descoberta traz expectativas para o controle futuro da obesidade”
- 11/12/2006 – “Produzindo antibiótico por meio da biotecnologia”
- 15/12/2006 – “Vírus modificados poderão servir como inseticidas”
- 29/06/2007 – “Bispos defendem direitos humanos de embrião híbrido”
- 23/08/2007 – “Bioinformática no Brasil”
- 05/10/2007 – “Nanotubos dentro de seres vivo”
- 11/12/2007 – “Cientistas identificam parte do cérebro que decide o que vale a pena lembrar”
- 16/10/2007 – “Embrapa move ações judiciais contra pirataria de sementes”
- 16/10/2007 – “Impressoras a jato imprimem células, diz revista ‘Science’”
- 07/11/2007 – “Cientistas decifram DNA de fungo causador da caspa”
- 09/11/2007 – “Nano aplicada a cosméticos”
- 30/11/2007 – “Teste genético identifica melhor uva para vinhos”
- 06/12/2007 – “A generosidade está nos genes, diz estudo israelense”
- 11/12/2007 – “Workshop para jornalistas – ‘O futuro da biotecnologia agrícola no Brasil’”
- 22/11/2007 – “Banco de DNA ajuda na localização de menores desaparecidos”
- 08/01/2008 – “Capacidade intelectual pode aumentar com idade, indica estudo”
- 08/01/2008 – “Software ajuda a atualizar coquetel anti-HIV”
- 09/01/2008 – “Quase 400 genes estão relacionados ao vício em drogas, aponta pesquisa”
- 07/01/2008 – “Pesquisador sugere mudanças na legislação sobre partícula”
- 10/01/2008 – “Nasce porquinho fosforescente”⁴⁴

De alimentos transgênicos ao melhoramento de rebanhos, considerações sobre seu consumo, posicionamentos políticos em relação a estes, implicações nos modos de produção e hábitos alimentares, todos esses são elementos que apontam para a complexidade da rede em que se insere a questão das biotecnologias. Somos, de certo modo, ‘convocados’ a decidir se consumiremos transgênicos, comeremos bifes de clones, freqüentaremos o McDonald’s, compraremos produtos orgânicos, ou se serviremos peru ou ‘chester’ na ceia de Natal, se concordamos com as pesquisas com células-tronco. O chavão *‘você é o que você*

⁴⁴ Os dois *sites* mencionados apresentam listas intermináveis de notícias veiculadas na mídia nos últimos anos, relacionadas à biotecnologia. Selecionei algumas manchetes tentando dar visibilidade da diversidade de questões envolvidas. Nenhum outro critério foi adotado.

come’ – mas também o cosmético que usa; a roupa que veste; o medicamento que consome; o combustível com que abastece seu carro; o inseticida ou produto de limpeza usa em sua casa; se utiliza óleo de soja, canola, girassol, milho ou arroz... – parece nunca ter sido tão apropriado, pois cada uma destas decisões não deve ser avaliada apenas com relação à qualidade do que ingerimos ou utilizamos e seu impacto em nosso organismo, mas numa cadeia muito mais complexa que envolve o modo como nos posicionamos politicamente e como nos constituímos como sujeitos éticos.

A produção do sujeito contemporâneo se dá neste plano intersticial das novas biotecnologias e da biologia molecular, na movimentação da rede sociotécnica composta por estas inovações. A biotecnologia dispara hoje uma “revolução” que como diz Serres (2003), “...consiste no fato de os novos seres vivos se terem parcialmente transformado em objetos técnicos” (p. 55), emergentes de um projeto que cada vez faz mais explícitas as conexões das ciências com a política. Ao sermos enredados pelas biotecnologias, o campo biotecnológico passa a exercer um impacto crescente nos modos de definir e produzir subjetividade, provocando deslocamentos das e nas versões psicológicas de abordagem da mesma. “Pelos biotecnologias... o homem se transforma, em grande parte, num artefato” (Serres, 2003, p. 56). São essas transformações que indicam que a biotecnologia tem se constituído como algo mais que apenas aplicação tecnológica, passando a protagonizar entre os dispositivos de subjetivação contemporâneos, tornando-se uma condição ‘onipresente’ na constituição da experiência de si na atualidade. O que elas produzem, portanto, não é apenas uma biologização do ser, mas um modo específico de constituir e abordar este biológico, que só é possível por meio de certas tecnologias. Elas também materializam de forma inédita, o híbrido de humano e não-humano, de ser orgânico e não-orgânico, que converte corpos no que Serres (2003) chamou de “biotecnologias” e nos produz como consumidores e dependentes das biotecnologias, forjando ‘eus biotecnológicos’.

“Cientistas se unem para desmascarar falsa ciência em campanhas publicitárias”⁴⁵:

bioinformação e implantação da biotecnologia na vida cotidiana

⁴⁵ G1, Portal de notícias da Globo, 29 de novembro de 2007: “Pesquisadores temem que linguagem pseudotécnica seja usada para enganar consumidor. Eles desbancaram de produtos de limpeza que diziam matar germes a lâmpadas antiasma. (...) Ball faz parte de um grupo de mais de

OPINIÃO DO PEDIATRA: “As crianças precisam de uma alimentação balanceada. Cálcio e proteínas são essenciais para o crescimento” – Dr. José Carlos M. Da Silva, CRM: 41543.

OPINIÃO DAS MÃES: “Eu dou Danoninho pra Aninha, porque eu sei que ele tem nutrientes essenciais pra uma alimentação saudável” (Comercial de Danoninho para televisão, Agência Young & Rubicam)⁴⁶

Outro ponto importante de análise é que as novas biotecnologias, ao lado do deslumbramento que podem produzir, enfrentam, ainda, fortes resistências, sejam elas vinculadas à política, à moral, à economia, ao assombro em relação às ‘monstruosidades’ que podem ser fabricadas em laboratório, ao temor em relação às conseqüências futuras dos cientistas estarem ‘brincando de Deus’ e assim por diante. São notáveis os esforços da racionalidade científica ao buscar superar tais resistências com argumentos focados na possibilidade de promoção e melhoramento das condições de vida dos indivíduos e da população, argumentando que tais ideais dependem do avanço da pesquisa científica biomolecular e do desenvolvimento de biotecnologias. Mas estas mesmas tecnologias também recrutam simpatizantes e defensores, alguns ‘ativistas’ mais ou menos ‘informados’ sobre os benefícios das biotecnologias; outros apenas ‘descuidados’ – e também mais ou menos ‘informados’, porque já não se trata de buscar saber sobre, na medida em que tais discursos nos interpelam de forma cada vez mais corriqueira – que são capturados por esta rede que nos oferece modos novos de falar e compreender ao mundo e a nós mesmos.

Daí a importância da comunicação da ciência, para além dos espaços específicos dos periódicos científicos – que atingem quase que exclusivamente os especialistas. É necessário, simultaneamente, promover a familiarização das ‘pessoas leigas’ com este ‘deslumbrante’ mundo das biotecnologias, retirando-as

duas dúzias de cientistas britânicos que ficaram fartos das afirmações aparentemente falsas dos anunciantes e começaram uma campanha para desmascarar a falsa ciência. (...) ..os cientistas temem que os anunciantes estejam usando linguagem cada vez mais pseudotécnica como forma de ludibriar os consumidores. Em alguns casos, os cientistas afirmam que a pseudociência foi utilizada para gerar alarme quanto a uma suposta ameaça à saúde sem que houvesse qualquer evidência que a comprovasse.(...) *A Voice of Young Scientists* (Voz dos Jovens Cientistas) é parte da *Sense About Science* (Bom Senso sobre a Ciência), uma organização sem fins lucrativos que promove uma melhor compreensão da ciência junto ao público em geral.”. A matéria completa está disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL197038-5603,00-CIENTISTAS+SE+UNEM+PARA+DESMASCARAR+FALSA+CIENCIA+EM+CAMPANHAS+PUBLICITARIA.html>

⁴⁶ Disponível em:

<<http://www.portaldapropaganda.com/vitrine/tvportal/2007/08/0048/?data=2007/11>>.

de uma esfera ficcional ou futurista, assinalando assim o potencial de consumo (imediatos ou quase imediatos) das mesmas; e combater as críticas e julgamentos morais, oferecendo ‘informação científica’ que possua ‘credibilidade’ e ‘transparência’, atestando a garantia de observação de parâmetros (bio)éticos nestas formas de intervenção na vida. Como diz Serres (2003), a “verdade nasce e cresce de acordo com a repercussão pública ou se desenvolve ao tentar evitar o ruído provocado por ela” (p. 244).

Essas estratégias de comunicação assumem formas variadas e nem sempre precisam ‘explicitar’ seu ‘caráter científico’, embora também não o ‘dispensem’. O que eu quero marcar com isso é que há tipos de comunicação, cujo conteúdo e forma, aliados ao veículo de comunicação em que circulam e linguagem utilizada, ostentam o caráter ‘científico’, apesar das ‘adaptações’ e ‘traduções’ visando atingir o chamado ‘público leigo’. São o que se pode chamar de uma forma mais ‘direta’ de comunicação pública da ciência: conta com jornalistas e veículos especializados em divulgação de notícias e descobertas do campo científico; e, aos moldes das práticas científicas das quais fala, tenta passar uma imagem de neutralidade, pela ‘purificação’ do conteúdo publicado. Enfatizando o caráter ‘científico’ apresentam-se ‘novos dados’, ‘novas descobertas’, ‘novas teorias’, ‘inovações’, sem referências à ‘caixa-preta’ ou quaisquer outras conexões e alianças, econômicas e políticas que estas ‘descobertas’ possam ter. Ancoradas nos moldes acadêmicos, seria um modelo ‘científico’ de comunicação científica, para não-cientistas, utilizado por revistas temáticas como *Ciência Hoje*; *Superinteressante*, e programas de televisão como o *Globo Ciência* entre outros.

Há formas menos ‘especializadas’, porém não menos ‘diretas’ de comunicação, que aparecem em jornais, revistas e telejornais. Usualmente apresentadas como ‘notícias’, ou ‘polêmicas’, às vezes com sessões específicas, estas modalidades também ‘informam’ e familiarizam o ‘público leigo’ em relação a conteúdos científicos, em meio a uma série de outros assuntos cotidianos, como o aumento do preço do pão francês, as fofocas sobre a vida de celebridades, o cotidiano de corrupção política, aumento de taxas de violência e criminalidade, festa de lançamento de uma nova novela, e assim por diante. Observação importante: embora colocadas em meio a uma rede de enunciados ‘não-científicos’, políticos, morais, cotidianos, não há necessariamente pretensão,

neste caso, de tornar o fato científico mais articulado com estes do que no modelo anterior.

Outra forma de comunicação da ciência, extremamente eficiente, ainda que talvez não esteja entre os veículos ‘oficiais’ de ‘comunicação científica’, se dá pela inclusão dessas temáticas, de modo mais ou menos ‘diluído’ em outros enredos, ou como argumento para dar credibilidade a determinados produtos. Mais uma vez focando na temática da biotecnologia, podem-se acompanhar inúmeras referências à mesma em novelas (transplantes, clonagem, testes de paternidade, tecnologias diagnósticas, terapias...); campanhas publicitárias dos mais diversos produtos biotecnológicos (medicamentos, alimentos funcionais, sementes, cosméticos...), filmes, *talk-shows* (onde os testes de paternidade são a grande estrela) e assim por diante.

Seria exaustivo e, graças às tecnologias de comunicação contemporâneas, provavelmente infundável, seguir enumerando os espaços e características específicas de onde e como, atualmente, circula a informação científica: ainda teria que falar sobre a *internet* com suas características próprias, diversidade, velocidade, com conteúdos que passam por todas as estratégias acima mencionadas e inúmeras outras, com espaços para a interação e autoria indisponíveis em outras mídias; sobre a literatura, romances e ficções que se desenrolam em torno de questões da ciência e biotecnologia, sobre os livros de auto-ajuda que recorrem a conceitos científicos para dar sentido a ‘questões existenciais’, ou ainda aqueles que abordam fatos corriqueiros a partir de uma perspectiva científica...

Mas como meu objetivo não é um estudo dos meios de comunicação e sim uma análise de como eles participam da rede de produção de uma subjetividade biotecnológica, não vou me alongar nas, talvez infinitas, combinações ou definições de formas de comunicar a ciência e o chamado avanço biotecnológico. Acredito que os pontos mencionados já dão conta de ‘comunicar’ a idéia de dispersão e infiltração dos discursos sobre biotecnologias, tornando-os parte da vida cotidiana das pessoas, produzindo novas configurações nas redes das quais participamos e, portanto, engendrando aí novos modos de subjetivação. Em outras palavras, a comunicação da ciência constitui-se também como um instrumento do dispositivo biopolítico da biotecnologia – concerne ao que Latour chama de

“representação pública”, um dos elementos constituintes do sistema circulatório da ciência (Latour, 2001).

Além disso, as diferentes mídias não são apenas tradutoras destas temáticas para o público, mas como pontua Serres (2003), são produtoras de realidades e por isso também se justifica sua inclusão neste trabalho.

Se se dividir a informação comunicada sob forma de linguagem em sua aura de sedução, seu caráter performático e seu valor de verdade, as mídias para o primeiro, a administração e o judiciário para o segundo título, as ciências fazem parte dos três segmentos... Quem desejar criticar as mídias deve passar por elas, quem se opõe ao direito e à ciência ou se engana, ou deveria estar preso. Quem é que pode mudar sua vida? O jornalista, o administrador ou o cientista (Serres, 2003, p. 179).

As publicações na mídia são uma importante estratégia de inserção das biotecnologias na vida cotidiana, não apenas daqueles que ativamente procuram por seus recursos, mas na vida de todo potencial consumidor e usuário. Sua eficiência se dá tanto pela ampla possibilidade de colocação de conteúdos ao mesmo tempo nas chamadas mídia de informação e de entretenimento, quanto pela centralidade da mídia na vida contemporânea. Os veículos midiáticos são peças-chave nos modos como as pessoas identificam e lidam com problemáticas concernentes a suas vidas e comunidades. Especialmente no campo da saúde e cuidado com a vida, instruções, ações e decisões sobre tratamentos, são formuladas com base em informações buscadas na mídia popular (Seale, 2003), do que decorre não causar surpresa o número de propagandas sobre medicações na televisão brasileira, que alimentam a indústria da medicalização (Nascimento & Sayd, 2005); assim como as chamadas campanhas institucionais, que não promovem medicamentos específicos, mas o laboratório (o que em tempos de sujeitos ‘consumidores’ de remédios e da ampla possibilidade de escolha não apenas entre as diferentes marcas famosas, mas também entre os genéricos, torna-se cada vez mais importante). O laboratório começa a se tornar um lugar tão ‘corriqueiro’ na vida das pessoas, quanto a casa, a escola ou o trabalho:

Gerar uma nova vida, nascer, viver com saúde e amadurecer. Este é o ciclo da vida em que a Pfizer sempre esteve presente. Com a aquisição do laboratório Pharmacia, a Pfizer vai atender você e sua família, seja qual for o momento da sua vida, ajudando a preencher suas histórias

com muito mais *prazer, saúde e segurança*. Pfizer: Trabalhamos pela vida (itálico meu)⁴⁷.

Além disso, a ciência é construída não apenas pelas comunicações científicas ou pelos programas acadêmicos, mas também por aqueles que assistem, lêem e recebem as comunicações científicas (Silverstone, 1991). A mídia não apenas comunica questões científicas ou informações sobre saúde e biotecnologia, uma vez que, para além da comunicação, ela opera na própria construção do que vem a ser a vida, a saúde e os modos de atenção à saúde, o cuidado com a alimentação e com o corpo e assim por diante. Ou seja, a divulgação da ciência e dos avanços biotecnológicos na mídia não atende apenas a uma demanda de fazer circular informação, mas de objetivação e legitimação da própria ciência e biotecnologia frente à sociedade. Como afirma Latour,

A qualidade da referência de uma ciência não vem de um *salto mortale* para fora do discurso e da sociedade, com vistas a ter acesso às coisas, e sim da extensão de suas mudanças, da segurança de seus vínculos, do acúmulo progressivo de suas mediações, do número de interlocutores que atrai, de sua capacidade de tornar os não-humanos acessíveis às palavras, de sua habilidade em interessar e convencer os outros, e de sua institucionalização rotineira desses fluxos (Latour, 2001, pp. 115-6).

É preciso fazer circular a ciência e seus desenvolvimentos, sua sobrevivência está na sua capacidade de penetração na vida cotidiana: comunicá-la dentro e fora das instituições científicas, traduzi-la, mostrar sua aplicabilidade, suas vantagens, seus potenciais, ‘desmistificá-la’ ou, talvez seria mais apropriado, despir-lhe de sua imagem de ficção. Mostrar também, eventualmente, que ela é construída com bases em questionamentos e contestações, que lhe atribuem maior credibilidade. Esse processo não se dirige exclusivamente, nem necessariamente, conforme analisa Bucchi (2002), a um público ‘externo’ às instituições científicas,

⁴⁷ Comercial para televisão desenvolvido pela agência de propaganda Zero 11: “No Brasil, nem sempre sucesso e admiração andam juntos. Ainda mais se o assunto for uma aquisição de empresas. Por isso, comunicar que a Pfizer fez a aquisição da Warner-Lambert e da Pharmacia veio com grandes desafios: diminuir a vulnerabilidade da imagem da empresa pelo medo do desemprego e do poder de uma grande "multinacional farmacêutica". O envolvimento da Zero11, que integrou o comitê de comunicação, permitiu o planejamento conjunto com a assessoria de imprensa e o desenvolvimento de uma campanha para a mídia de massa que expusesse a missão da empresa: *ser líder em investimentos de pesquisas, o que explicaria o benefício de garantir um futuro muito melhor para milhões de brasileiros*” (itálico meu). Disponível em: (<<http://zero11.com.br/>>).

mas é parte de uma estratégia para facilitar a comunicação interdisciplinar, ganhando reconhecimento de outros pesquisadores:

Tem sido argumentado que o discurso científico a nível público em alguns casos podem ser certas formas de discurso político apenas aparentemente “público”. Ele não é realmente endereçado ao público, mas, ao invés, pretende atingir um largo número de colegas rapidamente. Para fazê-lo usa o nível público como uma “arena” compartilhada onde não é necessário cumprir as restrições das comunicações especializadas (p. 119).

Além disso, Bucchi (2002) argumenta que a publicação em veículos tais como revistas ‘não-científicas’ está relacionada ao processo de institucionalização da pesquisa como profissão de alto *status* social e de colocação da mídia como mediadora entre a ciência e o público leigo. Ela produz o efeito de colocar os cientistas numa posição de afastamento da publicação (que é elaborada por jornalistas), o que pode também operar como uma desresponsabilização, uma desconexão da ciência em relação à comunicação da mesma, ou, se pensarmos a partir de Latour, constituir apenas mais uma etapa de purificação da ciência, onde o processo desaparece dando lugar apenas a resultados, neste caso, por certa ‘despersonalização’ ou afastamento das pessoas e outros elementos envolvidos nas pesquisas.

Outro aspecto que assume relevância quando se considera a complexidade da rede de produção e comunicação da ciência é que também as instituições, agências ou veículos midiáticos fazem parte de redes cujos objetivos nem sempre andam em sintonia com os ‘pressupostos da ciência’. Para Seale (2003), uma das expressões dessa ‘divergência’ que merece análise é a predominância do caráter de entretenimento e sensacionalista da mídia popular, que exige graus de simplificação inaceitáveis no tratamento dos mesmos assuntos nos veículos científicos. Do mesmo modo, devem ser considerados os interesses dos canais midiáticos que dão espaço a estas comunicações :

Os “*experts* científicos” selecionados pela mídia de massa para comentar sobre um assunto específico não são necessariamente os mais qualificados para fazê-lo: mais importante na escolha do *expert* pelos jornalistas pode ser sua visibilidade externamente à comunidade de

pesquisa (...), o fato de que ele(a) é também interessante de um ponto de vista humano ou ele(a) deseja falar sobre uma ampla gama de tópicos, e que seu uso pode ser facilmente justificado (Bucchi, 2002, p. 110).

Questões sobre o quanto são vendáveis temas específicos, quem são os anunciantes que patrocinam os veículos onde a informação circulará, em que veículos midiáticos, que sessão, conectado a que outros assuntos, que tipo de vocabulário se põe em circulação e se omite, que formas de compreensão do mundo são aí oferecidas, são apenas algumas das problematizações que se poderia e deveria fazer na análise de como a comunicação da ciência opera como um agente (mais ou menos) homeopático que torna as biotecnologias algo cada dia mais familiar e indispensável para a concepção da possibilidade de vida atual e futura.

A capacidade de circulação de novos enunciados, de sua força para construir regimes de verdade só ocorre se eles ultrapassarem os espaços institucionais onde são produzidos e se façam conhecer por não-cientistas, que por sua vez devem ser capazes de acessar sua alta sofisticação por meios deselitizados e ‘desburocratizados’ do pesado e restrito vocabulário científico. Neste sentido, a relação que se estabelece com as novas biotecnologias, com a possibilidade de manipulação da vida, anda de mãos dadas com a apresentação das mesmas como algo corriqueiro, seguro, ‘natural’... O investimento no aperfeiçoamento e melhoramento da qualidade de vida via novas biotecnologias, envolve uma nova forma de valores, ações e de relações com os diversos componentes da rede sociotécnica, sejam eles humanos ou não; e a fabricação de um modo de experiência de si pelo dispositivo da biotecnologia na contemporaneidade passa, sem dúvidas, pela comunicação.

“LIGEIRAMENTE HUMANA”⁴⁸

Aperte o mais inocente dos aerossóis e você será levado à Antártida, e de lá à universidade da Califórnia em Irvine, às linhas de montagem de Lyon, à química dos gases nobres, e daí talvez até a ONU, mas este fio frágil será cortado em tantos segmentos quantas forem as disciplinas puras: não misturemos o conhecimento, o interesse, a justiça, o poder. Não misturemos o céu e a terra, o global e o local, o humano e o inumano. ‘Mas estas confusões criam a mistura – você dirá –, elas tecem nosso mundo?’ – ‘Que sejam como se não existissem’, respondem os analistas, que romperam o nó górdio com uma espada bem afiada (Latour, 1994, p. 8).

Por onde andam as subjetividades na ‘era biotecnológica’? É ainda necessário, ou possível, falar em subjetividade? Antes de discorrer sobre estas questões, e para evitar cair numa armadilha que eu mesma venho armando, é preciso abrir parênteses para fazer mais algumas considerações sobre como tomo essa questão da subjetividade, marcando algumas distinções e, mais uma vez, definindo o modo como vou lidar com este conceito, já que ele é ao mesmo tempo um operador teórico, mas também algo que eu coloco em análise, não carregando sempre, neste texto, o mesmo sentido.

“Marroquinos fazem pato nascer de ovo de galinha em laboratório”⁴⁹: que subjetividade?

⁴⁸ Revista Veja de 1º. de fevereiro de 2006: “Cientistas implantam genes de pessoas em cabras e outros animais para produzir remédios mais eficazes e baratos. A modificação genética de animais costuma ser usada para ajudar os cientistas a estudar melhor as doenças que afetam os seres humanos. Camundongos com o DNA alterado para que desenvolvam diabetes, por exemplo, servem de cobaias para testar novas drogas contra esse mal. Agora, outra aplicação da engenharia genética acena com mais uma possibilidade. Em diversos laboratórios americanos, europeus e asiáticos, cientistas estão implantando genes humanos em cabras, vacas, ratos, galinhas e coelhos. O objetivo é fazer com que o organismo dos filhotes desses animais, geneticamente modificados para adquirir uma "porção humana", produza em seu leite, sangue ou ovos substâncias capazes de combater uma série de doenças. Algumas dessas substâncias não podem ser sintetizadas em laboratório, ou seu processo de fabricação é muito caro e complexo. Os animais, sem prejuízo de sua vida normal, tornam-se produtores de remédios – ou, na linguagem científica, biorreatores.(...) A cabra *Sweetheart* é resultado do trabalho do biólogo Harry Meade, vice-presidente de pesquisas da GTC, que passou mais de vinte anos aperfeiçoando a técnica para criar cabras transgênicas. (...) Depois de coletado o leite, a proteína é refinada e transformada em remédio para consumo humano. (...) Tão relevantes em termos de avanço científico quanto as cabras transgênicas são os camundongos criados pelo biólogo Nils Lonberg na empresa americana Medarex. (...) O cruzamento de ambos gerou um espécime capaz de produzir anticorpos que podem ser convertidos em remédios para doenças como câncer e lúpus...”. A matéria completa está disponível em: <http://veja.abril.com.br/010206/p_065.html>.

Tudo é complexo para quem pensa, e sem dúvida o pensamento o torna mais complexo por volúpia própria. Mas quem pensa tem a necessidade de justificar a sua abdicação com um vasto programa de compreender, exposto, como as razões dos que mentem, com todos os pormenores excessivos que descobrem, com o espalhar da terra, a raiz da mentira (Pessoa, 1999, p. 14).

A armadilha: se na contemporaneidade tudo, ou quase tudo, se desloca para o nível biomolecular, se está de fato havendo uma biologização do que era antes entendido como psicológico, não há nem como, nem porquê, falar em subjetividade. Errado! Pelo menos considerando o lugar de onde falo, que vale a pena evidenciar novamente.

Neste caso, errado, em função da definição sobre a qual eu construo minha problematização, que é a noção de subjetividade (ferramenta central com a qual opero neste trabalho) pensada a partir de Foucault e Latour: como efeitos de modos de subjetivação que se produzem numa rede de discursos e tecnologias. Subjetivação é entendida, assim, como o “processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (Foucault, 2006e, p. 262). Neste sentido, subjetividade não se refere à interioridade, estabilidade ou identidade, mas a modos transitórios e fluídos de experienciar a si mesmo: “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (Foucault, 2006d, p. 236). O corpo aqui não está em oposição à subjetividade, mas é exatamente onde se inscrevem as investidas do poder-saber que constituem modos de ser sujeito, corpo que é alvo de formas de biopoder e biopolíticas produtoras de subjetividade.

Se os jogos de verdade se constituem e alteram historicamente; se as redes sociotécnicas se atritam produzindo fluidez, esta movimentação constitui novos modos de viver a experiência de si, de compreender a subjetividade. O que refiro

⁴⁹ Folha Online de 27 de setembro de 2007: “Uma equipe de cientistas marroquinos conseguiu fazer com que um pato nascesse em um ovo de galinha usando a técnica da transferência embrionária, informou hoje a imprensa local. “Essa primeira experiência demonstra que a transferência embrionária deixou de ser um monopólio adaptado apenas para os mamíferos e pode abranger o mundo das aves”, declararam os especialistas. (...) A publicação informa ainda que a originalidade da pesquisa está no fato de ter sido realizada com duas famílias de animais diferentes, a dos palmípedes e a das galináceos. Por isso, também contribuirá com o progresso científico “com o objetivo de preencher grandes lacunas em diversas investigações relacionadas à embriologia aviária, concretamente com relação às espécies ameaçadas ou em risco de extinção”. A matéria completa está disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bichos/ult10006u331936.shtml>>.

como uma subjetividade biotecnológica, então, são os modos de fazer a experiência de si – inclusive daquilo que antes era topologicamente marcado por vários discursos como pertencendo a uma interioridade psíquica – a partir deste novo dispositivo, que tem dentre seus suportes o corpo entendido como biotecnologia que é prescrito a nível molecular.

Uma interessante discussão sobre a dimensão histórica da subjetividade, que recusa a naturalização da mesma, é feita por Prado Filho e Martins (2007), que traçam uma história desse conceito, mostrando como este migrou do campo da filosofia para a psicanálise freudiana, onde foi naturalizado e essencializado, e mais tarde para o domínio das psicologias, tendo sido tradicionalmente abordado com relação a um núcleo interior e, no final do século XX, descolando-se da interioridade para ser posto em termos históricos, sociais e políticos.

Assim como subjetividade não é sinônimo de interioridade, também não designa necessariamente um conjunto de capacidades, qualidades, sensibilidades, atitudes, reações inerentes a um sujeito tomado como unidade autocentrada, autônoma e consciente. Traçando uma genealogia do sujeito paralelamente a esta arqueologia da subjetividade percebe-se que é apenas na passagem do século XVII ao XVIII que o sujeito torna-se “indivíduo”, e é apenas no final do XIX que este indivíduo ganha uma subjetividade (Prado Filho & Martins, 2007, p. 17).

Seria ingênuo acreditar, entretanto, que o dimensionamento histórico da subjetividade, a recusa à naturalização ou essencialismo presente em perspectivas de análise contemporâneas teriam se constituído numa posição unitária na psicologia, do mesmo modo que seria afirmar isso como desejável. E é por isso que se introduz aqui a segunda noção de ‘subjetividade’, à qual preciso fazer referência – agora não como operador teórico, mas como ‘objeto’ da psicologia, que a postula como sinônimo de uma interioridade psicológica, da instância psíquica. Prado Filho e Martins (2007) definem essa concepção como o “reino da subjetividade”: “o psiquismo, a cognição, a ‘mente’, a consciência, a identidade, o *self*; mas também, as percepções, as interpretações, e uma certa dimensão “intrapíquica”, das emoções, do desejo, do inconsciente” (p. 14). Aqui, a ‘subjetividade’ é a entidade interior que habita o corpo de um ser dividido em corpo X mente, corpo X alma, soma X psiquê ou outros equivalentes, que marcam

também a dicotomia objetividade X subjetividade. Ela é ‘essencialmente’ o não-corporal que o habita, o que a define é exatamente a oposição ao corpo: o que não é somático, é psicológico – subjetivo. Neste caso, a partir de discursos biotecnológicos mais extremos, especialmente os vinculados às neurociências e genética, cabe considerar a possibilidade que este se torne um conceito supérfluo e mesmo inviável, pois se a ‘explicação’, se a ‘causa’, ou a ‘origem’ de algo é localizada no corpo biotecnológico, exclui-se aí a dimensão subjetiva⁵⁰.

Para responder à primeira das questões propostas – por onde andam as subjetividades na ‘era biotecnológica’? – proponho a análise da expansão das biotecnologias que têm a ‘subjetividade’ como seu alvo direto e a propagação de seus enunciados. A partir disso, indicarei alguns dos deslocamentos por estas produzidas, tais como a transmutação do ‘conteúdo psicológico’ que compôs a ‘subjetividade’ como objeto das ‘psicologias-psicologistas’, quando este parece deixar de ocupar os aposentos do aparelho psíquico para se alojar em bases biotecnológicas (para marcar a distinção entre minha ferramenta teórica e o objeto ‘subjetividade’ postulado pela psicologia, passo a utilizar o segundo entre aspas).

Essa problematização não tem por objetivo o resgate do ‘eu interior perdido’, tantas vezes já criticado por produções contemporâneas no campo psi. Não pretendo estabelecer uma disputa entre uma essência psicológica ou uma essência biológica que ganha força com as novidades da biotecnologia, criando uma dicotomia (psicológico X biológico); ou defender a proposição de uma nova forma naturalizada, essencializada e mais científica, de definir o sujeito a partir do aparato biotecnológico. Essas são em si, questões que cabem a uma análise posterior destes dispositivos contemporâneos, pela qual, em certa medida, pretendo transitar mais adiante. Por ora, gostaria de demarcar que se entendendo subjetividade a partir de Foucault e Latour – e não como sinônimo de uma entidade psicológica interior – não apenas é possível, mas pertinente e necessário, falar em subjetividade, atentando para como as biotecnologias vêm produzindo o que se poderia chamar de modos-biotecnológicos-de-ser.

⁵⁰ Alguém poderia argumentar que as abordagens psicossomáticas resolveriam o problema da dicotomia, integrando estas duas instâncias, quando postula que o psíquico se manifesta no somático. No entanto, a questão aqui não é tanto o quanto estas possam ‘interagir’ ou ter algum ‘ponto de contato’, mas sua própria definição ontológica como entidades distintas.

“Você é orgânico ou transgênico?”⁵¹: o sujeito biotecnológico

*O marciano encontrou-me na rua
e teve medo, de minha impossibilidade humana.
Como pode existir, pensou consigo, um ser
que no existir põe tamanha anulação de existência?
Afastou-se o marciano, e persegui-o.
Precisava dele como de um testemunho.
Mas, recusando o colóquio, desintegrou-se
no ar estrelado de problemas.*

*E fiquei só em mim, de mim ausente.
(Drummond, 1977)*

Mais uma vez é importante enfatizar que não apenas as biotecnologias cuja aplicação tem como alvo direto os seres humanos estão envolvidas na produção de novos modos de subjetivação, mas também o desenvolvimento de outros organismos geneticamente modificados tais como animais e vegetais, biocombustíveis, bioeletricidade e assim por diante, também implicam em novos modos de constituição de si e relacionamento consigo, com os outros e com o mundo. Porém, em meio à ampla gama de ‘informações’ providas do campo das inovações e aplicações biotecnológicas, a transformação do corpo, que representa

⁵¹ Folha Online, 20 de outubro de 2005: “Resposta rápido: você é orgânico ou transgênico? Facilmente haverá identificação com uma ou outra palavra. E mais: se o leitor se autotrans classificou "orgânico", é muito provável que nutra uma antipatia quase natural pelo termo "transgênico". Ou vice-versa. Na raiz da polêmica que aparta os defensores de cada tipo de alimento, a semente é filosófica. Do lado dos orgânicos, enfileiram-se aqueles que seguem as premissas de uma vida de retorno à natureza. São pessoas preocupadas com o colapso do planeta, simpáticas à alimentação vegetariana --ou pelo menos combatentes do consumo exacerbado da carne vermelha--, desconfiadas dos artifícios da indústria, avessas a remédios alopáticos, economizadoras de água e praticantes da reciclagem. Sob a bandeira dos transgênicos, panfletam os adoradores da tecnologia. São aqueles que louvam a modernidade e acham que as criações humanas "têm mais é de ser aproveitadas". Duvidam que estejam sujeitos a sofrer mutações por ingerir alimentos geneticamente modificados, não sofrem crises de consciência ao tomar analgésicos para aplacar uma dor de cabeça insuportável e consideram a ovelha Dolly um advento interessante. (...) A preocupação com o ambiente também tem um impacto na hora de ela escolher o que pôr no carrinho do supermercado.(...) Para Guimarães, a transgenia pode ainda incentivar o comodismo na manutenção de dietas alimentares inadequadas. (...) Fernanda se autodefine como "totalmente transgênica". (...) “Eu gosto de novidade, uso tudo ultramoderno, aproveito as invenções tecnológicas todas”, comenta ela, que louva principalmente as criações em prol da estética. “Já usei ácidos na pele e tomei remédios para o cabelo ganhar brilho. Se precisasse, faria 'ontem' aplicações de Botox ou cirurgia plástica”, diz.(...) E explica que vê nos transgênicos ainda uma vantagem social. (...) Não contramão do posicionamento antagonista, cientistas como o suíço Klaus Ammann, presidente de biodiversidade da Federação Européia de Biotecnologia e diretor do jardim botânico da Universidade de Berna sugerem a adoção de sementes geneticamente modificadas nas lavouras orgânicas, gerando o que seria uma geração de "organotransgênicos". (...) Enquanto a discussão divide gregos e troianos, a próxima geração de transgênicos promete turbinar a capacidade nutricional da comida. Em cinco anos, o arroz vai ganhar ômega-3 do peixe; frutas e verduras serão acrescidas de vitaminas de outras espécies; os industrializados feitos a partir desses alimentos terão menos gordura trans. Você engole?”. A matéria completa está disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u4030.shtml>>.

a materialidade de nossa existência, inscreve-se como um dos elementos-chave na colocação da biotecnologia no centro da constituição das experiências dos sujeitos na atualidade. Assim, assinalando uma particularidade das novas biotecnologias que têm o corpo humano como alvo de intervenção, nos processos de subjetivação, retomo neste momento, algumas considerações tecidas por diferentes autores sobre a compreensão e produção do corpo biotecnológico na contemporaneidade.

No entanto, não se pode seguir nesta análise sem antes considerar o alerta de Landecker (2005) para o fato de que, freqüentemente, ao falarmos de biotecnologias, tratamos de sua relevância e caráter revolucionário para a vida humana, a partir de categorias rígidas, dadas e feitas visíveis pela popularização da indústria científica e pela retórica que sustenta as estruturas de financiamento de pesquisa centrada na saúde (pela introdução de novos produtos terapêuticos); e na homologia, por alterar a compreensão da natureza humana a partir de uma história evolucionária compartilhada com outros organismos. A autora destaca que há formas *menos óbvias, porém não menos importantes* pelos quais os experimentos biotecnológicos produzem o que é o humano, o que se pensa sobre a vida e como agir sobre a mesma. Ela exemplifica isso mostrando que não poderia haver clonagem, ou mudanças na temporalidade e plasticidade das células, se não houvesse a possibilidade de congelamento de células, que abre possibilidades inéditas para a biologia. Nas palavras de Landecker (2005), todas essas questões “dependem em algum grau da presença banal de um *freezer* funcionando, que só é banal porque se tornou tão incrivelmente lugar-comum, onde não era há 50 anos atrás” (s/p). É por isso que ela entende que a ênfase deve ser deslocada de um “evento revolucionário”, das ‘grandes descobertas’, para a infraestrutura que lhe fornece as condições de acontecer, ou seja, atentar ao mesmo tempo para humanos, células, para os instrumentos e aparato técnico que permitem a operacionalização da ‘era biotecnológica’, para as condições de produção dos novos objetos e modos de pensar a vida, especialmente quando se quer operar com uma categoria como a de biopolítica. Isso implica, por exemplo, atentar para como o campo científico em si é um mercado sobre o qual sabemos muito pouco. Não apenas as pessoas se tornam consumidoras de biotecnologias, mas os cientistas também são consumidores e isso é parte do poder da biotecnologia na cultura contemporânea (Landecker, 2005).

Outra contribuição para a análise do impacto da produção científica e tecnológica nos últimos anos, nos é oferecida por Novaes (2003), que menciona dois exemplos onde essas transformações se tornam mais evidentes, colocando em questão as referências até então utilizadas para se explicar o mundo: a mudança da noção de natureza e do conceito de subjetividade. Assim como Foucault e Latour, Novaes entende estas produções científicas como conectadas ao campo político e, referenciando-se no biólogo francês Jacques Testart, assinala o comprometimento da ciência hoje com a alimentação do mercado e não como produtora de conhecimentos independentes. Essa configuração implica, segundo Novaes (2003), na centralidade do conceito de biopolítica, manifesta pela exacerbação das relações de saber e poder mobilizadas como nunca “no controle, na modificação, na produção e na reprodução da vida” (p. 08). Mas não é apenas a relação da ciência com o corpo o que se apresenta como novidade e sim, o modo como esta relação tem-se produzido pela articulação com os “objetos técnicos”, afirma Novaes. “Tudo caminha – principalmente o corpo – para o artifício. Ou melhor, observamos o início de uma substituição do Ser e de suas experiências da vida – isto é, da antiga relação em nós, da natureza, e do espírito (...) – por mecanismos implantados em nós” (p. 08). O “corpo tecnicizado” tornou-se um corpo imperfeito, objeto de controvérsias e “campo de todas as experiências possíveis” (p. 10).

A concepção do corpo, ou do ser humano, que pode ser colocado no lugar de objeto manipulável, como máquina, tem sua matriz, segundo Novaes, na idéia do paralelismo psicofisiológico: a existência de um cérebro determinado por leis mecânicas, cujas ações seriam reproduzidas pelo espírito. A busca científica pelo estabelecimento de paralelos, mostra-nos a tentativa de naturalização do ser humano e seu espírito. Entretanto, atualmente, nos alerta Serres (2003), a metáfora da máquina se torna limitada se permanecer atrelada ao modelo mecânico das máquinas modernas, que se definem por sua função ou aplicabilidade. Hoje, “nossas máquinas são lingüísticas, algorítmicas, teóricas e práticas” (Serres, 2003, p. 77), e delas não se pode definir a finalidade com precisão, pois esta depende de quem as utiliza. Este é o modelo que, segundo este autor, melhor fala das coisas da vida na atualidade. Para que servem as mãos, os pés, os órgãos, os nervos, as moléculas? – pergunta Serres. “Para nada e para tudo” (p. 76), ele responde. Assim como as tecnologias produzidas na

contemporaneidade, a vida “conhece pouco sua finalidade” (p. 76). O imbricamento das tecnologias na vida faz surgir relações inéditas no corpo – convertido em uma “biotecnocultura” – e mundo. O corpo “existia, mas não existe mais, pois vive inteiramente na modalidade do possível... ele sai da necessidade para entrar no possível. Eis a melhor definição que se pode dar: o corpo é um virtual encarnado” (p. 40). Frente à frenética produção de novas indefinições e contingências, de artefatos sem finalidade definida, se constrói o ser vivo de hoje “como sendo um ser sem finalidade” (p. 64).

Essa nova concepção de corpo que a biotecnologia faz nascer, repercute diretamente nos saberes constituídos pelo campo psi. Hoje se pode cogitar (e aqui não se trata de que isso ‘de fato’ aconteça, mas de como isso é tomado como possibilidade) que no corpo pode ser encontrada a identidade única, inconfundível, precisa de cada indivíduo, seja para fins de diagnósticos, tratamento de doenças, determinação de filiação ou etnia dos indivíduos, aperfeiçoamento do corpo, melhoramento da vida, segurança de fronteiras e assim por diante. Uma nova concepção de identidade se torna possível exatamente pela fusão do corpo com as biotecnologias. Bernardes e Guareschi (2007) contribuem para a análise da relação das biotecnologias com a produção de si, apontando para o modo com as primeiras vêm assumindo maior importância nas formas de relação consigo e criando novas conformações de ‘eus. Estas autoras operam com o referencial foucaultiano e apontam para as biotecnologias como estratégias biopolíticas que produzem “subjetividades que consomem biotecnologias como forma de controle do corpo e da vida” (p. 157), sendo a mídia um importante “vetor de biotecnologização” (p. 153), que indica modos de consumir e experienciar as biotecnologias. A assinatura da campanha publicitária “*Identidade*” dos cosméticos Natura⁵² – “*Use a tecnologia para ser você mesma*” – desenvolvida para televisão, mídia impressa e internet, pela agência Lew’Lara, explicita o estreitamento desta relação:

Mulher 1: “*Não, não faria... não sou escrava da beleza...*”. Na tela uma pergunta: “*Até onde você iria na busca pela beleza?*” Mulher 2 diz: “*E cada hora vai aparecer uma novidade de cosmética, de tratamento de tecnologia...*” Mulher 3: “*Eu acho que a tecnologia é bárbara, o*

⁵²Disponível

em:

<<http://www.portaldapropaganda.com/vitrine/tvportal/2007/12/0025?data=2007/10>>.

*exagero é do ser humano.” Mulher 2: “A gente tem que ter um limite nosso, pra saber até onde a gente pode ir com isso tudo... Mulher 4: “Esticar, esticar, esticar... Preencher, preencher, preencher... eu vou ficar uma máscara... e eu não quero ser uma máscara.” Mulher 3: “Tô feliz com a minha idade, eu não quero parar no tempo...” Mulher 4: “...quer dizer, se eu tirar todas as rugas do meu rosto...” Mulher 1: “Os olhos puxados, nariz, empinado, a boca desenhada... quer dizer, fico parecendo uma boneca, né.” Mulher 3: “Bonitinha, linda, perfeita... mas eu acho que tudo tem um limite. Se você extrapola, você acaba perdendo sua identidade.” Mulher 4: “Minha idade e minha identidade caminham juntas.” Uma narradora anuncia: “*Natura Chronos Flavonóides de Passiflora: Inovação tecnológica a favor da sua identidade.*”*

A problematização da constituição do sujeito e suas relações com as biotecnologias é também discutida por Pimentel e Bruno (2006b), que analisam as tensões entre constituição histórica da interioridade psíquica e as novas formas de subjetividade inscritas na exterioridade e visibilidade do corpo. Eles assinalam, assim como Novaes (2003): a) o deslocamento daquilo que antes se situava no campo do natural para o campo dos valores e escolhas, frente à possibilidade de intervenção e manipulação da vida e do corpo; b) um acoplamento do biológico com o tecnológico na contínua construção do corpo – e, portanto, da subjetividade – produzindo-se um estreitamento dos laços entre as dimensões da identidade e do biológico; e c) a força das biotecnologias como estratégia contínua de poder.

Os jogos de saber e produção de verdade sobre o sujeito também sofrem rupturas com este processo. Neste novo universo, a ‘verdade’ se desprende da ‘boa-vontade’ do sujeito, se desprendendo até mesmo, como discute Aas (2006), do próprio sujeito, que se torna desnecessário, pouco confiável e insuficiente. Não é preciso perguntar, entrevistar e, muitas vezes, nem mesmo contar com a presença física da pessoa, para que se possa acessar sua ‘verdade’ pelo seu DNA, seu mapa genético e outras biotecnologias de investigação e identificação. Em 1997, o filme *Gattaca – A Experiência Genética*, de Andrew Niccol – uma ficção científica, cabe lembrar – mostrava o personagem principal, Vincent, apresentando-se para uma entrevista de seleção. A cena não dura mais que alguns

segundos, o entrevistador faz a análise de uma amostra de urina de Vincent e o dispensa. Ele pergunta: “*E a entrevista?*”. O entrevistador responde: “*Já foi*”. Os fragmentos de nosso corpo (as substâncias que este produz – saliva e outras secreções; ou que o compõe – cabelos e outros tecidos) ‘falam’ o idioma das biotecnologias e, de acordo com Aas (2006), converte o corpo em nossa “carteira de identidade”. Aas (2006) coloca entre aspas essa ‘verdade’ que se pode obter por meio da biometria, que é uma verdade sobre o indivíduo e não sobre a pessoa e sua biografia. A questão a ser problematizada é em que medida e por que razões, reduzimos aquilo que poderíamos chamar de uma verdade do sujeito à sua materialidade biológica.

Essa ‘concentração’, ou ‘síntese’ do ‘sujeito’ numa matriz biotecnológica é expressa de forma intrigante quando se insinua, ou afirma – mas de qualquer forma se torna possível mencionar – que um órgão *per se* pode ser ‘portador’ do ‘caráter’ ou ‘personalidade’ da pessoa, ‘transmissível’ a terceiros, como num transplante de órgãos ou numa transfusão de sangue. Há aqui uma ruptura com situações em que o ‘contágio’ de comportamentos – especialmente os indesejáveis – é atribuído a um convívio com os agentes ‘degenerados’, quando a ‘decadência genética’ se torna ameaçadora ao se expressar no âmbito social, e não por sua condição biológica intrínseca. Ocorre uma espécie de mudança da localização do perigo, deslocado do convívio (com manifestações ou comportamentos inadequados) para o contato (com genes indesejados):

“*Se você estivesse precisando **desesperadamente** de um transplante, aceitaria um órgão doado por um bandido condenado, um **assassino**?*” – com esta pergunta a apresentadora inicia a reportagem “O órgão da polêmica”⁵³ [negrito meu, ênfase da apresentadora]. Em seguida são exibidas opiniões de pessoas nas ruas: “*Como é que eu vou ter um órgão de uma pessoa mau-caráter dentro de mim?*”. “*Bandido é bandido, órgão é órgão. Eu aceitaria, precisando desesperadamente...*”. De volta ao cenário do estúdio, outro apresentador diz: “*A questão é polêmica tanto nos Estados Unidos quanto aqui, no Brasil.*” Cenas de presidiários e o mesmo repórter aparece entrevistando um professor de bioética: “*É natural uma polêmica dessas, a reação a um órgão ou à alguém que quer*

⁵³ Matéria exibida em 12 de agosto de 2007 no programa de televisão *Fantástico*. Disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM713653-7823-O+ORGAO+DA+POLEMICA,00.html>>

doar um órgão mas na verdade é uma pessoa criminosa?” O entrevistado esclarece: *“Em qualquer transplante de fígado, de rim, de córnea, o receptor do órgão não sabe quem é o doador, exatamente pra diminuir esse preconceito”*.

Enquanto são exibidas cenas de uma sala de cirurgia, durante a realização de um transplante – o médico retira um órgão de uma pessoa, caminha com o mesmo pela sala e se dirige para outro paciente – o repórter prossegue: *“Existem órgãos que podem ser doados em vida, como parte do fígado, um dos rins, parte do pulmão, sangue e pele...”*. A reportagem continua, mostrando o caso de um *serial-killer* nos Estados Unidos que se ofereceu para doar um rim, após ter recebido uma carta da mãe de um paciente que aguardava na fila para transplantes e não conseguia doadores. São mostrados depoimentos, cenas da cômica de justiça...

Novamente o repórter pergunta: *“Será que o preso tem o direito de decidir se quer doar uma parte do seu corpo? Ou a lei deveria protegê-lo de uma possível chantagem ou coação”*. O professor de bioética explica: *“Na realidade a pessoa que está presa não perde sua capacidade civil, ela perde alguns direitos: perde o direito de ir e vir, perde o direito de ter passaporte, de viajar...”* O repórter interrompe: *“Mas não sobre o seu corpo.”* *“Não sobre o seu corpo”*, confirma o especialista.

“A doação de órgãos por presos condenados é proibida nos Estados Unidos...”, e mais detalhes sobre o caso do *serial-killer*. Em seguida, novamente imagens de presídios e presos brasileiros: *“No Brasil a lei não impede o preso de doar qualquer órgão”*. O diretor do Departamento Penitenciário Nacional esclarece as condições para doação de órgãos por presos no Brasil. Mais uma vez a voz do repórter: *“O projeto de lei propõe que os presos possam reduzir até 50% do tempo da pena em troca de uma doação.”* A reportagem encerra ponderando o *“perigo da doação ser manipulada”* e com o professor de bioética falando do *“princípio de altruísmo”* que deve ser o pilar a doação. Na cena final, o receptor do rim doado no caso do *serial-killer* americano, aparece caminhando e sorrindo: *“Hoje Ernie leva uma vida saudável e espera que o governo mude a lei e permita a doação de órgãos por presos condenados”*.

Curiosa trajetória a percorrida pela reportagem que de acordo com o resumo disponibilizado no próprio *site* do programa, tinha como objetivo trazer à discussão “a doação de órgãos por criminosos”, em função de um projeto de lei que “propõe que presos brasileiros tenham a pena reduzida em troca de um transplante.” Em meio a *alguns* especialistas, presidiários, *serial-killers* e órgãos tidos como literalmente ‘degenerados’, se evocam transplantes, direitos humanos, legislação e altruísmo, convergindo para uma tendência de fundamentação biológica para fenômenos até então entendidos no âmbito da cultura. Não menos interessante que o painel externo exibido dois meses antes desta matéria, em frente à sede da Associação Médica do Rio Grande do Sul, numa avenida bastante movimentada, em Porto Alegre, que anunciava: “*Violência é doença*”⁵⁴.

A conexão biológica sugerida pela reportagem ou pelo painel mencionado não é nova, como nos mostram os textos foucaultianos sobre a ligação da psiquiatria com o campo jurídico e seu propósito de ‘proteção’ da sociedade de indivíduos perigosos (Foucault, 2001, 2006c). E, ainda que tratada como metáfora, tal qual nas análises sociológicas que associam a sociedade a um organismo, portanto, sujeita a adoecimentos (Canguilhem, 2005), a frase exibida *no espaço de publicidade de uma Associação Médica* coloca a questão em uma nova posição na rede discursiva. Em tempos de ‘medicina de evidência’ não se trata mais destas mesmas conexões apontadas por Foucault ou pelos sociólogos: há o ‘toque biotecnológico’, que transforma em ‘possibilidade’ o que antes não passava de especulação. Já não se trata mais do mesmo organismo biológico que há 20, 10, 5 ou mesmo 1 ano atrás.

Com a promessa de respostas para as ‘patologias sociais’, não é apenas o ‘psicológico’ que se converte em ‘biológico’, mas também questões ‘sociológicas’, tais como a violência e criminalidade. O projeto de pesquisa noticiado em 26 de novembro de 2007 pelo jornal “*Folha de São Paulo*” – quantos e quais projetos de pesquisa no Brasil já tiveram tanto espaço de divulgação na mídia brasileira? – com a manchete “*Estudo vai mapear cérebro de*

⁵⁴O painel foi colocado em função da realização de Encontro do Comitê Estadual de Prevenção da Violência na sede desta instituição. Frente ao texto do mesmo, chega a soar irônica a manchete utilizada no jornal desta mesma associação, quando comentando o evento: “*Comitê de Prevenção da Violência Constrói Conceitos em Conjunto*” (p. 5 do Jornal da AMRIGS, julho de 2007). Disponível em: <<http://www.amrigs.com.br/jornais/jornaljulho07.pdf>>.

homicidas”⁵⁵, para “*investigar base biológica da violência*”, também não se produz afastado dos aparelhos de ressonância magnética, da exacerbação do discurso da violência – cuja identificação da ‘fonte’, tornaria mais fácil seu governo ou eliminação – do investimento e interesse de quem financia a pesquisa, bem como das expectativas de solução as questões ‘sociais’⁵⁶: “*O custo da empreitada, avaliado por Terra [secretário da Saúde do Estado do RS, mestrando do curso de neurociências da PUCRS e um dos principais proponentes da pesquisa] em cerca de R\$ 120 mil, será coberto com doações da siderúrgica Gerdau para a pesquisa, afirma o secretário da Saúde.*”

Fica evidente que enquanto o século XX favoreceu uma psicologização do social (Rose, 1996), o desenvolvimento das biotecnologias intensifica e dá novo horizonte à medicalização do mesmo. A medicalização não é em si a novidade que se constitui na interface do dispositivo da biotecnologia e sim a forma como esta nova modalidade rompe com experiências precedentes de medicalização, pois as novas drogas e tecnologias de diagnóstico e intervenção são cada vez mais pontuais e afirmam-se mais precisas e confiáveis. O alcance declarado da ciência dado pelas biotecnologias, pulverizado nas mídias e na vida contemporânea, fortalece sua força de produção de subjetividades e sua centralidade nas racionalidades de governo atuais. E é indissociável dos aparatos técnicos disponíveis e do montante de dinheiro investido nestas pesquisas.

Se o corpo (sexual) já foi ferramenta de governo, isso se exacerba com a produção de um corpo biotecnológico explorado e definido a nível molecular, pela maior penetração das tecnologias de produção de saber neste corpo já disciplinado (pelos seus próprios sistemas, cadeias, organizações) e que precisa apenas ser controlado. Nas palavras de Aas (2006), “[c]orpos, combinados com as últimas tecnologias, estão provando ser vitais para o governo contemporâneo” (Aas, 2006, p. 144). O corpo como superfície de inscrição da verdade e foco de intervenção política – ‘indivíduo somático’ – é constituído como tal antes do seu nascimento: quando se pode verificar o sexo, a presença ou probabilidade de doenças, mal-formações, síndromes... A vigilância constante do corpo já não se dá apenas em

⁵⁵ Uma versão online, com a síntese da matéria está disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u348589.shtml>>.

⁵⁶ Que de certo modo perdem sua dimensão ‘social’ quando reduzidas a bases neurais, genéticas ou bioquímicas.

grupos marginalizados ou periféricos, tais como as prisões e manicômios, mas passa a estar no foco de todas as atenções (Aas, 2006).

A biotecnologia produz um paradoxo de simultânea ‘incorporação’ da ‘subjetividade’ e ‘desmantelamento’ do corpo, que já não se define em termos de órgãos e funções, mas de suas mínimas unidades de informação genética, molecular. Concomitantemente, o próprio indivíduo torna-se um mero conglomerado de informações que já não provêm de corpos individuais, mas de “um tipo de corpo global formado pela soma futura das espécies e dos reinos” (Serres, 2003, p. 129), que já não distingue o humano e o não-humano, mas que ao contrário, o recombina incessantemente.

Em meio a esta complexa rede (científica, tecnológica, comercial, econômica, legal, moral...) o biológico que se produz com os recursos biotecnológicos se torna uma referência, e até mesmo uma condição, para a constituição da experiência do sujeito contemporâneo. Talvez já não seja necessário que nos reconheçamos como sujeitos de uma sexualidade – que por tanto tempo, por exemplo, esteve na base etiológica dos sofrimentos ou transtornos psíquicos –, ao passo que se torna a cada dia mais inevitável encararmos nossas vidas (seja na sua dimensão biológica ou na sua dimensão ‘subjetiva’) como abertas à intervenção e exploração biotecnológica.

Na esfera ‘psicológica’, as neurociências se oferecem como o campo de visualização do ‘psíquico’, de seus fenômenos e funcionamento. Essa produção de evidências clínicas traz implicações no modo como as pessoas passam a se relacionar com toda a gama de fenômenos até então chamados de psíquicos (talvez hoje fossem mais adequadamente nomeados como cerebrais, bioquímicos ou biotecnológicos). O enraizamento das questões psíquicas, especialmente do sofrimento, a bases neuroquímicas implica, por exemplo, um novo modo de se relacionar com a ‘doença mental’, desde o que concerne ao admiti-la até o modo de responsabilizar-se pela mesma. Tomando como exemplo a depressão, quadro diagnóstico ainda socialmente estigmatizado e carregado de valores em relação à ‘fraqueza psicológica’, vê-se o oferecimento de uma ‘fatalidade orgânica’ na origem de tal quadro. Essa ‘fatalidade’ não se relaciona meramente com a questão de herança genética familiar e é melhor definida por Rose (2007) como suscetibilidade, ou seja, o fato de que todos nós possuímos determinadas vulnerabilidades genéticas que podem interferir no funcionamento de

neurotransmissores, células, etc. A suscetibilidade é localizada a nível molecular e a localização cerebral das doenças acenaria como uma ‘saída’ (que retira da interioridade) no sentido de um combate à estigmatização do sofrimento psíquico; posto deste modo como uma doença como ‘outra qualquer’.

Paradoxalmente, essa ‘fatalidade biológica’ não é vista como destino. Juntamente com a precisão diagnóstica, as biotecnologias oferecem a compensação dessa condição de vulnerabilidade orgânica via tratamentos terapêuticos. Aqui, mais uma vez, a análise empreendida por Rose (2007) contribui, ao indicar que o olhar das neurociências contemporâneas, que se dá primordialmente pelo uso de imagens do cérebro, anda de mãos dadas com um modo específico de intervenção terapêutica, qual seja, a psicofarmacologia. Esta difere das gerações de drogas precedentes, prometendo maior especificidade em sua ação e redução dos indesejáveis efeitos colaterais. A disseminação desta parceria e dos discursos de verdade por ela produzidos é especialmente incentivada por laboratórios e indústrias farmacêuticas que investem massivamente tanto nas pesquisas como na produção e divulgação de caras substâncias psicotrópicas.

Porém, nossa cultura ‘biotecnologizada’ não interpela os sujeitos apenas no que concerne a processos de adoecimento e saúde que passam a ser explicados em termos biológicos, mas também naquilo mesmo que constitui suas identidades, desejos, sentimentos, ou seja, a biotecnologização da ‘alma’ humana. A felicidade e a realização pessoal, imperativos na cultura ocidental contemporânea, tornam-se ‘facilmente’ tangíveis via intervenções que se não utilizam diretamente as biotecnologias em sua forma final, se ancoram em suas investigações. Numa campanha direta ao consumidor, o laboratório – que não está anunciando neste caso nenhum medicamento específico – apresenta-se como uma fábrica de sorrisos, de felicidade, oferecendo um belo exemplo da intensificação dos discursos explicativos da *psiche* desde uma perspectiva biológica e do encampamento da subjetividade pelo biológico. “*Nosso negócio é fazer remédio. E, se rir é o melhor remédio, então, o nosso negócio é fazer você sorrir.*”:

Com investimentos de R\$ 25 milhões em *marketing institucional*, a EMS, empresa líder do mercado farmacêutico nacional, inicia campanha publicitária institucional e apresenta seu novo slogan “*EMS:*

trabalhando sério para você sorrir”, desenhado a partir do seu posicionamento e reestruturação da marca.

Criada pela W/Brasil, a ação é composta por três comerciais de TV. A campanha será lançada no dia 24 de junho no intervalo do Fantástico e em rede nacional, nas principais emissoras do País, como Globo, SBT, Record e Bandeirantes, além de alguns canais da TV a cabo.

Os filmes, com forte apelo emocional, ressaltam que a EMS, ao fazer medicamentos de qualidade, *extrapola seu negócio fazendo mais do isso; “se rir é o melhor remédio então a EMS trabalha sério para fazer as pessoas sorrirem”*.

O primeiro filme da campanha, cujo título é “Sorrisos”, terá duas versões de 30 e 60 segundos, *mostrando o cotidiano de pessoas em momentos alegres, de descontração e de qualidade de vida*.

O segundo comercial, chamado de “Laboratório”, foi gravado na própria empresa EMS, com a equipe de *cientistas, pesquisadores e colaboradores trabalhando em clima de alto astral*, mas comprometidos com a busca incessante de *novas formas farmacêuticas eficazes e seguras*.

A expressão de alegria e dedicação dos profissionais deixa claro que há orgulho em trabalhar no desenvolvimento de produtos que *minimizam sofrimentos, ajudam a curar doenças, proporcionam bem-estar e melhoria de qualidade de vida, fazendo com que muitas pessoas, possam sorrir*.

A trilha sonora dos filmes é uma nova versão da canção “Vitoriosa”⁵⁷, composição de Ivan Lins e Vítor Martins.

Segundo Telma Salles, diretora de relações externas da EMS, a nova campanha institucional pretende *tornar a nova marca da empresa mais conhecida e próxima dos consumidores*. “A campanha é leve, descontraída e esperamos que faça com que a marca EMS seja ainda mais lembrada e reconhecida pelo consumidor como a marca de uma empresa que objetiva levar saúde e bem estar às pessoas”, completa a executiva.

⁵⁷ “*Quero sua risada mais gostosa/ Esse seu jeito de achar/ Que a vida pode ser maravilhosa/ Quero sua alegria escandalosa/ Vitoriosa por não ter/ Vergonha de aprender como se goza...*”

Washington Olivetto, presidente da W/Brasil, afirma que “a EMS vai mostrar agora o que ela já faz há muitos anos em seus laboratórios: trabalhar para ver as pessoas sorrirem”⁵⁸ (itálico meu).

De acordo com o relatório *Beyond Therapy: Biotechnology and the Pursuit of Happiness* (President’s Council on Bioethics & Kass, 2003), o alvo das novas biotecnologias têm ido para além de objetivos terapêuticos e se encaminham hoje para a busca da perfeição e felicidade, focando suas intervenções no melhoramento das novas gerações, aumento de performances esportivas, produção de corpos ‘sem idade’ (*ageless bodies*) e de ‘almas felizes’ (*happy souls*), referindo-se, neste último aspecto, exatamente a este ‘eu’ psicológico que define nossa individualidade e para o qual buscamos a felicidade. A biotecnologia não apenas cola questões como o desejo a estas novas substâncias híbridas, mas produz uma gama de novos desejos possíveis. Neste sentido, os autores do relatório situam a centralidade das biotecnologias na ‘perseguição’ e ‘prática’ (*pursuit*) da felicidade, vinculadas principalmente à manipulação da memória e do humor pelo uso de psicofármacos (em última instância, os outros três ‘objetivos’ destacados pelos autores em relação ao uso das biotecnologias, relacionam-se com a busca da felicidade). O sucesso ou fracasso de tais intervenções, ponderam eles, podem andar lado a lado e possuem profundas implicações éticas. As condições que a ciência nos tem oferecido de “controlar nossa experiência interior” pela manipulação farmacológica podem, em alguns casos, ajudar as pessoas a “tomar responsabilidade por suas vidas” (p. 268), mas também constituem a ameaça de nos oferecer não mais que uma “felicidade fraudulenta” (p. 212), seja pelo obscurecimento de memórias desagradáveis e manipulação dos estados de humor (já que a felicidade não pode ser reduzida a estes aspectos), ou por ‘desconectar’ o sujeito – suas memórias e humores – de suas experiências, do mundo e de seus próprios sentimentos. Somos “convidados” a tratar a fragilidade, a ansiedade e a dor como “doenças a serem curadas, talvez um dia erradicadas”; e o prazer, o contentamento, a alegria como “fins em si mesmo, talvez um dia induzíveis de acordo com nossa vontade” (p. 213).

⁵⁸ Texto extraído do site da W/Brasil, agência responsável pela campanha. Neste mesmo endereço, encontram-se disponíveis os dois comerciais (*Sorrisos e Laboratório*) veiculados na televisão: <<http://www.wbrasil.com.br/wcampanhas/index.asp?id=0578>>.

Os efeitos dessa manipulação não concernem apenas ao indivíduo, pois implicam também nos modos deste agir e se relacionar com os outros. Como assinala o relatório, este tipo de cultura implica numa exacerbação do individualismo, afastamento da participação na vida política na medida em que favorece certa ‘dessensibilização’ frente à existência do outro e do ‘sofrimento’ alheio e a produção de um “*mood-brightened way of life*” em uma “*mood-brightened society*”, os quais naturalizam o uso de psicofármacos, pelo imperativo de corresponder às demandas de sucesso impostas socialmente. “Não é grande surpresa que é a nossa sociedade amante da liberdade, fascinada pela tecnologia e perseguidora da felicidade que está trazendo estes produtos ao mercado” (p. 269), conclui o relatório.

É também colocando em discussão o impacto social no presente e não nas promessas “*high tech* da biotecnologia” em termos de soluções futuras no campo da medicina e saúde, que Rose (2007) sugere que devemos analisar as biotecnologias. O tratamento da vida como mecanismo cujos únicos limites para o seu re-ordenamento seriam os limites técnicos, que estariam prestes a ser superados, concomitantemente com as narrativas continuamente divulgadas pela mídia, envolvendo potencialidades, riscos e dilemas em relação às tecnologias, produz certo exagero quanto às expectativas, esperanças, promessas e medos em relação às biotecnologias, num processo do qual tomam parte tanto cientistas do campo da biologia como do campo social (Rose, 2007).

Interessante notar ainda, que, ao contrário do que um primeiro olhar possa sugerir, essa espécie de ‘enclausuramento’ do ‘eu’ na biotecnoestrutura do corpo, essa construção de uma ‘interioridade’ na própria imanência das menores unidades da substância híbrida biotecnológica, embora altere a idéia de corpo como unidade imprescindível para definir e compreender o humano, não desmantela a idéia de uma unidade estruturante do sujeito, de um ‘eu’ identitário a partir do qual se organizam as experiências do sujeito. O recrudescimento da unidade ‘indivíduo único’ é, em si, parte constituinte deste dispositivo e, neste sentido, a análise feita por Moreira e Palladino (2005) sobre o impacto da biomedicina na constituição do ‘eu’ (em relação a questões de saúde e doença), estendida às biotecnologias de modo geral, pode contribuir para esta reflexão.

Para esses autores, a biomedicina contemporânea opera a partir de duas lógicas, aparentemente opostas, mas de fato complementares: um “regime de

esperança” e um “regime de verdade”. O primeiro, “caracterizado pela visão de que novos e melhores tratamentos estão sempre por chegar, sendo testados, a caminho”, justificando pesquisas com promessas de “curas miraculosas” alimenta-se da idéia de que ‘ainda não se sabe a verdade, mas há esperanças’. O segundo investe mais no que se conhece, do que naquilo que pode vir a conhecer: “Nós sabemos a verdade: não há esperança” (Moreira & Palladino, 2005, p. 67). A conexão destes regimes se dá “através da maneira pela qual eles imaginam e configuram o ‘self’” (p. 73), que é seu ponto em comum e sua condição. Particularmente, a noção de “*self-repair*” dimensiona o imbricamento destes regimes, ao conectar uma orientação para o futuro que não pode se desprender do passado. A vontade de aperfeiçoamento (voltada para o futuro, conectada ao regime de esperança) ou recuperação de um ‘eu’ perdido (voltada para o passado, ao que já se sabe) ancoram-se na idéia de um “‘self’ fixo”. “Em suma, a composição de regimes de ‘verdade’ e ‘esperança’ constitui e mantém a existência do ‘self’, simultaneamente como verdade última e grande esperança” (Moreira & Palladino, 2005, p. 74).

Em uma sociedade que usa como bandeiras a autonomia e a liberdade do indivíduo, conceitos que, aliás, pautam os paradigmas mais ‘divulgados’ da bioética (que acompanha, não necessariamente como balizadora, o desenvolvimento da biotecnologia), o dispositivo biotecnológico desloca, mas não elimina um modo de subjetivação ‘eu-centrado’, que situa no indivíduo tanto as causas como as soluções dos problemas contemporâneos. Podemos, assim, incluir um quinto foco de intervenção biotecnológica voltada à busca da felicidade àqueles apontados pelo relatório *Beyond Therapy*, que também articulando regimes de esperança e verdade, almeja a ‘correção’ ou ‘eliminação’ de problemas sociais, ou se poderia dizer numa linguagem mais ‘otimista’, o ‘melhoramento da (qualidade de vida da) sociedade’. Não apenas a vida na sua dimensão biológica está no alvo do dispositivo biotecnológico, mas o viver e os modos de vida de indivíduos ou de ‘agrupamentos’ de indivíduos. O sonho e certa promessa de uma sociedade perfeita, onde não falem alimentos, onde o meio ambiente não seja ameaçado, onde não haja adoecimento, criminalidade, violência..., contrapostos à exacerbação da ‘crise’ que permeia todas estas dimensões na atualidade, essas tecnologias são ‘combustíveis biotecnológicos’ potentes na constituição deste novo dispositivo político. No entanto, o DNA, o neurotransmissor, a molécula, o

cérebro e assim por diante, ainda são parte de, ou ‘pertencem’ a *indivíduos* e, por isso, se ‘pode’ mapear o ‘*cérebro de jovens homicidas*’, pesquisar ‘mentes criminosas’, afirmar que a “*índole violenta é uma doença mental*”⁵⁹ e perguntar à ciência, para fins de ‘elaboração de políticas públicas’ que assegurem a felicidade de certos agrupamentos de indivíduos: “*Será que os atos de extrema violência e barbárie são cometidas por mentes que nascem doentias? Ou não: são as mentes que adoecem com os traumas da vida, com a violência em casa, na rua?*”⁶⁰ (negrito meu). Como se vê, o bioterrorismo pode tomar as mais diferentes formas.

Ao passo que na primeira parte do século XX aprendemos a nos relacionar com nós mesmos em termos de uma interioridade psicológica, relação manifesta pela grande disseminação da linguagem e tecnologias psi; a segunda metade do século XX trouxe, juntamente com as tecnologias biológicas, uma mudança nesta concepção de ser humano e nestas formas de relação. O ‘eu’ não deixa de existir, mas já não se constitui ou caracteriza necessariamente em termos de ‘*psyche*’, diante do que cabe perguntar que deslocamentos e rupturas a noção de ‘eu’ produzida a partir das novas biotecnologias provoca nas disciplinas psi ou qual o efeito do toque biotecnológico para a psicologia?

⁵⁹ Folha Online de 26 de novembro de 2007: “*Para grupo de pesquisa, índole violenta é doença mental*”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u348632.shtml>>.

⁶⁰ Reportagem: “*Cientistas querem pesquisar mentes criminosas*”. Programa Fantástico de 27 de janeiro de 2008. Disponível em: <<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM782124-7823-CIENTISTAS+QUEREM+PESQUISAR+MENTES+CRIMINOSAS,00.html>>. No mesmo programa, em meio à miscelânea de assuntos abordados, uma reportagem sobre Israel e seus avanços no desenvolvimento de alta tecnologia para utilização em segurança pública – “*Israel aprimora a ciência da segurança pública*”; outra sobre o embate do tráfico com a polícia na favela do Alemão no Rio de Janeiro – “*Uma guerra anunciada*”; outra sobre o “assassino silencioso” – “*Aneurisma cerebral, uma ameaça invisível*”; sem esquecer do mosquito geneticamente modificado que promete combater a dengue “*Vem aí o mosquito programado para morrer*”.

“NÃO É MAIS FICÇÃO”⁶¹

Ridicularizou-se bastante a corcova dos matemáticos, mas, nestes últimos tempos, já não se pensa em rir dos cromossomos dos "superdotados" ou da hereditariedade genética do quociente intelectual porque, mesmo que as pessoas só tenham um quociente intelectual médio, elas conseguem perfeitamente entrever as conseqüências possíveis disto no campo das condições sociais (Canguilhem, 1990, s/p).

Esta não é a primeira vez que se vivencia uma crise em relação à concepção de sujeito psicológico encerrado *dentro* do indivíduo como foi construído pela psicologia do século XX. As chamadas perspectivas pós-modernas já colocaram em questão a unidade desse sujeito. Deslocada a estabilidade do mesmo, passou-se a pensar em termos de multiplicidade, plasticidade, transitoriedade e mobilidade dos modos de ser sujeito. Da mesma forma, as produções que têm inspiração foucaultiana colocaram a ênfase nos modos de subjetivação, recusando a idéia de uma forma dada, acabada e essencialista do sujeito. A idéia de profundidade psicológica é contraposta por perspectivas que concebem o ‘eu’ como feito de processos de subjetivação, engendrados por uma rede de relações envolvendo práticas, objetos e discursos, produtoras de seres em contínua

⁶¹ Revista Veja, 17 de setembro de 2006: “O neurocientista diz que os riscos dos avanços do mapeamento cerebral podem ser grande ameaça à privacidade das pessoas. Está em curso uma revolução silenciosa da qual poucos se deram conta. As chamadas neurotecnologias, que são as técnicas de mapeamento cerebral, de desenvolvimento de drogas ou implantação de chips que alteram o comportamento humano, sempre estiveram restritas à medicina para o tratamento e a prevenção de doenças. No entanto, elas passaram a ser usadas no cotidiano das pessoas sem que exista um questionamento ético sobre o assunto. Empresas testam o gosto de um refrigerante com base nas reações de prazer no cérebro de um indivíduo. Estúdios cinematográficos monitoram o cérebro humano para saber quais cenas de um filme são mais excitantes e merecem fazer parte do trailer. Nos tribunais, o uso da neuroimagem como detector de mentiras é tido como uma grande promessa. Contudo, não há regras nem limites éticos para lidar com o assunto. É o que alerta o cientista Roberto Lent.(...) Após participar de uma conferência internacional sobre neurociências e sociedade contemporânea, no Rio, ele deu a seguinte entrevista a VEJA. (...) ‘As pessoas tendem a imaginar que as descobertas feitas com base nas técnicas de mapeamento e registro cerebral são coisa de ficção científica. Eram, mas não são mais (...)... a neuroética é tão ou mais vital porque envolve a mente humana. (...) Ao lidarmos com o cérebro, estamos falando daquilo que é mais humano e individual nas pessoas. Envolve um profundo debate filosófico e existencial. Se sou alérgico e meu filho herda isso, é bom saber antes para que possa tomar minhas providências. Mas, se descobro que meu filho tem propensão fortíssima a se tornar um assassino, isso traz questões éticas muito mais graves. Nós, cientistas, temos o dever de investigar a natureza e informar ao público o que está sendo descoberto, mas é a sociedade que deve discutir os limites éticos da questão. (...) Não há problema ético quando se desenvolve uma técnica para tratar uma doença neurológica ou psiquiátrica. O problema ético surge com a possibilidade de utilizá-la para aprimorar o que é normal, uniformizar o que é diverso, enfim, mudar a natureza humana. (...) A questão principal no fundo é definir se o cérebro é causa ou conseqüência das propriedades da mente humana...’ ” A matéria completa está disponível em: <<http://veja.abril.com.br/270906/entrevista.html>>.

metamorfose. No entanto, isso nem de longe significou uma ‘substituição’ ou ‘superação’ das primeiras formas de relação com o ‘eu’. A psicologia, que insiste em se definir como plural, nos oferece ainda hoje diferentes versões e construções sobre o sujeito psicológico. A força e legitimidade de cada uma destas diferentes possibilidades de compreensão do ‘eu’ não podem ser reduzidas a uma suposta consistência científica que cada uma delas possa oferecer, de forma mais ou menos privilegiada que as outras. Na sua proposição ou sua ‘adesão’, seja nos espaços acadêmicos, seja na vida cotidiana, convergem não apenas interesses científicos, mas políticos, éticos, econômicos.

Embora a aproximação da psicologia da biologia não seja um fenômeno recente, estando na verdade amarrada à constituição da mesma como disciplina científica (Canguilhem, 1973; Foucault, 1999a), há hoje em dia, uma nova composição desta aproximação dada, entre outras questões, pelas possibilidades criadas pelos avanços do campo biotecnológico. Mas é importante notar, que o biológico hoje não corresponde àquele das primeiras formulações com as quais operava a psicologia fisiológica. As possibilidades de produção de conhecimento introduzidas pelas biotecnologias inauguraram novas formas de pensar e modificaram os objetos dos quais falam. As técnicas e recursos biotecnológicos produzem novos objetos e questões, antes inconcebíveis ou impossíveis de serem formulados, engendrando novas formas de vida, novas formas de compreensão da vida e, portanto, novos modos de existência. No processo de “hominescência” contemporâneo, as máquinas acoplaram de forma inédita teoria e prática e nos mostram que “de transcrição em tradução, de codificação em codificação, uma seqüência de operações acaba por fabricar proteínas e células novas. A teoria constrói a própria coisa” (Serres, 2003, p. 73). É diante destas novas produções que se abre o indefinido daquilo que vamos nos tornando quando a biotecnologia é posta como referência central de nossa constituição na contemporaneidade.

Quaisquer formas de biotecnologias são, desde a perspectiva de onde falo, produtoras de modos de subjetivação na contemporaneidade, convocando, portanto, o campo psi a incluí-las em suas problematizações, teorias e explicações sobre a ‘subjetividade’ ou os processos de subjetivação. No entanto, aquelas que tomam como alvo exatamente aquilo que até então foi o objeto da psicologia, e normalmente vinculam-se ao desenvolvimento das neurociências e psicofármacos, merecem uma atenção especial, já que, parecem estar produzindo um maior

impacto na psicologia como disciplina, seja pelos movimentos de recusa ou pela adesão a estes novos discursos. Uma das razões para essa ‘concentração de atenção’ nestas aplicações biotecnológicas (que na verdade é um dos pontos a ser problematizado na produção psi) é que para muitas das perspectivas correntes da psicologia sugerir que biotecnologias, tais como as aplicadas a não-humanos (modificação genética de sementes, desenvolvimento de biocombustíveis, melhoramento de rebanhos, biotecnologias agrícolas, etc.) possam ter qualquer impacto sobre os saberes e teorias psi, não passariam de mero delírio, na medida em que tais questões em nada se relacionariam com o ‘sujeito psicológico’. Já os desenvolvimentos biotecnológicos ligados às neurociências e psicofármacos, bem como as tecnologias de imagem do cérebro, de forma mais ‘óbvia’, produziram uma nova relação entre ‘mente e cérebro’, que invade de forma mais ‘arbitrária’ o corpo teórico-prático da psicologia e *assujeita* o ‘eu psicológico’ ao toque biotecnológico. Isso não significa que as formas anteriores de relação com o ‘eu’ engendradas pela rede de discursos psi que se consolidou ao longo do século XX deixaram de existir (seja nos discursos acadêmicos ou não), mas, cada vez mais, o ser psicológico vem cedendo lugar à idéia de ‘*eus*’ *biotecnológicos*, evidente nas práticas cotidianas de decodificação de humores, emoções, desejos, comportamentos e assim por diante, em termos de alterações na química cerebral.

Subscrever esta opinião sem restrições pode ser um pouco precipitado, no entanto, é inegável o impacto que as possibilidades dadas por esse modo de compreensão dos sujeitos têm produzido no campo psi. Para colocar a questão de maneira simples há extremos que por um lado manifestam resistência a estas aproximações, que as tomam como uma ameaça, tal como expressa Ribeiro (2003), de que ocorra a “hiperbiologização do homem, que é o que ameaça as pesquisas da antropologia e da psicologia, passíveis de serem descartadas em favor das da biologia. O *bíos* anexaria a psique” (p. 33) e este processo estaria sendo impulsionado entre outras questões, pelos altos investimentos feitos na pesquisa no campo biológico, se comparado às ciências humanas e sociais, bem como certa submissão destas últimas às primeiras⁶².

⁶² Folha Online, 26 de novembro de 2007: “**Lula diz que investir em ciência e tecnologia dá retorno.** O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou nesta segunda-feira, durante o programa de rádio ‘Café com o Presidente’, que investir em ciência e tecnologia dá retorno. ‘Quando se fala de ciência, tecnologia e inovação, nós precisamos ver isso como investimento que vai trazer retorno, não apenas na produção de novos cientistas, mas vai trazer retorno do ponto de vista de melhorar a vida do povo brasileiro, melhorar a indústria brasileira, melhorar a qualidade do nosso

Por outro lado, há aqueles que não hesitam em propor uma psicologia cada vez mais encarnada no aparato biotecnológico:

Esta convergência de conhecimento, que vai desde a neurobiologia molecular até a psicologia cognitiva, vem proporcionando a utilização sistemática do método científico para a compreensão da atividade mental humana. Mais importante é o grande interesse e a motivação frente a possibilidade do descobrimento dos mistérios da última fronteira do conhecimento humano. É a mente descobrindo os mistérios da própria mente (Landeira-Fernandez & Cruz, 1998a, s/p).

Neste campo de disputas de saberes, se estabelece uma queda de braços entre uma psicologia subjetivista – acusada de não fornecer evidências – e uma ciência objetivista – pautada na evidência, que reduz tudo ao nível do que pode ser empiricamente verificado e mensurado. Parece que, mais uma vez, o fragmentado e diverso campo da psicologia depara-se com uma demanda para comprovar sua cientificidade (como nos contam as versões oficiais da história da psicologia) e frente a isto, a gama de conceitos, ferramentas, novos objetos e explicações oferecidos pelo campo das neurociências, se oferecem de forma extremamente atrativa. O que há que se considerar é que os desdobramentos desta aliança, que implicam em uma nova postura ontológica e epistemológica, podem apresentar-se de forma múltipla, seja no que concerne à busca de maior legitimidade e/ou independência. Não há garantias de que esta nova configuração opere ‘do lado’ da psicologia, ou a faça subsumir a esta nova ordem de saberes biotecnológicos. Isso porque a ‘visibilidade’, a ‘materialidade’ dos fenômenos psi prometidas por estes

produto. Portanto, fazer com que o Brasil se torne mais senhor da situação em ciência, tecnologia e inovação.’ Lula afirmou que o Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional, também conhecido como ‘PAC da Ciência’, lançado no último dia 20, é um programa do Estado brasileiro. O plano prevê investimentos de cerca de R\$ 41 bilhões em pesquisa e capacitação científica até 2010. ‘O Brasil nunca teve um plano do Estado brasileiro. Agora, nós poderemos dizer em qualquer parte do mundo que o Brasil tem um programa de ciência e tecnologia pronto, acordado com todo o segmento da sociedade, com pesquisadores, com empresários, com professores. Conseguimos juntar todos os ministros que tinham alguma coisa de ciência e tecnologia, empresas públicas brasileiras. Ou seja, porque antes era assim, a Petrobras tinha o seu, o Ministério da Educação tinha o seu, o Ministério da Saúde tinha o seu, agora, nós juntamos tudo num programa do Estado brasileiro.’ O presidente ainda destacou as prioridades do programa. ‘Esse programa tem quatro prioridades. Primeiro, expansão e consolidação do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Segunda prioridade: promoção da inovação tecnológica nas empresas. Terceira prioridade: pesquisa, desenvolvimento e inovação em áreas estratégicas, como tecnologia da informação, biocombustíveis, agronegócio, insumos para a saúde e energia nuclear. E a quarta prioridade: ciência, tecnologia e inovação para o desenvolvimento social.’” Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u348596.shtml>>.

recursos, podem impulsionar e fortalecer discursos biológicos; mas deve-se também pontuar que, paradoxalmente, muito do poder da psicologia se sustentou e se sustenta ainda exatamente na ‘irrefutabilidade’ e ‘arbitrariedade’ do psíquico como algo que não é diretamente ‘observável’, ‘mensurável’, ou ‘palpável’, portanto ‘contestável’, a não ser pela interpretação treinada dos próprios especialistas psi.

Certamente são múltiplas as possibilidades de movimentação da psicologia na ‘era biotecnológica’ e restritas minhas possibilidades nessa curta viagem pelo reino da biotecnologia, de dar conta de todas essas. Assim, diante do que posso alcançar com este trabalho, discuto algumas questões concernentes à constituição da psicologia como prática de governo no século XX para em seguida refletir sobre as perspectivas psi na ‘era biotecnológica’, privilegiando aquelas teorias e práticas que passam a construir alianças com o conhecimento produzido a partir da biotecnologia.

“Estimulador de memória”⁶³: o que a psicologia tem a ver com governo?

Disciplinar homens e mobilizar coisas, mobilizar coisas disciplinando homens; eis uma nova maneira de convencer, às vezes chamada de pesquisa científica (Latour, 2001, p. 114).

“O século XX foi certamente o século da psicologia – será o mesmo no século XXI?” Com essa pergunta Nikolas Rose iniciou sua aula em 05 de fevereiro de 2007 na *London School of Economics and Political Sciences* (LSE – Londres). A partir deste questionamento retomo algumas considerações sobre a história da psicologia, situando-a como uma prática de governo que integra duas modalidades de poder: a disciplina que se dirige ao corpo individual; e a

⁶³ Agência FAPESP, “Divulgando a Cultura Científica”, 06 de novembro de 2006: “Muito já se falou que o sono ajudaria o cérebro no processo de consolidação de memórias, de modo que certas tarefas aprendidas pouco antes de dormir são melhor lembradas. Um novo estudo, feito na Alemanha, resolveu investigar essa questão. Jan Born e colegas do Departamento de Neuroendocrinologia da Universidade de Lübeck aplicaram pequenas correntes elétricas no cérebro de voluntários enquanto esses dormiam e não estavam na fase de movimentos oculares rápidos. O resultado foi surpreendente, com um ganho de, em média, 8% em teste feito pelos pesquisadores, que envolveram a memorização de palavras e seus significados. (...)A aplicação das pequenas correntes elétricas “durante a fase inicial e sem movimentos oculares rápidos, ou seja, período de sono de ondas lentas, aumenta a retenção de memórias declarativas em humanos saudáveis”, escreveram os autores no artigo. (...) O artigo *Boosting slow oscillations during sleep potentiates memory*, de Lisa Marshall, Halla Helgadóttir, Mathias Mölle e Jan Born, pode ser lido por assinantes da *Nature* em www.nature.com.” A matéria completa está disponível em: <http://www.agencia.fapesp.br/boletim_dentro.php?id=6303>.

biopolítica, que constitui “... um novo corpo: corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável. É a noção de ‘população’” (Foucault, 1999b, p. 292). Esta segunda modalidade estará relacionada com a intervenção nos modos de viver, a partir de mecanismos mais globais, de abrangência não sobre o individual, mas sobre o coletivo. “A biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder...” (p. 293). O governo é o efeito que resulta da relação destas modalidades de poder: o poder disciplinar opera com a marca de uma vigilância sobre o corpo; o biopolítico ou “bio-sociológico”, como uma verdade que garante a vida, enquanto regulamentação e prescrição de modos de vida que de uma perspectiva foucaultiana, interessa analisar.

Para dizer as coisas claramente: meu problema é saber como os homens se governam (eles próprios e aos outros) através da produção de verdade (eu o repito, ainda, por produção de verdade: não entendo a produção de enunciados verdadeiros, mas a disposição de domínios em que a prática do verdadeiro e do falso pode ser ao mesmo tempo, regulamentada e pertinente) (Foucault, 2006b, p. 343).

Essa é a conexão que se estabelece com uma das questões centrais discutida por Rose (1996), ao retomar a história da psicologia no século XX, tanto no que concerne a seu estabelecimento como disciplina e seus espaços institucionais, quanto à centralidade da mesma na construção daquilo que nos tornamos, em outras palavras, de como nos constituímos como sujeitos psicológicos. Indicando para o impacto social da psicologia no século XX, evidencia sua aplicação desde a esfera do estabelecimento de doenças e tratamentos, da normalidade e anormalidade, da criação de técnica da regulação, normalização, correção e reforma, da educação de crianças, na produção de estratégias de desenvolvimento de mercado e consumo, no gerenciamento do comportamento humano nos espaços de trabalho e militares.

Esta intensa popularização da psicologia no século XX pode também ser analisada pela ampla utilização de todo um vocabulário e rede conceitual da psicologia na vida cotidiana, de modo que não apenas as nossas idéias e modos de explicação tornaram estritamente conectados ao campo psi, mas também o próprio

modo como reconhecemos nossa 'identidade', aquilo que somos e como compreendemos nossas experiências. Os seres humanos passaram a se reconhecer e se constituir em termos psicológicos, de sua existência psicológica por onde se poderiam descrever e individualizar. E, para além da questão da individualização e da produção de um indivíduo psicológico, o século XX também evidencia o que Rose chama de "psicologização da vida coletiva", testemunhadas pela criação de idéias como a de grupo, atitude, relações interpessoais, opinião pública e assim por diante.

O que nos é apresentado por Rose (1996), em síntese, é uma leitura das práticas pelas quais foram se constituindo no mundo ocidental, certos regimes de relação do 'eu' consigo mesmo em termos de indivíduo psicológico, ao mesmo tempo em que produziram estratégias de governos destes 'eus', sendo a psicologia, uma destas formas de falar sobre este 'eu', sobre os seres humanos, seus desejos e comportamentos.

A produção dos "efeitos de verdade" psicológicos é intrinsicamente amarrada aos processos pelos quais uma variedade de domínios, lugares, problemas, práticas e atividades "tornam-se psicológicos". Eles "tornam-se psicológicos" no que são *problematizados* – ou seja, apresentaram-se simultaneamente problemáticos e inteligíveis – em termos do que é incorporado pela psicologia (Rose, 1991, s/p).

Essa capacidade de dispersão e capilarização nos mais diversos domínios é o que deu poder à psicologia, mesmo diante das constantes acusações de fragilidade epistemológica ou de falta de unidade. Sua abrangência incluiu projetos institucionais, tais como reforma, punição, gerenciamento, pedagogia, terapia... produzindo uma "forma de ação sobre o mundo", dos quais Rose (1991) destaca três aspectos, que ele chama de três dimensões das relações entre psicologia, poder e subjetividade: "primeiro, uma transformação nas razões e programas de governo; segundo, uma transformação na legitimidade da *autoridade*; e terceiro, uma transformação na *ética*" (Rose, 1991, s/p).

A primeira, o governo, diz respeito à vinculação do conhecimento da subjetividade com as técnicas de governo da conduta. A segunda refere-se à produção de "novas autoridades sociais" responsáveis pelo gerenciamento da subjetividade, bem como à constituição de novos objetos, problemas concernentes

a estas autoridades e à transformação de sistemas de autoridade já existentes. A autoridade relaciona-se, portanto, à regulação da conduta. Por fim, a dimensão ética, corresponde à construção de um projeto do eu, pelos modos de falar de si e de sua própria conduta, de julgar e avaliar sua existência, de dar sentido a si mesmo (Rose, 1991). Envolve ainda técnicas do eu, modelos de auto-reflexão, auto-conhecimento e auto-exame, bem como estratégias de acessar o eu, linguagens para avaliá-lo, diagnosticá-lo e técnicas de cura.

Tendo se dedicado em trabalhos anteriores (ROSE, 1991, 1996) à elaboração de uma análise da produção da psicologia e da constituição dos indivíduos em termos de sujeitos psicológicos, a questão que Rose formula neste momento, sobre as vicissitudes da psicologia no século XXI, redireciona seu foco para movimentos contemporâneos que têm sua interface com as biotecnologias, sempre lembrando que “... as formas de governar os outros estão vinculadas não apenas à subjetivação do governado, mas também à subjetivação daqueles que governam a conduta” (Rose, 2001, p. 46). As transformações ocorridas no campo das ciências e biotecnologias podem estar nos indicando o desaparecimento da ‘obviedade’ das explicações psicológicas, ou mesmo da própria existência do sujeito psicológico como constituído no século anterior. Mas, além disso, produzem questionamentos aos profissionais e às práticas psi sobre se ainda existe algo de significativo na psicologia como ciência social e política e por quais meios ela tem se reafirmado como tal, por onde sigo nessa parte da viagem.

“O equilíbrio do cérebro”⁶⁴: alianças ‘psico-biotecnológicas’

⁶⁴ Revista Veja, 01 de dezembro de 2004: “Uma boa notícia para depressivos, ansiosos e fóbicos: amparados em novas descobertas, psiquiatras e psicólogos unem forças para combater os transtornos da mente, superando décadas de divergências.(...) Depois da "era Prozac"... vive-se uma época mais realista em que profissionais de diversas especialidades, em vez de concorrer pelo monopólio do tratamento, combinam suas forças contra a doença. Os fatos mais marcantes são: Psiquiatras e psicólogos, que nutriram uma encarniçada rivalidade ao longo do século XX, hoje acham que as melhores terapêuticas são aquelas que combinam remédios e psicoterapias.(...) A "medicina da alma" passou a contar, também, com o auxílio de outras áreas. Ao longo dos anos 90,... "a década do cérebro", cientistas de várias especialidades estudaram a mente humana numa intensidade inédita. Neurologistas esquadriharam o cérebro usando as mais modernas técnicas de ressonância magnética, geneticistas mapearam a transmissão dos transtornos mentais por meio do DNA e biólogos detalharam a química dos neurônios. (...) Por mais que a farmacologia tenha se beneficiado de novas descobertas, a criação de medicamentos que curem definitivamente todos os sofrimentos da mente sem a ajuda de terapias é considerada hoje um horizonte distante.(...) A integração entre psicologia e psiquiatria sempre enfrentou obstáculos. As diversas correntes de ambas as especialidades falavam línguas diferentes e babelianamente nada se construía. O idioma que permitiu que todos se comunicassem foi o DSM, sigla de *Diagnostic and Statistical Manual* (Manual de Diagnóstico e Estatística)... (...) A grande mudança se deve ao fato de que, com o DSM, os psiquiatras e a maior parte dos psicólogos passaram a trabalhar com o conceito de diagnóstico – com a idéia de que os diversos distúrbios mentais poderiam ser isolados e tratados.

É preciso estar distraído e não esperando absolutamente nada. Não há nada a ser esperado. Nem desesperado (Abreu, 2005, s/p).

Isso que eu estou tratando como unidade institucional da psicologia se fragmenta não apenas pela sua diversidade teórica e conceitual, mas também quando se coloca em questão a interface dos saberes psi com o conhecimento produzido a partir da biotecnologia: dos extremos já mencionados, aos ‘meio-termo’ conciliadores, diferentes tribos psi se constituem, recolocando (nas mesmas ou em novas posições) as questões sobre seus sujeitos-objetos-teorias. Dentre as diversas tribos encontraremos posições de rejeição absoluta ao diálogo inter, multi ou transdisciplinar (porque o sujeito psíquico não diz respeito à constituição biotecnológica); posições que dizem que as biotecnologias podem, eventualmente, *interferir* nos processos psíquicos dos sujeitos (assim como outros aspectos do ‘social’ também interferem); aquelas que ‘se contentam’ em preservar alguns nichos estritamente psi (como os que defenderão a irredutibilidade do inconsciente, mas não necessariamente das emoções; ou os que sustentarão que as origens dos fenômenos podem ser biológicas, mas a intervenção pode se dar via recursos da psicologia tais como condicionamentos, treinamentos, etc.); posições que postulam inter-relações bio-psyco como co-determinantes; bem como, posições que não apenas falam de uma relação entre biológico e psicológico, mas militam uma unificação destes termos, sendo o segundo apenas expressão do primeiro...

Certamente um olhar mais detalhado, que considerasse os diversos sistemas psicológicos em suas relações com as biotecnologias, poderia nos levar a uma análise bem mais sofisticada do que a leitura ‘caricatural’ feita aqui. Porém, como esta não é exatamente a questão que me interessa, negligenciarei estas

(...) Nem todas as correntes da psicologia se dispuseram a falar a língua do DSM.(...) As que se adaptaram melhor foram as correntes comportamental e cognitiva... (...) Entre todas as vertentes da psicologia, a que está mais distante da integração com as outras áreas da ciência é justamente a psicanálise. "Nós não somos uma área da medicina, e não trabalhamos com o conceito de diagnóstico como os psiquiatras fazem...", diz o psicanalista Renato Mezan... (...) É fato, no entanto, que existe um declínio do tratamento psicanalítico. (...) Os motivos são fáceis de ser identificados: ela é cara, demorada e não oferece garantia de cura. (...) Freud, não se deve esquecer, era médico. Se pudesse acompanhar o que ocorre atualmente, é provável que aprovasse a parceria cada vez mais estreita entre psiquiatria e psicologia... E certamente ele, que também se esforçou para cancelar o pesado estigma das doenças mentais, ficaria muito satisfeito com o fato de as pessoas hoje se sentirem mais livres para falar desses distúrbios e procurar ajuda.". A matéria completa está disponível em: <http://veja.abril.com.br/011204/p_116.html>.

especificidades. Também não dedicarei atenção às posições do campo psi que se tem enclausurado nas suas fronteiras disciplinares, porque me parece que a constituição de barreiras à penetração das biotecnologias – e de outros inúmeros tipos de conhecimento –, produz apenas recrudescimento de posições que não diferem muito do que historicamente a psicologia tem feito, ao construir e preservar um ‘eu’ somente a ela acessível. Para essas abordagens, os movimentos em direção à biologia, ou mais especificamente da inscrição da ‘subjetividade’ em termos biotecnológicos, representam não menos que uma ameaça de extinção da própria psicologia e todo seu universo psicológico, diante do que muito pouco ainda restaria a dizer sobre ‘perspectivas para a psicologia em tempos de biotecnologia’. Além disso, possivelmente uma análise de tais posicionamentos não conseguiria ultrapassar uma disputa de legitimidade científica, que inevitavelmente esbarraria na limitação dada pelas questões epistemológicas já apontadas neste trabalho, cujo limiar de resolução seria uma ‘questão de fé’: ou se acredita, ou não se acredita.

De outro modo, interessam-me os pontos de penetração e alianças que passam a se constituir entre a psicologia e as biotecnologias, incluindo aqui um compartilhamento epistemológico até então inédito, que transforma objetos e práticas na psicologia, reposicionando-a na rede de conhecimentos sobre os sujeitos. Nestes espaços de articulação, há também disputas de poder, no entanto, afasta-se o fantasma de extermínio da psicologia, e o que se coloca em questão são as novas estratégias de desvendar e governar a ‘subjetividade’: como esta objetivação na materialidade do corpo biomolecular produz redefinições epistemológicas, ontológicas e práticas que convergem para questões ético-políticas.

Afastando-se de especulações ‘subjetivas’, segmentos da psicologia se movimentam em direção ao biológico, de mãos dadas com as biotecnologias, buscando comprovar que, se existe algo como a ‘subjetividade’, esta possui um endereço, ou talvez, não passe de expressão do corpo biomolecular. No artigo “*Plasticidade neural: relações com o comportamento e abordagens experimentais*” (Ferrari, Toyoda & Faleiros, 2001), as autoras, a exemplo de vários outros trabalhos nesta área, estabelecem uma relação direta entre processos comportamentais e plasticidade neural, ou seja, a plasticidade neural, que é determinada pelas relações organismo-ambiente, relaciona-se diretamente à

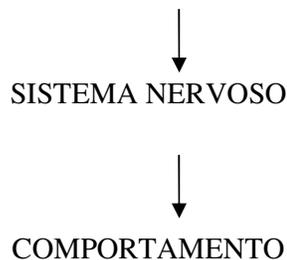
plasticidade comportamental. Localiza-se assim, a origem dos padrões comportamentais em determinadas configurações neurais, resultado de uma história filogenética, ontogenética e cultural, que se inscreveria topograficamente no sistema nervoso. Segundo as autoras,

... a validade do conhecimento científico sobre o comportamento transcende os limites da Psicologia como disciplina científica específica e integra-se a áreas de conhecimento com caráter multidisciplinar. Nesse sentido é que se desenvolveram as disciplinas denominadas Psicofarmacologia, Psicobiologia e Psicofisiologia (Ferrari *et al*, 2001, p. 188).

A neurociência seria, desde esta perspectiva, uma disciplina “integradora de metodologias e conceitos neurofisiológicos, psicológicos, farmacológicos, bioquímicos, anatômicos e genéticos” (p. 188), que compreende que o ambiente determina a atividade das células neurais, que por sua vez determinam o comportamento e permite uma fundamentação conceitual e experimental com bases sólidas.

Essa perspectiva objetiva, localiza e fixa o comportamento em bases metabólicas, neuroquímicas e morfológicas, que para as autoras oferece novas perspectivas em suas aplicações clínicas, especialmente do desenvolvimento e envelhecimento. O ambiente (família, experiências, relações, enfim a biografia de cada um) imprimiria marcas no sistema nervoso, que por sua vez se manifestariam via padrões de comportamento, de modo que mesmo o que pudesse ser pensado como produção cultural, ao final este se reduz ao biológico:

HISTÓRIA FILOGENÉTICA, ONTOGENÉTICA E CULTURAL



Rose (2007) analisa esse processo de biologização que passa a redefinir conceitos e teorias no campo psi: “Mente é simplesmente o que o cérebro faz. E patologia mental é simplesmente a consequência comportamental e identificável, e potencialmente corrigível, erro ou anomalia em alguns dos elementos agora identificados como aspectos do cérebro orgânico” (p. 192). A ‘subjetividade’ aqui, poderia ser definida como a tradução mecânica ou exteriorização de uma determinada configuração de unidades neurais, sujeitas a modificações ambientais e, portanto, passível de alteração, seja esta intencional (treinamentos ou outras formas de intervenção) ou não (como inevitável exposição a um ambiente físico e social). À primeira vista isso poderia parecer um ‘chega pra lá’ na psicologia enquanto ‘gerente’ ou especialista da ‘subjetividade’, pautada nos modelos terapêuticos psicológicos mais tradicionais, cujas intervenções são focadas na dimensão ‘simbólica’ (seja por sugestões, re-significações, desvendamentos de verdades ocultas, produção de novos sentidos, re-organização cognitiva e assim por diante), sem referência à base orgânica do comportamento, pensamentos, emoções, traumas, personalidade, etc. E talvez isso de fato ocorresse, não estivessem estas práticas também tomando parte nos jogos de verdade da ciência contemporânea e aliando-se à biotecnologia para ‘comprovar’ sua eficácia não mais a partir da influência sobre a ‘imaterialidade da alma’, mas pelo registro orgânico que se produz no cérebro pelas ‘mãos’ dos especialistas psi. Fortalece-se o pacto com uma forma de produção de verdade positivista e a intervenção psicológica recebe assim o aval e a ‘assinatura’ biotecnológica: “*Psicoterapia funciona, mostra tomografia*”⁶⁵:

Pesquisa feita por brasileiro mostrou efeitos da terapia diretamente no cérebro. Pacientes que sofreram trauma passaram a ativar menos as áreas ligadas a emoções. A psicoterapia é capaz de aplacar as dores de uma pessoa, porque ao falar sobre seus traumas ela reorganiza seus sentimentos. A afirmação não vem do testemunho de nenhum defensor dos benefícios da psicologia, mas é fruto de observações feitas diretamente no cérebro de indivíduos por meio de tomografia. O trabalho foi feito por um psicólogo brasileiro, em seu doutorado na área de neurociência, e será publicado na revista científica “*Journal of Psychological Medicine*”. (...) Esse conjunto de reações mostra que a

⁶⁵ G1 portal de notícias da Globo, 02 de março de 2007. A matéria completa está disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL8456-5603,00.html>>.

terapia faz com que a pessoa traumatizada controle e diminua a expressão emocional relacionada à memória da dor que sofreu. A chave, segundo Peres, é a narração. (...) Segundo Peres, o trabalho evidencia que a psicoterapia funciona, e aconselha: “mesmo que não se queira fazer, ou não tenha acesso à psicoterapia, a pessoa precisa falar. Pode ser com familiares, com amigos ou com algum religioso de confiança. (...) Ao contar e recontar sua história, buscando um aprendizado, o cérebro reorganiza a memória e os sentimentos relacionados a ela,” diz ele.

Embora especialidades como a neuropsicologia, que se produzem do estreitamento das ligações da psicologia com a biotecnologia, já não causam muita surpresa e, de um modo geral, a questão desta relação não ser anteriormente evidenciada nas práticas terapêuticas não implicava em sua negação, este tem sido um tipo de conexão normalmente atribuído a correntes mais cognitivas e experimentais da psicologia, onde se vê de forma menos conflituosa o ‘manejo’ da ‘subjetividade’ compreendida como *output* cerebral. O efeito do toque biotecnológico, no entanto, ultrapassa essa ‘obviedade’ destas relações de certo modo já naturalizadas. Os ‘novos fatos científicos’, os dados neurobiológicos, as novidades biotecnológicas penetram também em abordagens com fundamentação psicanalítica, talvez até então tidas como as mais resistentes às neurociências. Winograd (2004) elenca várias pesquisas recentes que têm investigado experimentalmente as bases conceituais da teoria freudiana e da psicanálise, buscando uma convergência disciplinar entre a psicanálise e a neurobiologia. A autora sugere a fertilidade deste encontro que se daria em uma via de mão dupla, onde tanto a psicanálise quanto a neurociência formulam-se questões mutuamente:

... se a noção de ciência aparece como a primeira questão que retorna para a psicanálise em seu reencontro com a neurociência, a recíproca é verdadeira. Ou seja, a psicanálise também propõe questões para a neurociência que dizem respeito sobretudo aos sujeitos e às significações que o constituem e que ele produz. Uma de suas formulações poderia ser: que transformações nos processos de subjetivação a neurociência produz ou ajuda a produzir? Em outras palavras, qual a imagem de

pensamento que está sendo proposta e quais as suas implicações éticas?
(p. 31)

As transformações no próprio campo biomolecular como a compreensão de uma maior plasticidade do biológico e a recusa do biológico como destino alavancam os estudos no campo da psicobiologia no sentido de compreender as modificações cerebrais produzidas pelas psicoterapias (Landeira-Fernandez & Cruz, 1998a, 2003). Em qualquer dos casos, não se pode reduzir esta interlocução a um mero interesse no incremento das possibilidades terapêuticas da psicologia visando a diminuição do sofrimento humano. No artigo “*A interpretação psicobiológica da clínica psicológica: Por que a psicoterapia funciona? Por que psicoterapeutas devem ter o direito de prescrever drogas psicotrópicas?*” (Landeira-Fernandez & Cruz, 1998b), o próprio título do trabalho já nos indica por onde transitam estas relações. Coloca-se em questão não apenas a relação de um objeto com um campo epistemológico ou disciplinar, mas o questionamento de fronteiras que delimitam campos de intervenção e exercício profissional. Legitimação e validação científica andam juntas com a economia de mercado que, analisadas desde a perspectiva da psicologia, se apresentam como uma grande oportunidade de abertura à integração de recursos farmacológicos, especialmente psicotrópicos, às suas práticas psicoterápicas. Não surpreendem os calorosos debates que se instauraram no campo político envolvendo psicólogos e outros profissionais da saúde, a partir da proposição do projeto de lei 025/2002 apresentado ao Senado brasileiro, que ficou conhecido como a lei do “Ato Médico”, onde uma das questões mais salientes no debate sobre tal regulamentação, pelo menos por parte dos defensores do mesmo, seria impedir a prática de prescrição de medicamentos por profissionais não médicos.

Essa ‘matéria neural’ da qual a psicologia contemporânea busca aproximar-se é um objeto novo, não só para esta disciplina, mas para a ciência e as pessoas de um modo em geral. Ela é possível de ser fabricada pelas condições dadas pelas biotecnologias e em seu encontro com o campo psi se produzem novas perspectivas de práticas e intervenções sobre a saúde e a ‘subjetividade’ como expressão das estruturas biológicas cerebrais ou de combinações neuroquímicas, que se manifestam pelos comportamentos, emoções, sentimentos, desejos... A psicologia em tempos de biotecnologias passa a redefinir seu objeto, seus

métodos, instrumentos, suas alianças e assim por diante. Neste sentido, Novas e Rose (2000) apontam para um papel chave da psicologia, desempenhado na área do aconselhamento genético, conectado com suas práticas da década de setenta e que de fato permeia várias outras práticas psicológicas em torno das biotecnologias. Eles dizem que a psicologia foi a principal ferramenta para aumentar a efetividade do aconselhamento e instruir os indivíduos a lidar com questões relativas a riscos genéticos. O sujeito desses processos foi e é cada vez mais tratado com “um indivíduo autônomo fazendo escolhas informadas e responsáveis num processo de auto-atualização”, frente “à gama de novas escolhas que os desenvolvimentos na biomedicina colocaram diante deles” (p. 494).

A psicologia também atuou na criação de novos estilos de vida e tentativas de modificação de comportamento, forjando um modo de ser sujeito que deve fazer escolhas e dirigir suas decisões. Situando a genética entre um extenso leque de práticas que engendram a “somatização da individualidade”, Novas e Rose (2000) afirmam que a dimensão psicológica do ser humano está “perdendo sua profundidade”, “tornando-se plana e mapeada no espaço corporal do cérebro”, (p. 508), através das novas tecnologias que permitem observações diretas e empíricas da fisiologia e sua relação com a ética e tudo o que constitui o humano. Nesta configuração, os especialistas psi “têm uma nova vocação: gerir os modos pelos quais o indivíduo somático conduz a si mesmo na relação com seus riscos e hábitos particulares” (p. 508), bem como ajudar os ‘pacientes’ a ‘adequarem-se’ a limitações que não podem ser superadas pelas promissoras intervenções. Mas seria esta realmente uma *nova vocação*?

Podemos pensar sobre isso a partir da análise de Lupton (1995) sobre o impacto dos discursos biomédicos e suas práticas no disciplinamento das subjetividades. Tais discursos são tomados pela autora como uma modalidade de exercício de poder que transforma os modos como vivemos e cuidamos de nossos corpos, especialmente no que concerne ao cuidado com a saúde. Quando se trata de saúde – e vale lembrar que a saúde está no centro da grande parte dos discursos biotecnológicos – os indivíduos são largamente auto-policidados, o que dispensa o uso da força, ou de penas como encarceramento ou multas em caso de não conformidade. Ainda assim, assinala a autora, existem punições que operam através de mecanismos de auto-vigilância, tais como sentimentos de culpa e

ansiedade, produzidos numa rede que inclui conselhos de pessoas próximas e, cada vez mais, informações de *experts* veiculada na mídia, em relação a como manter a saúde, evitar o adoecimento e de um modo geral, em relação a como viver melhor. Contudo, a característica mais importante destes mecanismos não é o modo como estes limitam a liberdade dos indivíduos, mas de como eles “convidam indivíduos a conformar-se aos seus objetivos voluntariamente, a disciplinar-se, a voltar o olhar sobre eles mesmos em interesse de sua saúde” (Lupton, 1995, p. 11), articulando discursos voltados a construir e normalizar certo tipo de sujeito (autônomo, auto-aperfeiçoado, auto-regulado, desejoso de auto-conhecimento, que busca a felicidade, a saúde o bem-estar), cujo aparato é fortemente conectado com o desenvolvimento do estado liberal, enfatizando valores como a liberdade e direitos individuais. Aqui se apresenta um elo forte que une questões emergentes a partir das biotecnologias, com práticas já bastante familiares à psicologia: quando se dimensionam estas questões em termos de população, o conceito de governamentalidade torna-se central. Colocando juntas as noções de auto-governo e de governo exterior, a análise da expansão da biotecnologia no contemporâneo indica como esta vem exercendo atividades regulatórias, normalizadoras e ampliando sua penetração nas mais variadas esferas da vida e da sociedade.

A ‘adequação’, palavra familiar à psicologia, figura com destaque no cardápio de atividades psi junto às biotecnologias, como mostra a matéria “*Entenda a esclerose múltipla*”, publicada na Folha Online de 27 de abril de 2003. Após apresentar uma definição, as causas, fatores de suscetibilidade, forma de diagnóstico, sintomas da doença, elenca o tratamento “multidisciplinar” por especialidades e competências:

Fisioterapia e hidroterapia: orienta os melhores exercícios para cada caso; **Psicologia**: *ajuda o paciente a se adequar aos limites impostos pela doença*; **Neuropsicologia**: *estimula a parte de cognição e memória*; **Fonoaudiologia**: para pacientes com dificuldades de fala e deglutição; **Medicação**: cortisona (para fases de surto) e interferons e acetato de glatirâmer (para prevenção de novas crises).⁶⁶ (negrito e itálico meu).

⁶⁶ A matéria completa está disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u2323.shtml>.

A questão sobre como as transformações no campo das biotecnologias – especialmente relacionadas à pesquisa genética – conectadas ao capitalismo contemporâneo, afetam os modos pelos quais nos tornamos sujeitos que devem se responsabilizar e decidir sobre sua saúde, também é analisada por Novas e Rose (2000), Pimentel (2006) e Pimentel e Bruno (2006b). Esse processo é simultâneo ao desenvolvimento de uma psicologia pragmática, cujas intervenções vão transitar da busca por resoluções rápidas de conflitos, ao suporte das escolhas, da autonomia e da ansiedade dos pacientes frente às intervenções biotecnológicas ou possíveis patologias. Isso indicaria, de acordo com Pimentel (2006), que apesar da colonização da vida pelo tecnológico, há algo da subjetividade que ainda resiste e faz pensar, apontando para a questão do sujeito.

Entre o corpo visível, a comunicação e a recepção de dados diagnósticos, abre-se um espaço de indeterminação e de dúvida, onde o sujeito pode emergir. Longe da vida se tornar uma instância totalmente subjugada pela tecnologia, ela se torna problema a ser decidido e definido em redes simultaneamente sociais e tecnológicas, nas quais se imbricam pacientes, familiares, médicos, geneticistas, empresas biotecnológicas e farmacêuticas, e que remodelam o estatuto do biológico (p. 181).

No entanto, do mesmo modo em que nas práticas de aconselhamento genético já referidas, a psicologia na interface com as biotecnologias, muito frequentemente, tem se colocado à disposição como um ‘aparato técnico’ voltado a maximizar a eficácia de procedimentos, como cirurgias bariátricas, cirurgias de mudança de sexo, cirurgias plásticas, tratamentos psiquiátricos, entre outros, procedendo a avaliação de quem está apto para determinadas intervenções, e/ou trabalhando no estabelecimento de dispositivos pedagógicos de monitoramento do eu, tais como diários detalhados do comportamento, sentimentos e administração dos medicamentos pelos pacientes. Nessas práticas, a questão sobre como se entende a subjetividade ou se ela se trata de um domínio de intervenção psicológica (ainda que não necessariamente exclusivo desta), é de certa forma ‘dispensável’. Na posição de coadjuvante e instrumento para o ‘sucesso’ da aplicação das biotecnologias, o objeto da psicologia pode se reduzir a um corpo molecular a ser disciplinado: o corpo obeso, o corpo infeliz, o corpo impotente, o corpo velho, o corpo inadaptado... Se no corpo está a origem e a causa do

sofrimento, no corpo se dará a intervenção, cujo sucesso depende da soma de operações de disciplina e controle. A psicologia garante sua *expertise* e não deixa de tomar parte nos mecanismos de biopoder da atualidade: “... o saber psicológico toma o cuidado de si como um dispositivo privilegiado de normalização e de adaptação cujo mecanismo marca os jogos de poder da sociedade contemporânea” (Nardi & Silva, 2005, p. 98). Mas, o ‘si’ que está em questão hoje desafia a psicologia e a interroga em seus constructos teóricos, em suas práticas e posicionamentos políticos e éticos.

Um dos pontos de destaque no trabalho de Rose (1996) sobre a psicologia no século XX, está justamente em assinalar a reciprocidade entre os modos como compreendemos a nós mesmo conceitualmente, os modos como gerenciamos nossos ‘eus’ em termos práticos e ao mesmo tempo nos constituímos como seres éticos, que é indissociável de um sistema de governo. O que impulsionou a psicologia para que se constituísse com tal força durante o século XX foi o investimento no controle e gerenciamento da ‘natureza’ humana, da dimensão irracional e perigosa da mente, da ação imprevisível, emocional, e dos ‘instintos’ primitivos que poderiam infectar a sociedade e as instituições sociais a ponto de fazer toda a sociedade adoecer⁶⁷.

Diante destas considerações se pode sugerir que talvez muito mais do que uma nova vocação, a psicologia esteja trabalhando junto com vários outros elementos da rede sociotécnica contemporânea na fabricação de um novo sujeito, ou melhor, de novos modos de ser sujeito, os quais a psicologia continua tentando ‘administrar’, em grande parte, pelas velhas estratégias produzidas ao longo do século XX, adicionando a estas um ‘selo de certificação biotecnológico’. Porém, em muitos casos, especialmente nestes em que a psicologia se coloca como coadjuvante instrumental de práticas biomédicas para garantir a conquista de ‘novos espaços de atuação profissional num mercado emergente’, ela nem sempre se presta a problematizar as bases epistemológicas, ontológicas e éticas pelas quais é ainda questionada e até mesmo desqualificada, por críticas que emergem

⁶⁷ O documentário *The Century of the Self*, de Adam Curtis exibido pela rede de televisão inglesa BBC (2002), é um belo trabalho que aborda o desenvolvimento da psicanálise e da psicologia como ciência e aponta, a partir de uma leitura histórica, para o modo como, entre outras coisas, o gerenciamento do ‘psicológico’ foi impulsionado ao mesmo tempo pelo investimento em um determinado projeto de democracia e pelo desenvolvimento do mercado capitalista, que definitivamente implicou em novas formas de ser.

do campo psicológico, científico, filosófico e não raramente, do chamado 'senso comum'.

“CIENTISTAS IDENTIFICAM PARTE DO CÉREBRO QUE DECIDE O QUE VALE A PENA LEMBRAR”⁶⁸: REGISTROS DA VIAGEM

O saber consiste não mais no lembrar-se, mas em objetivar a memória, em depositá-la nos objetos, em fazê-la deslizar do corpo para os artefatos, deixando a cabeça livre para mil descobertas (Serres, 2003, p. 202).

Há vários modos de se fazer e registrar uma viagem. Pode também haver vários modos de se fazer pesquisa. Pode-se planejar uma viagem estabelecendo com precisão e rigidez cada movimento: os lugares a serem visitados, os monumentos a serem fotografados, os horários de chegar e partir, os caminhos por onde passar... Precisão e rigidez também podem marcar modos de se pesquisar: constróem-se as hipóteses e objetivos, depois se planejam os passos, se estabelecem os métodos, os instrumentos, as teorias... Uma viagem pode ser aborrecimento ou mero passatempo, pode restringir-se a caminhos conhecidos e seguros, já mapeados e percorridos por outros viajantes, que nos garantem a chegada ao destino esperado e o encontro com a paisagem da fotografia publicada na revista de turismo ou no cartão-postal para comparar e comprovar sua autenticidade. Há pesquisas que são feitas assim, como mero passatempo de andar por caminhos já trilhados para que, chegando-se a um destino pré-estabelecido, se possa contar que se viu pessoalmente a imagem retratada nas revistas científicas (ou para descobrir o péssimo ângulo das mesmas).

Uma viagem pode ser mais ou menos planejada. Pode-se sair sem rumo e sem um porquê, sem saber com que transporte se seguirá e onde se quer chegar. Uma pesquisa dificilmente se faz assim. Mas dependendo do estilo (mais ou menos aventureiro) e dos objetivos de quem se lança em uma viagem ou em uma

⁶⁸ Folha Online, 09 de dezembro de 2007: “Cientistas da Suécia identificaram os gânglios basais como a parte do cérebro que decide o que vale a pena lembrar e o que não, para assim desocupar a memória temporária e fazer com que esta funcione de maneira mais rápida e eficaz. (...) O estudo, que pode ajudar a compreender melhor o processo de memória dos humanos, apóia-se em uma pesquisa de cientistas americanos publicada em junho que afirmava que esquecer a informação menos importante faz com que seja mais simples lembrar a mais relevante (...)” “Em nossa pesquisa, mostramos que a atividade do córtex pré-frontal e dos gânglios basais precede o filtro de informação irrelevante e que essa atividade indica até que ponto se armazena somente a informação relevante”, acrescentam...”. A matéria completa está disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u353266.shtml>>.

pesquisa, elas podem contemplar ao mesmo tempo planejamento e abertura. Podem-se definir os instrumentos de orientação, orçamentos, meios de transporte, certa delimitação de até onde seguir na exploração e busca por conhecer novos territórios, certa idéia do que se quer ver... A disposição de não se limitar ao programa pode implicar contratempos, gastos extras, tempo extra e inclusive a decepção de que ao final, aquilo que se buscava encontrar não se apresenta. Porém é exatamente na exploração do imprevisto que há criação.

Talvez nada sintetize melhor a trajetória de pesquisa percorrida durante meu doutorado que a metáfora de uma viagem exploratória, planejada, porém aberta a mudanças que se configuraram por obstáculos, pela decepção com as paisagens percorridas e porque outros caminhos acenavam com a possibilidade de se ver algo mais interessante do que aquilo a que me propus ao dar início à jornada. A preparação para essa viagem foi explorada no início desse trabalho, quando transitei pela caixa-preta da pesquisa. Além de sondar informações sobre o ‘clima’ e a ‘geografia’ dos lugares pelos quais teria que circular, foi fundamental a definição de meus instrumentos de orientação, que me permitiram transitar pela pesquisa como quem explora caminhos que não foram previamente mapeados. As ferramentas dadas por Foucault e Latour foram exatamente estes instrumentos, que combinados, me instigaram a seguir por rumos diferentes dos quais inicialmente me propus e, principalmente, a explorar roteiros que não faziam parte dos limites propostos pelos modelos científicos predominantes nos espaços acadêmicos.

Chegando ao final dessa viagem, o ‘fechamento’ de seu ‘relatório’, a exemplo da ‘introdução’, também apresenta uma particularidade se comparado às ‘conclusões’ ou ‘considerações finais’ das estruturas tradicionais dos trabalhos científicos. Primeiro, porque não há nenhuma grande descoberta ou conclusão a ser comunicada. Segundo, porque o modo como esta viagem foi realizada não guardou o último momento para desvelar o ‘monumento mais importante’. Ao tomar a pesquisa como processo aberto se torna difícil a reconstituição linear da trajetória do pensamento, pois assim como as questões de pesquisa apresentadas, não foram o ponto de partida, mas construção contínua a partir da experiência da pesquisa, não há um ponto de destino privilegiado a ser atingido na conclusão. Os principais ‘*insights*’ desse estudo foram as próprias problematizações que estão dispersas ao longo do mesmo, eles não são respostas conclusivas às questões

levantadas, mas aquilo que se produziu ao tentar ‘cercar’ as questões que emergiram durante o processo de pesquisa⁶⁹.

Diante disso, resta para este momento a retomada da bifurcação feita no início da tese, para sintetizar alguns pontos sobre como Foucault e Latour podem contribuir para se compor formas de pesquisar que ao mesmo tempo tenham rigor e abertura, bem como tecer e retomar mais algumas observações sobre a experiência de ‘viajar’ seguindo a dispersão das biotecnologias não para estudá-las em si, mas para refletir sobre aquilo que elas vêm tocando e transformando na contemporaneidade. Buscarei com isso evidenciar a conexão entre discussão proposta na abertura da caixa-preta (como condições de possibilidade) e os rumos percorridos na pesquisa.

“Existe um segundo código?”⁷⁰: deslocamentos

⁶⁹ A imagem que me ocorre para expressar essa forma de aproximação é exatamente a minha experiência como ‘viajante’ pela cidade do Rio de Janeiro, frente à ‘Sétima Maravilha do Mundo Moderno’. Para admirá-la, se pode subir ao Corcovado, mas as perspectivas mais interessantes e surpreendentes que se pode ter da mesma, se consegue circulando pela cidade. Porém, muitas vezes, há um ‘equivoco’, talvez produzido pela ingenuidade do viajante, talvez induzido pelos ‘guias de turismo’ utilizados, ou por ambos – que muitas vezes cometemos na pesquisa e que fez parte também do meu processo de exploração – de que precisamos subir ao Corcovado para ‘ver’ o Cristo Redentor! Transposta para a pesquisa, essa atitude relaciona-se ao modo como muitas vezes não conseguimos nos afastar do ‘objeto’ que queremos ‘admirar’, não nos permitimos circulá-lo, explorá-lo por outros ângulos, olhá-lo a partir de outros lugares. Tem a ver com o modo como, muitas vezes, ‘violentamos’ nosso objeto ao inquiri-lo ‘frontalmente’, não permitindo que ele fale e se mostre em sua riqueza, o que só é possível quando mudamos nossas perguntas, quando mudamos para quem as dirigimos e quando lhe damos ‘espaço’ para aparecer. Com isso, o que quero dizer, é que os ‘encantamentos’ maiores, mais impressionantes, que devem também ser parte da pesquisa, se dão nesse circular, nesses entornos por onde passamos, antes de estarmos aos pés do Cristo, tentando enquadrá-lo nos limites de nossa câmera fotográfica.

⁷⁰ Jornal da Ciência, Órgão da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 02 de agosto de 2006: “Aparentemente sim. Pesquisadores do Instituto Weizmann e da Universidade Northwestern em Chicago acreditam que tenham encontrado um segundo código no DNA em adição ao código genético. O código genético especifica a seqüência das proteínas sintetizadas por todas as células de um organismo. O suposto segundo código sobrepõe ao primeiro, ordenando os nucleossomas, proteínas que se enovelam ao DNA, protegendo-o e controlando o acesso a esta molécula.(...) Os pesquisadores, em levedura, foram capazes de caracterizar este segundo código e então, utilizando-se da seqüência do DNA, predizer um grande número de posições do nucleossoma em torno do genoma. Análises matemáticas de 200 regiões diferentes do DNA ligadas ao nucleossoma, revelaram códigos de similaridades entre as seqüências ligadas e as livres. Este código consiste de um sinal periódico que aparecia a cada 10 bases na seqüência do DNA. A repetição regular deste sinal favorecia o segmento do DNA adquirir a forma esférica necessária para formar um nucleossoma. Para identificar este código de posicionamento do nucleossoma foram usados modelos probabilísticos para caracterizar as seqüências ligadas pelos nucleossomas, e então desenvolvidas algoritmos computacionais para revelar a organização do código desta estrutura ao longo de todo o cromossomo. Pela primeira vez dados sugerem como os nucleossomas e outras proteínas interagem na regulação do DNA. Se confirmada, esta descoberta fornecerá novas maneiras de olhar o delicado controle genético, como o processo misterioso da especificidade de certas células ativarem uns genes e não outros. Desde que as proteínas (eg histonas), que formam o nucleossoma, estão entre as mais conservadas na natureza, esse segundo código também deve ser conservado em vários organismos, inclusive no ser humano. Mais detalhe na revista Nature da

Ah, mas como eu desejaria lançar ao menos numa alma alguma coisa de veneno, de desassossego e de inquietação. Isso consolar-me-ia um pouco da nulidade da acção em que vivo. Perverter seria o fim da minha vida. Mas vibra alguma alma com minhas palavras? Ouve-as alguém que não só eu?
(Pessoa, 1999, p. 98)

Os mesmos lugares visitados com uma disposição diferente, os tornam diferentes. Os modos de percorrê-los alteram a paisagem a ser explorada. Essa viagem foi marcada pelas ‘interferências’ ou transmutações que podem ser produzidas nos modos de fazer pesquisa na psicologia, quando se aproximam os trabalhos de Foucault e Latour.

A primeira consideração a ser feita é que nesta abordagem da pesquisa, a abertura ao imprevisto, conecta-se com constantes abandonos e novas ‘aquisições’. *Não há questão de pesquisa anterior ao movimento de pesquisa que se sustente intacta.* A pesquisa se compõe das várias questões que se formulam e abandonam, respondidas ou não, mas que acima de tudo, emergem do movimento de pesquisar, do processo; assim como uma viagem que produz ao mesmo tempo a paisagem e o viajante, não como elementos independentes, mas como parte de uma mesma rede, de um mesmo ‘pluriverso’. Essa ‘fluidez’ não é entendida como uma problemática falta de objetividade, mas como resposta positiva à objetividade – entendida como a recalcitrância do objeto – e expressão da produção do pensamento em si, que exige deslocamentos de olhares e focos. *De certo modo, a insatisfação e o abandono de questões precedentes são os grandes ‘resultados’ de uma pesquisa vista como processo.* A tradução do processo de problematização desenvolvida nesta tese, nas três questões no início deste trabalho, certamente não foi o ponto de partida de meu trabalho, mas um ponto de referência que, ao longo de sua trajetória, foi necessário estabelecer, como naqueles momentos em que já havendo explorado livremente e nos perdido em um território desconhecido, paramos para ‘organizarmos’ o que já vimos e tentamos ‘mapear’ por onde seguir para que não comecemos a andar em círculos.

Este modo de trabalho, também produz um deslocamento ‘metodológico’ – que é pontuado por Machado (2006) em relação a abordagens que utilizem as ferramentas foucaultianas e coincide com o que propõe Latour – ao voltar-se para

uma análise que não vai se deter à validade epistemológica dos conceitos científicos, mas à produção da verdade na ciência e sua dimensão política. *A pesquisa é produção de tensionamentos de questões científicas e políticas*, freqüentemente postas em oposição nos espaços acadêmicos (Coimbra, 2004).

Particularmente na psicologia, trabalhar com Foucault e Latour quer dizer *desnaturalizar a concepção de um 'eu' assentado na idéia de profundidade psicológica interior e 'desepistemologizar' os enunciados psi*. O 'eu' em contínua transformação é forjado por processos de subjetivação engendrados por redes que envolvem práticas, objetos, tecnologias e discursos. A supremacia epistemológica é confrontada com seus rituais de fabricação e legitimação, que envolvem questões financeiras, éticas e políticas. Juntos esses aspectos abrem o campo psi para a problematização de questões ignoradas por abordagens tradicionais, incluindo-se aqui temáticas emergentes na sociedade contemporânea, bem como a própria reflexão sobre a produção de conhecimentos e fatos psi.

Esse movimento permite uma aproximação crítica da disciplina científica, rompendo a suposta redoma que a colocaria em um outro patamar, ao mesmo tempo afastada e protegida da sociedade. Por um lado evidencia-se que *as 'contaminações', as 'interferências', os 'interesses' são parte constituinte da produção da ciência*, por mais que esta queira afirmar sua neutralidade e isenção em termos Modernos. Por outro lado, dissolve-se a unilateralidade expressa pela hierarquização da ciência frente à sociedade. O que se tem é uma relação de interdependência, onde cientistas e não-cientistas, humanos e não-humanos, são agentes ativos nas redes de fabricação da ciência. *A ciência não se produz e não se sustenta apenas pela ação de especialistas atuando nas instâncias acadêmicas*.

Tal postura pretende formular uma crítica que não é necessariamente ao conteúdo, mas às implicações das 'verdades' fabricadas pela ciência. Não se trata, portanto, de declarar a ciência como inimiga, ou, no que concerne às biotecnologias, negar as possibilidades que estão se abrindo, mas pensar que todos estes movimentos trazem sempre a emergência de novas questões de cunho ético e político que devem constar na pauta do dia.

Na viagem proposta, a especificidade dos caminhos e das paisagens percorridas, vinculam-se a essas questões – e por isso comecei esta viagem pela porta de trás, pela caixa-preta – e apontam para a existência de outras possibilidades de incursão pelo reino das biotecnologias e, de modo geral, pelos

caminhos da pesquisa em psicologia, que comporiam outras paisagens e outros viajantes. O percurso feito permitiu visibilizar algumas transformações importantes que estão sendo disparadas pela biotecnologia; a primeira delas, destacada por Landecker (2005), é a transmutação na definição do que é o biológico. Dessa decorrem as demais: mudanças em como definir a vida, o humano, o corpo, o ‘eu’ ou a ‘subjetividade’.

A expansão das biotecnologias e sua penetração cada vez mais intensa nas diversas camadas da vida, não alteram nosso modo de experienciar a vida apenas pelas intervenções que tomam o humano com seu alvo. Na verdade elas estreitam cada vez mais nossos vínculos com o não-humano, produzindo formas híbridas sem precedentes, que nos colocam em outras posições tanto em relação a nós, aos outros e ao mundo de um modo mais amplo. Mas esse processo não se restringe a transmutações, incluindo também a produção de ‘novidades’, como uma nova linguagem que se empresta para ser usada não apenas na referência às biotecnologias em si, mas à vida como um todo. Assim como houve no século XX a disseminação do vocabulário psicológico a partir do qual as pessoas passaram a experienciar a si e ao mundo, há hoje a ‘implementação’ do vocabulário biotecnológico na vida cotidiana. Gens, clonagens, híbridos, transgênicos, células-tronco, DNA, entre outros termos, já não são estranhos nas situações mais corriqueiras da vida cotidiana.

É justamente o poder de transmutação que me faz situar a biotecnologia no centro dos dispositivos biopolíticos contemporâneos, pois não é apenas a biologia que se apresenta como suporte de inscrição de modos de ser, mas uma forma específica, bastante particular desta biologia, que só é possível a partir de todo um aparato tecnológico, que se implica com novas possibilidades de intervenção, sobre o biológico, a vida, o humano, o corpo e também sobre o ‘eu’. Nossa identidade, que se perdia em redes de pertencimentos (nomes, sobrenomes, sexo, data e lugar de nascimento), encontra hoje, como afirma Serres (2003), sua possibilidade de expressão mais autêntica no DNA. Esse passa a ser o nosso verdadeiro nome, que dá ao ‘eu’ hoje sua assinatura mais singular: “... pela primeira vez, trata-se de meu verdadeiro nome, de um único código e de nenhum outro, que tão bem corresponde ao meu corpo e que o constitui” (p. 80).

Essa mudança na “ontologia humana” “possibilita que sejamos governados por novos meios” e que “governemos a nós mesmos diferentemente” (Rose, 2007,

p. 192). O toque biotecnológico transforma o alcance da biopolítica, que já não se exerce mais apenas sobre a vida das populações, mas sobre a vida em si e suas possibilidades futuras. O governo toma como alvo a virtualidade da vida e das populações. Na sua interface com a produção de verdade vemos emergir no campo dos saberes psi novas especialidades, ao mesmo tempo em que outras já consagradas ganham evidência, a partir das interfaces da psicologia com as biotecnologias, que reconectam a psicologia com suas origens fisiológicas, sob denominações como psicobiologia, psicofisiologia, neuropsicologia, psicofarmacologia, psiconeuroimunologia, neuropsicanálise, psicoendocrinologia, psicodermatologia ou medicina psicocutânea, entre outras.

O toque biotecnológico produz um movimento sísmico no terreno dos saberes constituídos, sobre o que pensamos ser, sobre o que vamos nos tornando, sobre como falamos e ‘cuidamos’ desse ser... As alianças que vão se criando não apenas inscrevem a ‘subjetividade’ na estrutura biotecnológica do corpo, mas apontam aí para novas possibilidades de uma manipulação da mesma, que colocam os laboratórios no centro dos aparatos de produção de saber sobre o sujeito. Novos especialistas têm assumido a gestão desta ‘subjetividade’ que se produz pelos dispositivos contemporâneos, dentre os quais, a biotecnologia. Diante da materialidade e visibilidade do corpo biotecnológico, diante do que prometem as biotecnologias em termos de objetividade, rapidez e eficiência, investir nos rumos incertos de terapias psicológicas pautadas na ‘confissão’, na escuta ou qualquer outra forma de intervenção focada na ‘subjetividade’, passa, muitas vezes, a soar como ingenuidade ou misticismo.

O que isso nos diz é que o atrito produzido por esse movimento no campo dos saberes também *constitui para o próprio ‘sujeito biotecnológico’ questões de ordem ética* (adotando aqui uma perspectiva foucaultiana). São questões relativas ao cuidado de si, ao como relacionar-se com estes regimes de verdade (das biotecnologias e de todas as outras *expertises* que são mobilizadas e produzidas, tais como a bioética), como relacionar-se com estes outros seres biotecnológicos (humanos e não-humanos) que estão sendo fabricados e nos quais estamos nos convertendo, entre outras.

As estratégias biopolíticas também sofrem transformações, mas a despeito da constituição de uma ‘subjetividade’ cada vez mais biotecnológica, molecular e menos ‘psicológica’, elas parecem não ter dispensado algo que a psicologia se

especializou em fazer, por diferentes vias, com diferentes focos, ao longo do século XX: o gerenciamento da conduta. Sua interface com as biotecnologias compõe novas alianças, estratégias e elementos envolvidos, mas parece não tê-la descartado em absoluto, tampouco a afastou das práticas biopolíticas de controle às quais historicamente se vincula. O desenvolvimento de novas tecnologias na contemporaneidade cria condições para o deslocamento das estratégias de gerenciamento para o campo empírico biológico, estabelecendo novas e poderosas alianças que têm constituído outros modos de existência e, portanto, novas formas de governo que, no entanto, não se dão necessariamente de forma alheia às práticas forjadas pela psicologia do século XX.

Os movimentos nessa rede de constituição de saberes, poderes e sujeitos, produzem transformações no campo da psicologia como ciência, nas categorias explicativas do ser humano e suas “patologias”, nos modos de estudo do ser humano e fundamentalmente na própria concepção de ser humano. Alteram-se simultaneamente a) *as tecnologias de produção de verdade*, os modos de confirmação e refutação dos discursos científicos; b) *as tecnologias de produção do eu*, naquilo que se passa a prescrever e definir como formas de intervenção sobre o ‘eu’, incluindo o que é terapêutico e objetivo das intervenções psi; e c) aquilo que podemos chamar de *sujeitos* (ou *objetos*) destes saberes, produzindo-se novas concepções de ‘eu’, de ser humano e daquilo que a psicologia toma como seu campo de estudo. Assim como o dispositivo da sexualidade inaugurou um saber do sujeito, produzindo em torno do sexo uma “ciência do sujeito” (Foucault, 1988), as novas linguagens sobre o corpo biotecnológico inauguram novas formas de saber e compreender a vida e a subjetividade. Elas tornam “visíveis, para os outros e para si, aspectos da individualidade humana que vão além da ‘experiência’”, produzindo novos sentidos, reorganizando-a “de acordo com novos valores sobre o que somos, o que devemos fazer e o que podemos esperar” (Novas & Rose, 2000, p. 488). Abrem, assim, uma nova gama de questões relativas àquilo que ousamos desejar (President’s Council on Bioethics & Kass, 2003).

É diante destes desafios emergentes que cabe perguntar à psicologia sobre o que faz ou lhe resta fazer face à biotecnologização da vida. Como ela participa da composição destes novos modos de subjetivação que pelo menos aparentemente inviabilizam ou transmutam de forma radical um de seus mais preciosos objetos –

e pode-se dizer que até então quase que exclusivo no campo científico: a ‘subjetividade’?

Diante disso, à pergunta formulada por Rose sobre se ainda existe algo de significativo na psicologia como ciência social e política, uma resposta possível é que isso dependerá do que se está construindo como objetivo ético-político das práticas psicológicas contemporâneas. A profunda mudança que se ensaia em relação à concepção de ‘subjetividade’ não põe necessariamente em questão a existência da psicologia. No entanto, a formação de novas combinações da psicologia com as biotecnologias em determinadas alianças instrumentalistas recoloca questões quanto a sua constituição como ciência, seja com referência a questões epistemológicas ou éticas, como refere Canguilhem (1973), exaltando a sua prestatividade em servir como instrumento para outras áreas do conhecimento. Essa situação, de certo modo, atualiza a questão com que este autor, há mais de 20 anos, termina seu artigo intitulado “O que é a psicologia?”, com a filosofia interrogando a psicologia: “dizei-me em que direção tendes, para que eu saiba quem sois” (p. 11), mas traz outras interrogações para além desta.

O toque biotecnológico também faz escancarar a pertinência, na atualidade, de uma observação pontuada por Foucault em 1957: “A renovação radical da psicologia como ciência do homem não é, portanto, simplesmente um fato histórico do qual podemos situar o desenrolar durante os últimos cem anos; ela ainda é uma tarefa incompleta a ser preenchida e, a esse título, permanece na ordem do dia” (Foucault, 2006g, p. 134). Na verdade, a questão que se coloca cada vez com mais intensidade, não apenas à psicologia, mas às ciências em geral, é exatamente *como gerar um processo de renovação que seja constante* – e não um ponto de chegada – que acompanhe a movimentação das redes sociotécnicas. Paradoxalmente, ao se levantar essa interrogação sobre como abrir a psicologia para um processo de renovação constante, talvez a questão de saber ‘o que é a psicologia’, já não seja a mais apropriada. A mesma processualidade dos modos de subjetivação pode ser pensada em relação à psicologia e aí a questão mais pertinente talvez fosse: *no que a psicologia está se tornando?*

Essas são questões das quais a psicologia, freqüentemente, tem se esquivado, negligenciando, assim, reflexões sobre as implicações e objetivos de suas práticas. Ou talvez essas tenham sido obscurecidas pela obsessiva busca acadêmica pelos métodos e técnicas psicológicas, que fazem ao mesmo tempo a

psicologia tão ‘aplicável’ e ‘adaptável’ às mais ‘inusitadas’ circunstâncias, como se vê hoje em suas atuações junto ao sistema judicial com as práticas de depoimento sem dano e justiça terapêutica; nos processos seletivos que se reduzem a aplicações de dinâmicas de grupo nos setores de Recursos Humanos das organizações; nas propostas de tratamentos para conversões de homossexuais... Da mesma maneira que a biotecnologia vem transformando o modo como entendemos e definimos o que somos (nos tornamos); redefinindo o que constitui nosso ‘eu’, o que é a vida, a felicidade, a saúde, a qualidade de vida, e assim por diante; reconfigurando espaços e estratégias de governo, controle e regulação social; as transmutações por elas disparadas ‘forçam’ ou ‘pressionam’ psicologia a refletir e posicionar-se frente a estas questões.

No espetáculo contemporâneo de produção do dispositivo da biotecnologia e seus modos de subjetivação, a psicologia definitivamente não é uma expectadora passiva. Se ela ainda terá algo a fazer ou dizer no século XXI, depende de como ela vai se relacionar, não apenas com o dispositivo da biotecnologia, mas de outras questões emergentes e o que se produz a partir disso. Depende dela se abrir para descentramentos de conceitos desenvolvidos ao longo do século XX, que não dão conta dos processos de vida contemporâneos.

APÊNDICES

Apêndice A – Ato normativo 1



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado / Doutorado**

ATO NORMATIVO Nº 001 / 07

PUBLICAÇÃO DE DOUTORANDOS

A Comissão Coordenadora, no uso de suas atribuições, em relação à exigência parcial de produção bibliográfica de doutorandos, **RESOLVE**:

Para defender sua tese, doutorandos, ingressantes a partir do ano de 2007, devem apresentar produção bibliográfica indexada (CAPES QUALIS), publicada ou com aceite documentado, num total de 10 pontos, atribuíveis conforme abaixo:

REVISTAS	Pontuação em co-autoria com orientador	Pontuação sem co-autoria com orientador
Revista Internacional A	06	05
Revista Internacional B	05	04
Revista Internacional C	05	04
Revista Nacional A	05	04
Revista Nacional B	04	03
Revista Nacional C	03	02
Revista Local A	02	01
Revista Local B	02	01
Revista Local C	02	01

Observação: artigo em revista não avaliada, independente de co-autoria com o Orientador, recebe 01 ponto.

Livros	Pontuação em co-autoria com orientador	Pontuação sem co-autoria com orientador
Capítulo de livro, em livro com conselho editorial	03	02
Capítulo de livro, em livro sem conselho editorial	02	01

Observação: Casos Excepcionais serão tratados pela Comissão Coordenadora.

Este Ato Normativo entra em vigor a partir da presente data, anulando as resoluções anteriores referentes às publicações.

Porto Alegre, 06 de novembro de 2007.

Prof.^a Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – P. 11– 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos

Apêndice B – Ato normativo 2



**Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado / Doutorado**

ATO NORMATIVO Nº 002 / 07

MODELO DE DISSERTAÇÕES E TESES:

A Comissão Coordenadora, no uso de suas atribuições, em relação ao novo modelo de teses e dissertações, **RESOLVE:**

I - ELEMENTOS FORMAIS

CAPA - AZUL (MODELO PUCRS)
 FOLHA ROSTO - CENTRALIZADA
 FOLHA ROSTO COM OBTENÇÃO DO TÍTULO - NO VERSO DESTA FOLHA DEVE CONSTAR A FICHA CATALOGRÁFICA
 FOLHA ROSTO COM NOMES DA BANCA EXAMINADORA
 DEDICATÓRIA (OPCIONAL)
 AGRADECIMENTOS (OPCIONAL)
 RESUMO e PALAVRAS-CHAVE/ ABSTRACT e KEY WORDS DA DISSERTAÇÃO/TESE
 SUMÁRIO
 TABELAS
 LISTA DE FIGURAS
 QUADROS
 LISTAS DE SIGLAS
 NÚMERO DA ÁREA DO CNPq

II – INTRODUÇÃO

O objetivo desta introdução é descrever todo o processo de pesquisa para a elaboração da tese ou dissertação, desde a escolha do tema até o final da investigação. Deverá contemplar o planejamento e desenvolvimento do estudo bem como a apresentação dos resultados e discussão. É importante que essa introdução retrate o processo de construção do conhecimento do/a aluno/a.

A Introdução pode ser elaborada **como um texto único** ou **ser dividida em tópicos** como os sugeridos abaixo:

a) Temática da Dissertação/Tese

Contextualizar o tema na atualidade/temporaneidade. Explicitar os fundamentos teóricos, considerando a área do conhecimento em que o estudo está inserido, explicitando a relevância do tema pesquisado.

b) Justificativa

Abordar a importância do tema estudado, no sentido de mostrar em que, como, por que e para o que pode contribuir para a produção de conhecimento.

c) Objetivos

Fazer constar os objetivos da pesquisa, evidenciando as modificações que possam ter ocorrido no processo de construção da dissertação/tese.

d) Operadores/Conceitos/Ferramentas teóricas

Apresentar os conceitos/operadores e perspectivas teóricas que fundamentam a pesquisa, indicando a perspectiva/o paradigma teórico, assim como a área do conhecimento na qual o estudo se situa.

e) Problema/Hipóteses e Questões da Pesquisa

Descrever o problema geral da pesquisa e, dependendo da abordagem, explicitar as questões ou das hipóteses da pesquisa.

f) Do Contexto/Campo de Pesquisa

Descrever o contexto no qual a pesquisa aconteceu, ou seja, espaço, local, lugar, que pode ter sido uma instituição, uma cidade, uma política, etc.

g) Metodologia de Pesquisa

Descrever todos os procedimentos utilizados para a realização da pesquisa, considerando população, participantes, métodos, técnicas de levantamento de dados e de análise dos resultados.

h) Apresentação da Dissertação/Tese

Descrever a proposta de estruturação do trabalho. Para tanto, o/a autor/a oferece uma visão integrada do trabalho apresentado, indicando a forma de organização do conteúdo em cada sessão/parte/capítulo do documento.

i) Referências

Listar todas as referências utilizadas na Introdução.

Este modelo possibilita transformar com facilidade uma parte, um capítulo, ou uma seção da Dissertação e/ou da Tese em material para a publicação. Além disso, o modelo proposto para a introdução informa detalhadamente as características do tema escolhido, o enfoque, a abordagem e a metodologia do trabalho realizado.

III – CAPÍTULOS/PARTES/SEÇÕES

Cada capítulo/parte/seção equivale ao que pode vir a ser transformado em capítulo de livro ou artigo de revisão/teórico (na dissertação e na tese) e ao primeiro artigo empírico (na dissertação e na tese) e ao segundo artigo empírico (na tese). Cada uma dessas partes forma em si um todo com Introdução, Objetivos, Método, Resultados, Considerações Finais, Referências, Anexos.

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer as considerações finais da dissertação ou tese como um todo, ou seja, como o conjunto dos materiais para dar um fechamento a tudo o que é explanado na Introdução. Listar as referências dessa parte.

V – ANEXOS

Aprovação do Comitê de Ética

OBSERVAÇÃO: Permanece como optativa, na ocasião da defesa, segundo critérios da orientação do trabalho, a entrega, como documento em separado, do Projeto da Dissertação/ Tese.

ATENÇÃO: O novo modelo de dissertações e teses acima é obrigatório para todos os alunos ingressantes no ano de 2007. Para alunos anteriormente matriculados é optativo.

Este Ato Normativo entra em vigor a partir da presente data, anulando as resoluções anteriores referentes a publicações.

Porto Alegre, 06 de novembro de 2007.

Prof.^a Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

PUCRS

Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 – P. 11– 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos

REFERÊNCIAS

- Aas, K. F. (2006). 'The body does not lie': identity, risk and trust in technoculture. *Crime Media Culture*, 2(2), 143-158. London.
- Abreu, C. F. (2005). *Carta ao Zézim*. Rio de Janeiro: Agir.
- Alvarez, D. (2004). *Cimento não é concreto, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica?* Rio de Janeiro: Myrrha Comunicação.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bernardes, A. G. & Guareschi, N. (2007). Estratégias de produção de si e de biotecnologias. *Psicol. estud.*, 12(1). Recuperado em 23 outubro, 2007, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000100018&lng=en&nrm=iso.
- Bucchi, M. (2002). Communicating Science. In Bucchi, M. *Science in Society. An Introduction to social studies of science* (pp. 107-123). Routledge: London.
- Camargo Jr, K. R. (2007). A razão inconstante: ciência, saber e legitimação social. In Jacó-Vilela, A. M. & Sato, L. (org.). *Diálogos em Psicologia Social*. Porto Alegre: Abrapso Sul/Evangraf.
- Canguilhem, G. (1973). O que é psicologia? Tradução de Maria da Glória Ribeiro da Silva. *Tempo Brasileiro*, 30/31, pp. 104-123.
- Canguilhem, G. (1990). *O cérebro e o pensamento*. Tradução de Sandra Yedid e Monah Winograd. Recuperado em 06 de junho, 2007, de http://br.geocities.com/materia_pensante/cerebro_pens_canguilhem.html.
- Canguilhem, G. (2005). O problema das regulações no organismo e na sociedade. In Canguilhem, G. *Escritos sobre a medicina* (pp. 71-88). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Cardoso Jr, H. R. (2005). Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18(3). Recuperado em 16 maio, 2007, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300008&lng=pt&nrm=iso.
- Cervantes, M. (2004). *Don Quijote de la Mancha*. Edición Del IV Centenário. Real Academia Española, Asociación de Academias de la Lengua Española.
- Coimbra, C. M. (2004). Tensão ou oposição entre ciência e política na pós-graduação? Um falso problema?. *Psicol. Soc.*, 16(1). Recuperado em 28 outubro, 2007, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000100007&lng=pt&nrm=iso.

- Deleuze, G. (1990). O que é um dispositivo? In Deleuze, G. *Michel Foucault, filósofo*. (155-163). Barcelona: Gedisa.
- Drummond de Andrade, C. (1977). *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Ferrari, E. A. M. & Toyoda, M. S. & Faleiros, L. (2001, Maio/Agosto) Plasticidade neural: relações com o comportamento e abordagens experimentais. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 17(2), 187-194.
- Ferreira, A. A. L. (2006/2007). Para além dos fundamentalismos epistemológicos: o encontro de Michel Foucault e Bruno Latour na construção diferencial de um mundo comum. *Revista Aulas*, 3. Recuperado em <http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/03.pdf>.
- Figueiredo, L. C. (1995, Outubro). Foucault e Heidegger: A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar). *Tempo Social; Rev. Sociol.*, 7(1-2), pp. 136-149. São Paulo: USP.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1990a, Abril/Junho). Qu'est-ce que la critique? Critique et *Aufklärung*. *Bulletin de la Société française de philosophie*, 82(2), pp. 35-63. (Conferência proferida em 27 de maio de 1978). Tradução de Gabriela Lafetá Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento. Recuperada de <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/critique.html>>.
- Foucault, M. (1990b). Sobre a história da sexualidade. In Foucault, M. *Microfísica do poder*. (9a ed). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1999a). *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (1999b). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2001). *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2006a). A casa dos loucos. In Foucault, M. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise – Ditos e Escritos I*. (2a ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2006b). Mesa-redonda em 20 de Maio de 1978. In Foucault, M. *Estratégia, Poder - Saber – Ditos e Escritos IV*. (2a ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2006c). *O poder psiquiátrico: curso no Collège de France (1973-1974)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2006d). Foucault. In Foucault, M. *Ética, Sexualidade, Política – Ditos e Escritos V*. (2a ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2006e). O Retorno da Moral. In Foucault, M. *Ética, Sexualidade, Política – Ditos e Escritos V*. (2a ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Foucault, M. (2006f). A Tecnologia Política dos Indivíduos. In Foucault, M. *Ética, Sexualidade, Política – Ditos e Escritos V.* (2a ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2006g). A Psicologia de 1850 a 1950. In Foucault, M. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise – Ditos e Escritos I.* (2a ed). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Harris, J. (2005). The ordering of things: organization in Bruno Latour. *The Editorial Board of the Sociological Review* (pp. 163-177).
- Houaiss, A. & Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kendall, G. & Michael, M. (2001, Novembro). Order and disorder: time, technology and the self. *Culture Machine – Interzone.* Recuperado em 03 setembro, 2007, de <<http://culturemachine.tees.ac.uk/InterZone/kendall.htm>>.
- Landecker, H. (2005). Living differently in time: plasticity, temporality and cellular biotechnologies. *Culture Machine 7.* Recuperado em 03 setembro, 2007 de <<http://culturemachine.tees.ac.uk/Cmach/Backissues/j007/articles/landecker.htm>>.
- Landeira-Fernandez, J. & Cruz, A. P. M. (1998a). Da filosofia à neurobiologia: O que o psicólogo precisa saber sobre os efeitos da psicoterapia no sistema nervoso. *Cadernos de Psicologia*, 4(1), 83-89.
- Landeira-Fernandez, J. & Cruz, A. P. M. (1998b). A interpretação psicobiológica da clínica psicológica: Por que a psicoterapia funciona? Por que psicoterapeutas devem ter o direito de prescrever drogas psicotrópicas? *Cadernos de Psicologia*, 9, 121-155.
- Landeira-Fernandez, J. & Cruz, A. P. M. (2003). *Mente, cérebro e a prática psicológica. *Mente e Cérebro*: Revista eletrônica de divulgação em neurociências*, 17.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.* Rio de Janeiro, Ed. 34.
- Latour, B. (2000a, Janeiro/Março). When things strike back: a possible contribution of 'science studies' to the social sciences. *British Journal of Sociology*, 51(1), 107-123.
- Latour, B. (2000b). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.* São Paulo: UNESP.
- Latour, B. (2001). *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos.* Bauru, SP: EDUSC.
- Latour, B. (2002). *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches.* Bauru, SP: EDUSC.
- Latour, B. (2004). *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia.* Bauru, SP: EDUSC.
- Lupton, D. (1995). *The imperative of health.* Sage Publications: London.

- Lyotard, F. (2002). *A condição pós-moderna*. (7a ed). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Machado, R. (2006). *Foucault, a ciência e o saber*. (3a ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Moreira, T. & Palladino, P. (2005). Between truth and hope: on Parkinson's disease, neurotransplantation and the production of the 'self'. *History of the Human Sciences*, 18(3), 55-82.
- Nardi, H. C. & Silva, R. N. (2005). Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In Guareschi, N. & Hüning, S. *Foucault e a Psicologia*. Porto Alegre: Abrapso Sul.
- Nascimento, A. C. & Sayd, J. D. (2005). "Ao Persistirem os Sintomas, o Médico Deverá Ser Consultado" Isto é regulação? *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 15(2), 305-328.
- Novaes, A. (2003). A ciência no corpo. In Novaes, A. (org). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Novas, C. & Rose, N. (2000). 'Genetic Risk and the Birth of the Somatic Individual'. *Economy and Society*, 29(4), 485-513.
- Parker, I. (2002). *Critical discursive psychology*. Houndmills: Palgrave Macmillan.
- Pessoa, F. (1999). *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pimentel, C. & Bruno, F. (2006a). Da produção de sentido ao gerenciamento de informações: uma análise das implicações das neurociências e biotecnologias sobre a subjetividade. *Ciências & Cognição*, 8(3). Recuperado de www.cienciasecognicao.org.
- Pimentel, C. & Bruno, F. (2006b, Julho/Dezembro) Corpo, sujeito e visibilidade: implicações das biotecnologias na tópica da interioridade. *Interações*, XII(22), 39-56.
- Pimentel, C. P. (2006). A Vida não é mais alteridade (?): biotecnologias e sujeito psicológico. *Mnemosine*, 2(2), 170-182. Recuperado de <http://www.cliopsyche.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/viewFile/107/184>
- Pinho, J. G. T. (2005, Março). Cozinhando a geometria de redes de pesquisa com apropriações em ciência: conexões apetitosas para candidatos a *gourmet*. *Ciências & Cognição*, 4(2). Recuperado de www.cienciasecognicao.org.
- Prado Filho K. & Martins, S. (2007). A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). *Revista Psicologia & Sociedade*, 19(3), 14-19.
- Prado Filho, K. (2005). Para uma arqueologia da psicologia (ou: para pensar uma psicologia em outras bases). In Guareschi, N. & Hüning, S. (orgs). *Foucault e a Psicologia*. Porto Alegre: Abrapso Sul.
- President's Council on Bioethics (U.S.) & Kass, L. (2003). *Beyond Therapy: Biotechnology and the Pursuit of Happiness*. Washington, D.C.
- Riberio, R. J. (2003). Novas fronteiras entre natureza e cultura. In Novaes, A. (org). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rose, N. (1991) *Power and Subjectivity: Critical History and Psychology*. Recuperado em 26 abril, 2005, de <<http://academyanalyticcarters.org/rose1.html>>.

Rose, N. (1996). *Inventing Our Selves: Psychology, Power and Personhood*. New York: Cambridge University Press.

Rose, N. (2001, Junho/Julho). Como se deve fazer a história do eu? *Revista Educação & Realidade*, 26(1), 33-55.

Rose, N. (2007). *The Politics of Life Itself: Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century*. Oxford: Princeton University Press.

Sánchez-Criado, T. (2005, Julho/Agosto). El cultivo de las emociones en diferentes tradiciones: Antropología de la ciencia, William James y Etnopsicología en la obra de Vinciane Despret. *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana*, 42.

Seale, C. (2003). Health and media: an overview. *Sociology of Health & Illness*, 25(6), 513-531.

Serres, M. (2003). *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Silverstone, R. (1991). Communicating Science to the public. *Science Technology, & Human Values*, 16(1), 106-110.

Souza, R. T. (2004). *Ética como fundamento: uma introdução à Ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia.

Winograd, M. (2004). Matéria pensante – a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 56(1). Recuperado em 04 dezembro, 2007, de <<http://seer.psicologia.ufrj.br/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=32>>.